

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

de humor

Boccaccio | Marquês de Sade | Fiódor Dostoievski | O. Henry | Jerome K. Jerome | Saki | P. G. Wodehouse | Enrique Jardiel Poncela | Ring Lardner | Dezső Kosztolányi | James Thurber | Boris Vian | Mario Benedetti | Woody Allen | Raymond Queneau | Alexandre O'Neill

Direcção: Luísa Costa Gomes | Edição: Tinta Permanente

Edição especial para

VISÃO

Fora de Série

Pode colaborar com a *Ficções*, enviando os seus contos para um dos endereços abaixo indicados. O envio de contos supõe a autorização para a sua publicação, se seleccionados pela direcção da revista, na edição em papel ou na sua versão online no site *www.ficcoes.net*
A primeira página dos originais enviados deverá incluir um nome e morada para contactos.

endereço e-mail: contos-leitores@ficcoes.net

endereço postal: Apartado 23346
1171-801 Lisboa

Os pedidos de assinatura ou de números atrasados da revista devem ser enviados para:

Tinta Permanente
Av. Infante D. Henrique, 71
9500-150 Ponta Delgada

Os pedidos deverão ser acompanhados do respectivo cheque de pagamento:

Assinatura anual (3 números): 24 euros

Assinatura 2 anos (6 números): 40 euros

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

Fora de série Abril de 2003

Ficções

ficcoes@mail.telepac.pt

www.ficcoes.net

Apartado 23346

1171-801 Lisboa

Direcção

Luísa Costa Gomes

Coordenação

José Lima

Capa e orientação gráfica

Jorge Silva

Impressão e acabamento

Mateo Cromo – Artes Gráficas

Ctra. de Fuenlabrada, s/n – Pinto

28320 Madrid – Espanha

Data de impressão: Março de 2003

Tiragem: 28 000 exemplares

ISBN: 972-8625-09-X

Depósito legal: M-8578-2003

Edição

Tinta Permanente

para a Revista VISÃO

tintapermanente@mail.pt

Administração

Empresa de Palavras

Av. Igreja, 9 – 3.º Esq.

1700-230 Lisboa

Tel.: 296 628 135

© *Ficções* 2003

Índice

- 5 Boccaccio (*Chichibio*)
- 11 Marquês de Sade *Há lugar para dois*
- 17 Fiódor Dostoievski *O pedinçãõ*
- 27 O. Henry *Confissões de um humorista*
- 43 Jerome K. Jerome *O custo da bondade*
- 57 Saki *Esmé*
- 67 P. G. Wodehouse *A sociedade de acidentes de Ukridge*
- 95 Enrique Jardiel Poncela *Um amor oculto*
- 103 Ring Lardner *Falta-me o ar!*
- 121 Dezső Kosztolányi (*O tradutor cleptómano*)
- 131 James Thurber *A vida secreta de Walter Mitty*
- 143 Boris Vian *A festa-surpresa de Léobille*
- 159 Mario Benedetti *A expressão*
- 163 Woody Allen *A puta de Mensa*
- 175 Raymond Queneau (*Da boa utilização dos calmantes*)
- 181 Alexandre O'Neill *O cidadão Pipote*

Boccaccio

(*Chichibio*)

Tradução de José Lima

Giovanni Boccaccio nasceu em 1313, em Paris, onde os pais se encontravam de passagem, tendo crescido e estudado em Florença, onde viria a conhecer Petrarca de quem foi amigo. Morreu em 1375, em Certaldo, na terra da família.

O livro que imortalizou Boccaccio foi indubitavelmente o *Decameron*, de onde foi retirado o conto que aqui publicamos, embora tenha escrito outros livros, hoje considerados de menor importância, como *Filocolo* (1338), *Amorosa Visione* (1342), *Elegia di Madonna Fiammetta* (1344), *Vita di Dante* (1364).

O *Decameron*, que Boccaccio concluiu em 1353, começa com uma descrição dos terríveis efeitos da peste, e a apresentação de um grupo de sete damas e três homens reunidos numa *villa* nos arredores de Nápoles, onde se refugiaram para escapar à epidemia. Durante os dez dias que aí passam cada um conta uma história aos outros, reunindo-se deste modo as cem histórias que constituem o livro.

Estes cem contos percorrem todos os registos, da mais hilariante comicidade ao mais trágico dramatismo; da sensualidade mais primária à mais elevada espiritualidade. São também variadas as situações, as personagens, e os recursos linguísticos e literários utilizados, passando do dialecto ao vernáculo, do tom pícaro ao realismo rigoroso e à efabulação maravilhosa.

Este clássico da literatura medieval, hoje traduzido em quase todas as línguas europeias, recebeu uma nova vida em 1971 com o filme de Pasolini, baseado nas histórias de Boccaccio.

Chichibio, cozinheiro de Currado Gianfigliuzzi, com uma pronta palavra em seu favor torna em riso a ira de Currado e escapa à má fortuna com que Currado o ameaçava.

(...) Por mais que o pronto engenho, amorosas senhoras, muitas vezes empreste a quem fala palavras prestes e úteis e belas, segundo as circunstâncias, também a fortuna, por vezes ajuda dos temerosos, lhes põe na língua subitamente tais palavras, que de ânimo sossegado nunca saberiam encontrar: eis o que com este conto entendo demonstrar.

Currado Gianfigliuzzi, como cada uma de vós pode ter ouvido e visto, foi sempre cidadão notável da nossa cidade, liberal e magnífico, e mantendo continuamente vida de montaria, deleitando-se com cães e aves, deixando de lado por ora os seus feitos mais importantes. Tendo ele caçado com um seu falcão certo dia perto de Peretola um grou, achando-o gordo e tenro, mandou-o a um seu bom cozinheiro, chamado Chichibio, que era veneziano; e com o mandá-lo deu-lhe por ordem que o amanhasse e assasse bem para a ceia. Chichibio, que era tão novo e vão como parecia, preparou o grou, pô-

-lo ao lume e com solicitude começou a cozinhá-lo. Estando o grou já quase assado e largando um grandíssimo aroma, aconteceu que uma moça daqueles sítios, de seu nome Brunetta e de quem Chichibio estava fortemente enamorado, entrou na cozinha e sentindo o cheiro do grou e vendo-o pediu com amorosa insistência a Chichibio que lhe desse uma coxa.

Chichibio respondeu-lhe na sua voz cantante e disse: “De mim não a tereis, dona Brunetta, de mim não a tereis.”

Com o que dona Brunetta enfadada lhe disse: “Por minha fé, se não ma dás, não terás de mim nunca coisa de teu aprazimento” e para sermos breves foram então muitas as palavras; por fim, Chichibio, para não atormentar a sua dama, arrancando uma das coxas ao grou, deu-lha.

Quando depois o grou sem a coxa foi posto diante de Currado e um seu hóspede, e admirando-se Currado da novidade, mandou chamar Chichibio e perguntou-lhe o que acontecera à outra coxa. Ao que o veneziano, mentiroso, prontamente respondeu: “Senhor, os grous não têm senão uma coxa e uma perna.”

Currado agastando-se com isto disse: “Como diabo não têm senão uma coxa e uma perna? Não vi eu outros grous senão este?”

Chichibio continuou: “Assim é, senhor, como vos digo; e quando vos aprouver eu vo-los farei ver vivos”.

Currado por mor do hóspede que consigo tinha não quis deixar-se levar pelas palavras, mas disse: “Pois que dizes que mos farás ver vivos, coisa que tal nunca vi nem ouvi dizer que houvesse, quero então vê-los pela manhã e ficarei então contente; mas juro-te pelo corpo

de Cristo que, se assim não for, de tal arte te farei tratar que, enquanto por cá andares, os teus males te hão-de fazer lembrar o meu nome.”

Por essa noite, as palavras ficaram-se por ali, mas na manhã seguinte, assim que o dia surgiu, Currado, a quem com o dormir a ira não passara, e ainda estava cheio dela, levantou-se e ordenou que lhe trouxessem os cavalos; e mandando Chichibio montar numa pileca conduziu-o a uma ribeira, onde ao romper do dia era costume verem-se groux nas margens, dizendo-lhe: “Cedo veremos quem terá mentido ontem à noite, se tu ou eu.”

Chichibio, vendo que durava ainda a ira de Currado e que lhe convinha dar prova daquilo que mentira, e não sabendo como o poderia fazer, cavalgava ao lado de Currado com o maior medo do mundo, e de boa vontade, se tal pudesse, teria fugido; mas não o podendo, olhava ora adiante, ora atrás, ora ao lado, e tudo o que via lhe pareciam groux com dois pés.

Mas chegados que foram perto do rio, aconteceu logo verem na margem uma boa dúzia de groux, todos repousando num pé, tal como costumam fazer quando dormem; pelo que ele prestamente os mostrou a Currado, dizendo: “Podeis agora ver bem, senhor, que é verdade o que ontem à noite vos disse, que os groux não têm mais do que uma coxa e um pé, se olhardes aqueles que ali estão.”

Vendo-os, disse Currado: “Espera, que já te mostrarei que têm duas” e chegando-se a eles quanto podia, gritou: “Oh! Oh!”, e com tal grito os groux, baixando o outro pé, depois de uns quantos passos, todos começaram a fugir; com o que Currado voltando-se para Chichibio disse: “Que te parece, farsante? Vês que têm duas?”

Chichibio ficara quase quedo e, sem saber ele próprio de onde lhe vinha, saiu-se com a resposta: “Senhor, sim, mas ontem à noite vós não gritásteis ‘Oh! Oh!’; que se assim tivésseis gritado também ele teria posto de fora a outra coxa e o outro pé, como estes o fizeram.”

Esta resposta agradou tanto a Currado que toda a sua ira se converteu em festa e riso, e disse: “Chichibio, tens razão: devia tê-lo feito.”

Assim, pois, com a sua resposta pronta e graciosa, Chichibio esquivou-se à má sorte e ficou em paz com o seu senhor.

Marquês de Sade

Há lugar para dois

Tradução de Manuel Resende

Sade (Donatien-Alphonse-François, marquês de) nasceu em 1740, em Paris, e morreu em 1814, no asilo de loucos de Charenton. Escritor francês cujas obras escandalizaram várias gerações de juizes até 1957, passou, como se sabe, 27 anos da vida preso, por isso e por actos de libertinagem que deram origem ao substantivo comum tirado do seu nome. *Filosofia na Alcova*, *Justine ou os Infortúnios da Virtude*, *História de Juliette ou as Prosperidades do Vício*, *Diálogo entre Um Padre e Um Moribundo* e *Cento e Vinte Dias de Sodoma* são algumas das suas obras mais conhecidas. *Historiettes, contes et fabliaux*, de onde foi retirado o conto que aqui se apresenta, foi publicado em 1926 por Maurice Heine. Estes contos curtos diferem em muito das obras principais do "Divino Marquês": pratica-se neles o que poderíamos chamar "sátira de costumes", muito longe da ironia perturbante, misturada com tiradas filosóficas contra Deus e a favor da libertinagem, que caracteriza os textos mais longos.

Uma burguesa muito formosa da rua Saint-Honoré, de cerca de vinte e dois anos, cheia, roliça, com as mais frescas e apetecíveis carnes, de formas bem torneadas embora algo abundantes e que a tantos atractivos somava presença de espírito, vivacidade e o mais vivo gosto por todos os prazeres que as rigorosas leis do himeneu lhe proibiam, decidira, há cerca de um ano, dar dois ajudantes ao marido, o qual, de velho e feio, sobre desagradar-lhe muito, ainda por cima só raramente se desincumbia daqueles deveres que, se um pouco mais bem cumpridos, talvez pudessem acalmar a exigente Dolmène, pois assim se chamava a nossa burguesa. Nada mais bem organizado do que os encontros marcados aos dois amantes: Des-Roues, jovem militar, tinha habitualmente o período das quatro às cinco da tarde, e das cinco e meia às sete chegava Dolbreuse, jovem comerciante com a mais formosa figura que já se viu. Era impossível reservar outras horas

do dia, pois tais eram as únicas em que a senhora Dolmène tinha sossego: pela manhã era preciso estar na loja, à tardinha às vezes também se via obrigada a ir lá ou então o marido regressava e havia que falar dos negócios. Além disso, a senhora Dolmène confessara a uma amiga preferir que os momentos de prazer se sucedessem assim, muito chegados: dessa forma, pretendia ela, o fogo da imaginação não se apagava e nada mais doce do que passar de prazer para prazer, pois se poupava o trabalho de repetir os preparativos; na verdade, a senhora Dolmène era uma criatura encantadora que calculava ao máximo todas as sensações do amor, poucas mulheres as analisavam como ela e graças ao seu talento compreendera que, pensando bem, dois amantes valiam muito mais que um só; no que toca à reputação, dava praticamente no mesmo, um cobria o outro, as pessoas podiam enganar-se, podia ser sempre o mesmo que ia e vinha várias vezes ao dia — mas quanto ao prazer, que diferença! A senhora Dolmène, que temia singularmente a gravidez, certa como estava de que o marido nunca cometeria com ela a loucura de estragar-lhe a cintura, calculara igualmente que com dois amantes se arriscava menos àquilo que temia de que com um só, pois — dizia ela como boa anatomista — os dois frutos se destroem mutuamente.

Certo dia, a ordem fixada para os encontros veio a ser perturbada e os nossos dois amantes, que nunca se tinham visto, travaram conhecimento duma forma, como iremos ver, bem divertida. Des-Roues era o primeiro, mas chegara demasiado tarde e, como por artes do demónio, Dolbreuse, que era o segundo, chegou um pouco antes.

O leitor pleno de inteligência verá logo que a combinação dessas duas pequenas faltas havia de originar um encontro inevitável, como de facto aconteceu. Mas contemos como se deu o caso e, se pudermos, demos dele notícia com todo o recato e comedimento que exige semelhante matéria, já de si muito licenciosa.

Por efeito de um capricho bastante bizarro — mas os homens são pródigos nisto —, o nosso jovem militar, farto do papel de amante, quis interpretar o de amada; em lugar de se acolher amorosamente aos braços da sua divindade, quis ser ele desta vez a acolhê-la; numa palavra, o que devia ficar em baixo, pô-lo em cima, e, por esta troca de papéis, quem se inclinava sobre o altar em que habitualmente se dava o sacrifício era a senhora Dolmène, que, nua como a Vénus Calipígia, estendida sobre o amante, virava para a porta da alcova em que se celebravam os mistérios aquilo que os gregos adoravam devotamente na estátua que acabámos de citar, numa palavra, essa parte tão bela que, sem irmos tão longe buscar exemplo, conta em Paris com tantos adoradores. Tal era a sua postura quando Dolbreuse, habituado a penetrar sem resistências, abriu a porta cantarolando e deu de caras com uma perspectiva que, segundo se diz, uma mulher verdadeiramente honesta não deve nunca mostrar.

Aquilo que a muita gente daria grande prazer fez recuar Dolbreuse.

— Que vejo! — exclamou. — Traidora!... É isso então o que me reservas?

A senhora Dolmène, que nesse preciso instante se encontrava numa dessas crises em que a mulher age

infinitamente melhor do que raciocina, decidiu-se pelo descaro:

— Que diabo tens tu? — disse ao segundo Adónis sem deixar de se entregar ao primeiro. — Não vejo nada que te moleste por demais; não nos incomodes, amigo meu, e acomoda-te no que ainda te sobra; como bem podes ver, há lugar para dois.

Dolbreuse, que não conseguiu ter o riso ante o sangue-frio da amante, achando que o mais simples era seguir-lhe o conselho, não se fez rogado, e ao que parece todos os três lucraram com isso.

Fiódor Dostoievski

O pedinchão

Tradução de António Pescada

Fiódor Dostoievski nasceu em 1821, em Moscovo, segundo filho duma prole de sete, e morreu em 1881, em São Petersburgo. O pai, um tiranete que viria a ser assassinado em circunstâncias nunca esclarecidas, era médico num hospital e a família vivia quase na miséria. Internado primeiro num colégio, Dostoievski estudou depois na Escola de Engenharia Militar de São Petersburgo, de onde saiu com o posto de oficial. Mas a carreira militar não lhe interessava e começou a publicar aos 25 anos, tendo enorme sucesso com a sua primeira obra, *Pobre Gente*. As suas ideias radicais levaram-no a frequentar a sociedade secreta dos Saint-Simonistas e Fourieristas (a que Marx e Engels se referiam como “socialistas utópicos”). Em 1848 foi preso e condenado a sete anos de trabalho forçado na Sibéria. Durante este período, converteu-se ao cristianismo e ao nacionalismo e defendeu a ortodoxia e a autocracia russas. Viajou depois pela Europa, dando largas à sua grande paixão pelo jogo e arruinando-se com regularidade. Sem meios de subsistência, lançava-se de novo ao trabalho. Produzia sempre depressa e sem tempo para rever o que escrevia ou ditava às estenógrafas. A maior parte das suas obras foi escrita depois de 1864: *Crime e Castigo* (1866), *O Idiota* (1869) e *Os Irmãos Karamazov* (1880). *O Pedinchão* (*Poprochaika*) foi publicado pela primeira vez num jornal em 1873, e posteriormente incluído nas *Obras Completas*, nos textos do *Diário de Um Escritor*.

“Conheci um pedinchão muito curioso – contou uma vez o falecido D. – Era o falecido S. Há quem ainda se lembre dele. Era um homem inteligente, modesto, que conhecia o seu próprio valor, com um sentido muito especial, bastante curioso, da sua própria dignidade, e que a todo o momento era capaz de travar conhecimentos em círculos um pouco acima da sua própria posição social. Entre outras coisas, reparei que ele era excelente a fazer pedidos e meter cunhas. Coisas que outro qualquer, aparentemente, não conseguiria obter nem por nada, conseguia-as ele. Eu tinha um parente, um rapaz ainda muito novo, que fora nomeado para um lugar na província de T., junto do governador. Esse governador de T. tinha fama de ser um homem bastante severo. O pobre jovem, que se preparava para partir de Petersburgo, estava um pouco receoso e desejava obter uma carta de recomendação particular de uma personalidade influente. Sabia que o general

N.N., um conhecido meu, tinha muito boas relações com o governador de T. e que este último até lhe devia muitos favores. Mas o general era um homem bastante soberbo e inacessível, e era especialmente difícil obter dele qualquer carta de recomendação, mesmo para pessoas muito chegadas, como provava um exemplo conhecido.

– Impossível – decidiu o jovem com um suspiro. – É melhor nem pensar nisso.

Nesse instante, S. entrou em minha casa, e eu tive de repente uma ideia.

– Ouça, o senhor conhece o general N., não é verdade? – perguntei-lhe.

– Sim, conheço. Quero dizer, nunca estive em casa dele nem fui convidado, mas quase todas as semanas me encontro com ele em casa dos Ch., e já joguei muitas vezes às cartas com ele. Gosta de jogar comigo.

Expus-lhe o caso do jovem. Reconheço que não tinha grande esperança, mas havia um pensamento que não me largava. Faço notar que havia alguns motivos que me davam a firme esperança de que S. satisfaria de boa vontade qualquer pedido meu, desde que estivesse ao seu alcance, naturalmente.

– E se pedisse ao general que escrevesse duas ou três linhas de recomendação, hem? – perguntei-lhe só por perguntar.

S. pensou um pouco.

– É possível – disse ele.

– Ah, fazia-me um grande favor. Mas de que maneira, se me diz que não vai a casa dele?

– Não faz mal, isso arranja-se – confirmou S.

– Sabe que ele é terrivelmente surdo a pedidos deste género. Ainda há pouco recusou à própria irmã...

— Sei, sei... mas... pode-se tentar; amanhã mesmo lhe dou a resposta.

— Como, já amanhã!?

E assim foi. No dia seguinte tínhamos nas mãos uma carta de recomendação das mais satisfatórias. O general escrevia ao governador:

“Caro amigo e velho camarada Mikhail Stepánovitch, recomendo-te o portador desta, um novo funcionário que entra ao teu serviço e que é um jovem muito simpático; não o conheço e nunca o vi, mas pessoas de confiança falaram-me tão bem dele que não tive dúvidas em escrever-te, e se lhe deres a tua especial atenção fazes um grande favor àquele que se lembra de ti e te é sempre dedicado com toda a alma, teu

Ivan NN.”

A carta fora deixada aberta de propósito para que a pudéssemos ler. Talvez S. quisesse ufanar-se à minha frente. O envelope fora escrito pelo próprio general e, além disso, S. tinha nas mãos o pequeno sinete que o general lhe confiara.

— Sabe, isto é quase um milagre! — exclamei. — Como foi que conseguiu?

— Cada qual tem os seus métodos — riu-se S.

— Explique-me. É extremamente curioso!

Sentámo-nos. O jovem saiu, e ficámos só os dois. S. olhou à sua volta com ar satisfeito. Em primeiro lugar, estava muito contente por me ter feito um favor, e em segundo lugar, era evidente que ele próprio sentia uma especial satisfação. Era como a satisfação de um mestre na sua arte, que acabasse de vencer uma grande dificuldade.

— Eu conto-lhe tudo — começou ele. — Repito: para cada coisa há um meio. Mas há um que é muito útil nos casos mais diversos da vida. E foi esse que utilizei. Entrei ainda há pouco em casa do general, ao meio-dia; ele estava. Já lhe disse que ele gosta muito de jogar às cartas comigo; também gosta por vezes de me ouvir contar histórias. Eu, como sabe, não me faço rogado para as contar, mas as pessoas também gostam de escutar e têm um certo apreço por mim. O general encontra-se comigo há já quatro anos. Já sabe muito bem que não sou nenhum parasita ou um qualquer *pique-assiette**, como parece que supunha a princípio, ainda há uns dois anos. Mas de qualquer modo também sei de certeza que, daqui por mais uns dois anos, acabará por me convidar finalmente para casa dele... E de repente entro-lhe em casa, de modo completamente inesperado. O general recebe-me muito bem, mas há no seu rosto uma interrogação, e essa interrogação é cada vez maior a cada segundo que passa. Habitualmente, eu e ele, quando nos encontramos em casa dos Ch., rimo-nos, e eu também começo logo a contar qualquer coisa. Mas hoje não correspondi ao seu riso e mostrei-me mesmo um pouco perturbado. Mas deixo arrastar o tempo e não me explico. A interrogação na fisionomia do general torna-se insistente. De súbito, declaro abertamente que tenho um pedido extraordinário a fazer-lhe. Esta palavra, extraordinário, pode sublinhá-la três vezes. O general responde: “O que é que manda?”, puxa, nervoso, o cadeirão e fica terrivelmente sério. Entre as sobrancelhas tem uma ruga desagradável. Começo de longe, como que a custo, atrapalho-me, finjo-me horriavelmente confuso a cada frase, e que sofro muito. “Há,

não é verdade, casos assim na vida... Por vezes não temos mesmo ninguém a quem recorrer... Custa-me muito incomodar V. Ex^a. Mas as circunstâncias são tais... Cada homem tem, por assim dizer, as suas dívidas... Se o senhor soubesse, general, quanto me custou esta resolução!... Quando me encontrava com o senhor em casa dos Ch., nunca teria sequer imaginado que seria forçado a... como agora, a incomodá-lo, pessoalmente... e, talvez, a uma hora tão imprópria...”

Em suma, ia certamente pedir dinheiro! Como pode imaginar, o general há muito começara a ficar vermelho; o seu olhar húmido, sofredor, não consegue desviar-se de mim... E eu continuo a pressionar cada vez mais e mais, sobre o mesmo tema. Por meio de algumas das minhas frases dou mesmo a entender que, no caso de lhe vir pedir dinheiro emprestado, seria uma soma avultada. Agora imagine: eu, em todo o caso, para o general não sou já uma pessoa a quem se possa dizer secamente que não e pô-la na rua. As nossas relações estão num tal pé... Ainda havemos de encontrar-nos durante muito tempo... Entretanto, sei muito bem que não empresta dinheiro a ninguém nem por nada... Além disso, também sei que gosta muito de jogar às cartas comigo, e renunciar a essa ideia será muito, muito difícil. Na semana passada, quando ganhámos uma partida já desesperada, disse que nunca tinha tanto prazer a jogar com mais ninguém... E depois de semelhante pedido, qual jogo de cartas? Numa palavra, torturei-o... Fi-lo beber a taça até ao fim; esgotei-o, ele emagreceu diante dos meus olhos durante aquele quarto de hora! E então – era só começar a falar de dinheiro, “dois ou três mil, general, no mais curto prazo” – de súbito, e

numa voz completamente diferente: “Pois, sabe, há um jovem que vai para T. e precisa de uma recomendação. E eu sinto-me numa posição tal que não lhe posso recusar. Apenas duas ou três linhas suas, general, e o senhor nem imagina o grande favor que me fazia...”

Imagine como ele ficou contente! Até saltou, num arrebatamento; como se lhe tirassem uma montanha de cima dos ombros! E se lhe tivesse pedido quatro cartas naquele momento, tinha-me escrito as quatro, agradecido que estava! Fui eu próprio que lha dei. Olhe só para a assinatura... Até pela assinatura se pode avaliar como o homem estava contente. Acompanhou-me à porta, admoestando-me nos termos mais amáveis, como podia eu sentir tanto acanhamento por uma coisa tão insignificante! É certo que ainda não me convidou a visitá-lo, mas vi bem que já lhe escapavam dos lábios as palavras: “Pois quê, Pavel Mikhailovitch, o senhor nunca aparece, mas já sabe, não faça cerimónia...” Combinámos no entanto encontrar-nos em casa dos Ch. Prometi-lhe contar uma coisa extremamente engraçada acerca de Aleksandr Mikhailovitch...

Em suma, recomendo-lhe – concluiu S. –, se precisar de pedir alguma coisa a alguém e se isso for muito difícil, uma das melhores maneiras é fingir que foi para pedir dinheiro. Naturalmente, depende da pessoa: quanto mais delicadas forem as relações anteriores, tanto melhor. Apareça a uma hora pouco habitual, surpreenda-o com a chegada, ponha uma cara de caso, comece a conversa de longe, obrigue-o a sofrer, assuste-o, canse-o – e de repente, numa voz completamente diferente, exponha abertamente o verdadeiro assunto. Acredite, ele ficará tão agradecido que não lhe recusará nada. Conseguirá

tudo aquilo que quer. É o método mais seguro. De resto, conto-lhe tudo isto em segredo...”

S. estava muito contente por me ter confiado tudo isto, e eu percebi porque é que ele conseguia sempre o que queria.

* *Pique-assiette*: papa-jantares. Em francês no original. (N. do T.)

O. Henry

Confissões de um humorista

Tradução de Luísa Costa Gomes

O. Henry é o pseudônimo de William Sydney Porter, um dos maiores contistas americanos e um dos autores mais populares do seu tempo. Nasceu em 1862, na Carolina do Norte, de família culta e abastada. O pai era um médico um tanto excêntrico e a mãe morreu tuberculosa quando ele tinha três anos. Começou como aprendiz de boticário aos 15 anos e emigrou depois para o Texas, com sintomas de tuberculose. Casou e empregou-se como caixa num banco, tentando ao mesmo tempo escrever comédia. Comprou um jornal, *The Rolling Stone*, que faliu pouco depois. Porter foi acusado de desfalque no banco e fugiu para as Honduras, de onde regressou passados três anos porque a mulher estava a morrer. Cumpriu uma pena de quatro anos na penitenciária do Ohio, onde começou a escrever sob o pseudônimo O. Henry. Saído da prisão, passou a viver em Nova Iorque e, embora extremamente popular, viveu o resto da vida recluso, no terror de ser reconhecido como William Sydney Porter, acabando por morrer em 1910, em Nova Iorque, alcoólico e na miséria.

O. Henry foi autor original e fecundo, chegando a escrever praticamente um conto por semana. *Confessions of a Humorist* encontra-se em *The Complete Work of O. Henry*, primeira edição da obra contística completa, de 1937.

Houve um estágio indolor de incubação que durou vinte e cinco anos, e depois tive um surto e as pessoas disseram que eu era o supra-sumo.

Mas chamaram-lhe humor em vez de sarampo.

Os empregados do armazém compraram um tinteiro de prata para o sócio mais velho quando fez cinquenta anos. Apinhámo-nos no gabinete dele para lho dar. Tinham-me escolhido para porta-voz e fiz um pequeno discurso que andava a preparar há uma semana.

Foi um sucesso. Era todo cheio de trocadilhos e epigramas e reviravoltas engraçadas que fizeram vir abaixo a casa, de si bastante sólida, na linha da venda de ferragens por atacado. O Marlowe propriamente dito chegou a sorrir e os empregados aproveitaram a deixa e riram à gargalhada.

A minha reputação como humorista data das nove e meia dessa manhã. Os meus colegas passaram semanas a avivar a chama do meu amor-próprio. Um a um vieram

dizer-me que o meu discurso fora incrivelmente bem feito, meu caro, e explicaram-me com todo o cuidado cada uma das minhas piadas.

A pouco e pouco percebi que se esperava que eu continuasse. Outros podiam bem falar, cheios de bom senso, de negócios e dos tópicos do dia, mas de mim exigia-se uma coisa brincalhona e airosa.

Esperava-se que eu dissesse piadas sobre cerâmica e aligeirasse os granitos com graçolas. Era o segundo contabilista, e se não apresentasse um balancete com uma coisa cómica ao pé das somas ou não encontrasse motivo de riso na factura duns arados, era uma decepção para os outros empregados. Gradualmente, a minha fama espalhou-se, e tornei-me numa personagem castiça. A nossa cidade era suficientemente pequena para que isto fosse possível. O jornal diário citava-me. Eu era indispensável nas reuniões sociais.

Acredito que tivesse uma graça razoável e alguma facilidade na resposta rápida e espontânea. É um dom que cultivei e aperfeiçoei pela prática. E a natureza deste dom era bondosa e cordial, não ia para o sarcasmo nem ofendia os outros. As pessoas começavam a sorrir quando me viam aparecer, e quando chegávamos perto, já eu trazia pronta a palavra que alargava num riso o sorriso delas.

Casara cedo. Tínhamos um menino de três anos que era um encanto e uma menina de cinco. Como é natural, vivíamos numa casinha coberta de vinha e éramos felizes. O meu ordenado como contabilista no negócio das ferragens mantinha à distância os males que derivam da riqueza supérflua.

Escrevera várias vezes piadas e peças de humor que considere especialmente felizes e enviara-as a certos

jornais que publicam essas coisas. Todas foram imediatamente aceites. Houve chefes de redacção que escreveram a pedir mais colaboração.

Um dia recebi uma carta do editor de um famoso semanário. Sugeriu que eu lhe mandasse um artigo humorístico para encher uma coluna que vagara, insinuando que passaria a contribuição regular caso o trabalho fosse satisfatório. Assim fiz, e ao fim de duas semanas ofereceu-me um contrato de um ano, por uma quantia bastante superior à que me pagavam na empresa de ferragens.

Fiquei deliciado. A minha mulher já me coroara, na cabeça dela, com o louro imperecível do êxito literário. Nessa noite, ao jantar, comemos rissóis de lagosta e bebemos uma garrafa de vinho de amora. Era a oportunidade de me libertar da servidão. Tive com Louisa uma conversa longa e séria. Concordámos que eu devia deixar o meu lugar no armazém, e dedicar-me ao humor. Demiti-me. Os meus colegas ofereceram-me um banquete de despedida. O discurso que ali fiz foi coruscante. Veio publicado na íntegra na *Gazeta*. Na manhã seguinte acordei e olhei para o relógio.

– Já é tarde, raios! – exclamei, e precipitei-me para apanhar a roupa. Louisa lembrou-me de que eu já não era um escravo das ferragens e dos fornecimentos aos construtores civis. Agora era humorista profissional.

Depois do pequeno-almoço levou-me toda orgulhosa ao quatinho ao pé da cozinha. Tão querida! Lá estavam a minha mesa e cadeira, bloco de notas, tinta e a bandeja do cachimbo. E todos os sinais exteriores do autor – o aipo com rosas acabadas de apanhar e madressilva, o calendário do ano passado

na parede, o dicionário e um saquinho cheio de chocolates para ir petiscando nos intervalos da inspiração. Tão querida!

Sentei-me para trabalhar. O papel de parede tem uns arabescos, ou umas odaliscas ou – talvez – uns trapézios. Fixei os olhos numa das figuras. Pus-me a pensar em humor.

Sobressaltou-me uma voz – a de Louisa.

– Se já não tens muito que fazer, querido – dizia –, vem almoçar.

Olhei para o relógio. Sim, cinco horas ceifadas pela gadanha sinistra. Fui almoçar.

– Não podes trabalhar tanto logo de início – disse Louisa. – Goethe, ou terá sido Napoleão?, disse que chegavam cinco horas por dia de esforço mental. Porque não me levas a mim e aos meninos a passear ao bosque hoje à tarde?

– Estou um bocado cansado – admiti. E fomos ao bosque.

Mas cedo lhe apanhei o jeito. Passado um mês já eu fornecia texto com a mesma regularidade dos carregamentos de ferragens.

E tive sucesso. A minha coluna no semanário teve algum impacto, e na conversa de café entre críticos, referiam-se-me como uma lufada de ar fresco nas hostes dos humoristas. Aumentei bastante os rendimentos contribuindo para outras publicações.

Aprendi os truques do ofício. Conseguia pegar numa ideia engraçada, fazer uma piada de duas linhas, e ganhar um dólar. Punha-lhe umas suíças postiças, servia-a fria como quadra, duplicando-lhe o valor na produção. Virava-a do avesso e juntando-lhe um

cheirinho de rima quase nem a reconheciam como *vers de société* calçado de novo e com uma ilustração de moda.

Comecei a poupar dinheiro e comprámos tapetes novos e um órgão de sala. Os meus conterrâneos começaram a olhar-me como cidadão de alguma importância em vez do pateta alegre que eu fora enquanto trabalhava nas ferragens.

Passados cinco ou seis meses, a espontaneidade desapareceu do meu humor. Repentes e tiradas droláticas já não me saíam todas despreocupadas pela boca fora. Por vezes, faltava-me o assunto. Dei comigo à coca a ver se apanhava ideias disponíveis nas conversas dos amigos. Às vezes roía o lápis e ficava pasmado a olhar para o papel de parede horas a fio, tentando construir uma alegre bolhinha de graça espontânea.

E depois tornei-me numa harpia, um Moloch, um Jonas, um vampiro, para os meus conhecidos. Ansioso, desvairado, ávido, eu era, no meio deles, um autêntico desmancha-prazeres. Era só cair-lhes da boca um dito inteligente, uma comparação espirituosa, uma frase mordaz e eu saltava como um cão a apanhar um osso. Não ousava confiar na memória; mas virando-me um pouco de lado, culpado e mesquinho, tomava notas no meu sempre presente bloco de apontamentos ou no punho da camisa, para usar mais tarde.

Os amigos olhavam-me com pena e pasmo. Não era o mesmo homem. Onde outrora lhes fornecera entretenimento e alegria, agora caía-lhes em cima como ave de rapina. De mim já não levavam gracinhas só pelos sorrisos deles. Eram demasiado preciosas. Não me podia dar ao luxo de oferecer gratuitamente os meios da minha subsistência. Era uma raposa lúgubre

louvando o canto dos meus amigos corvos para que deixassem cair dos bicos os pedaços de humor que eu cobiçava.

Quase toda a gente me evitava. Cheguei a esquecer-me de como era fazer um sorriso, e nem isso pagava pelos ditos de que me apropriava. Gente, lugares, momentos, temas, nada estava isento da minha pilhagem de material. Até na igreja, a minha fantasia amoral corria à caça, pelas coxias solenes e pelos pilares, em busca do saque.

Se o pastor falava na doxologia, eu começava logo: "Doxologia-Socodologia-Socodólogo-Metro-Meter-o".

O sermão passava-me pela peneira mental, e os preceitos morais escorriam despercebidos, se eu vislumbrasse a vaga possibilidade de um trocadilho ou de um *bon mot*. Os hinos mais solenes do coro eram mero acompanhamento dos pensamentos em que concebia novas maneiras de glosar velhas piadas sobre a rivalidade entre a soprano, o tenor e o baixo.

A minha própria casa passou a ser terreno de caça. A minha mulher é uma criatura muitíssimo feminina, cândida, simpática e impulsiva. No passado, deliciava-me conversar com ela e as suas ideias eram fonte de prazer constante. Agora explorava-a. Era uma mina de ouro dessas contradições engraçadas e amorosas que distinguem a mente feminina.

Comecei a fazer negócio com as pérolas de insabedoria e humor que deviam ter enriquecido apenas o sagrado recinto do lar. Com manha diabólica, encorajava-a a falar. Sem desconfiar, ela punha o coração nas mãos. Na fria, conspícua, baixa página impressa, eu oferecia-o ao olhar público.

Qual Judas literário, beijava-a e traía-a. Por moedas de prata vestia-lhe as doces confidências com a roupa de baixo e os folhinhos da patetice e fazia-as dançar na praça.

Querida Louisa! Houve noites em que me debrucei sobre ela, cruel como um lobo sobre o tenro cordeiro, atento até às palavras murmuradas no sono, esperando apanhar uma ideia para a lavra esforçada do dia seguinte. Mas o pior está para vir.

Valha-me Deus! A seguir, enterrei fundo as presas nos ditos fugidios dos meus pequeninos.

Guy e Viola eram duas fontes brilhantes de pensamentos e ditos infantis e insólitos. Havia procura deste género de humor e eu fornecia regularmente uma secção duma revista com "Divertidas Fantasia da Infância". Punha-me a espreitá-los, como um índio espia um antílope. Escondia-me atrás dos sofás e das portas, ou gatinhava pelos arbustos no pátio e punha-me à escuta enquanto eles brincavam. Tinha todas as qualidades da harpia, excepto o remorso.

Uma vez, quando estava sem ideias nenhuma e tinha de enviar o texto pelo correio seguinte, cobri-me de folhas caídas no jardim, onde sabia que vinham brincar. Não posso acreditar que o Guy soubesse do meu esconderijo, mas mesmo que soubesse, detestaria ter de o censurar por deitar fogo às folhas, causando a destruição do meu fato novo, e quase cremendo um progenitor.

Cedo os meus próprios filhos começaram a fugir de mim como da peste. Muitas vezes, quando me chegava a eles pé ante pé qual melancólico ladrão de sepulturas, ouvia-os a dizer um para o outro:

– Lá vem o pai – e apanhavam os brinquedos e iam a correr esconder-se num lugar mais seguro. Desgraçado miserável que eu era!

E, no entanto, estava bem, financeiramente. No primeiro ano poupara mil dólares e tínhamos vivido com conforto. Mas a que preço! Não tenho bem a certeza do que seja um pária, mas eu era tudo o que essa palavra parece indicar. Não tinha amigos, nem gozava a vida. Sacrificara a felicidade da minha família. Era uma abelha, sugando mel sórdido das mais belas flores da vida, temido e ostracizado por causa do meu ferrão.

Um dia, um homem falou comigo, com um sorriso amável e simpático. Há meses que tal não me acontecia. Passava eu no estabelecimento funerário de Peter Heffelbower. Peter estava à porta e cumprimentou-me. Parei, com o coração estranhamente apertado pelo cumprimento dele. Convidou-me a entrar.

O dia estava frio e chuvoso. Fomos para a sala das traseiras, onde havia um pequeno fogão aceso. Veio um cliente e o Peter deixou-me sozinho um bocado. De repente, senti-me tomado de um sentimento novo – uma calma maravilhosa, uma satisfação, e olhei em volta. Havia filas de caixões de roseira brilhantes, panos mortuários, tripeças, plumas de essa, flâmulas negras, e toda a parafernália do solene ofício. Aqui havia paz, ordem, silêncio, era o lugar próprio das reflexões graves e dignas. Aqui, à beira da vida, havia um nichozinho dominado pelo espírito do eterno descanso.

Quando entrei, as loucuras do mundo abandonaram-me à porta. Não senti qualquer inclinação para me esforçar por uma ideia humorística sobre tal aparato sombrio e solene. O meu espírito parecia distender-se

para o grato repouso num divã recamado de pensamentos delicados.

Há um quarto de hora, eu era um humorista abandonado. Agora, era um filósofo, cheio de serenidade e à-vontade. Encontrara onde me refugiar do humor, da ardente perseguição do tímido motejo, da caça degradante à piada arquejante, da inquieta busca da resposta pronta.

Não conhecia bem Heffelbower. Quando ele voltou, deixei-o falar, temendo que ele pudesse ser uma nota dissonante na doce harmonia de hino fúnebre do seu estabelecimento.

Mas não. Estava em harmonia. Dei um longo suspiro de felicidade. Nunca encontrara conversa de homem mais magnificamente maçadora do que a do Peter. Comparada com ela, o mar Morto é um gaiser. Nunca centelha ou vislumbre de graça lhe prejudicavam as palavras. Lugares-comuns, banais e abundantes como as amoras, fluíam-lhe dos lábios, causando tanta agitação como as notícias da semana passada. Um pouco trémulo, experimentei nele um dos meus ditos mais afiados. Caiu ali mesmo, sem efeito, a ponta quebrada. Passei a adorar o homem.

Duas ou três noites por semana ia discretamente ter com o Heffelbower e divertia-me à grande na sala das traseiras. Era a minha única alegria. Comecei a acordar cedo e a trabalhar rapidamente, para poder passar mais tempo no meu porto de abrigo. Era só ali que podia largar o hábito de extrair ideias humorísticas de tudo o que me rodeava. A conversa de Peter não me deixava uma única aberta, tivesse eu tentado.

Sob tal influência, o meu estado de espírito melhorou. Era a folga do trabalho, de que todo o homem precisa. Surpreendi um ou dois dos meus antigos amigos com um sorriso e uma frase alegre ao passar por eles na rua. E por vezes fiz pasmar a família quando consegui relaxar o suficiente para fazer uma observação jocosa na presença deles.

Estivera tanto tempo obcecado pelo incubo do humor que agarrava as minhas horas de folga com o brio de um rapazinho da escola.

O trabalho começou a ressentir-se. Já não era o sofrimento e o fardo que antes fora. Muitas vezes assobiava à mesa de trabalho, e escrevia com muito mais fluência. Acabava as tarefas com impaciência, tão ansioso por chegar ao salutar refúgio, como um bêbedo à taberna.

A minha mulher passou horas angustiada especulando sobre onde é que eu passaria as tardes. Achei melhor não lhe dizer; as mulheres não compreendem estas coisas. Coitada! Ainda apanhou um susto.

Um dia trouxe para casa uma pega de prata de um caixão para pesa-papéis e uma pluma muito bonita e macia tirada duma essa para limpar o pó aos meus papéis.

Gostava de as ver na secretária, e pensar na adorada sala do Heffebower. Mas Louisa encontrou-as e gritou de horror. Tive de a consolar com uma desculpa tosca, mas vi nos olhos dela que o preconceito não desaparecera. E tive de tirar dali os objectos, e muito rapidamente.

Um dia, Peter Heffebower pôs-me à frente uma tentação que me fez tresvairar. Naquele seu modo sensato

e monótono, mostrou-me os livros e explicou que os lucros e o negócio cresciam rapidamente. Pensava arranjar um sócio com algum dinheiro. Preferia-me a mim, de toda a gente que conhecia. Quando saí de casa dele nessa tarde, já o Peter tinha o cheque dos mil dólares que eu tinha no banco, e eu era sócio dele no negócio dos enterros.

Fui para casa num sentimento de alegria delirante, e uma certa dose de dúvida. Tinha pavor de contar à minha mulher. Mas ia nas nuvens. Desistir da escrita de peças humorísticas, morder mais uma vez a polpa da vida, em vez de a espremer por umas gotitas de amargo sumo, para divertir o público – que bênção!

À mesa do jantar, Louisa deu-me umas cartas que tinham chegado na minha ausência. Algumas continham manuscritos rejeitados. Desde que começara a ir a casa do Heffelbower que os meus textos vinham devolvidos com frequência alarmante. Nos últimos tempos, despachava piadas e artigos com grande fluência. Antes disso, trabalhara como quem assenta tijolo, devagar e com sofrimento.

Abri logo uma carta do editor do semanário com que tinha contrato. Ainda dependíamos em grande medida dos cheques desse artigo semanal. A carta era assim:

Exmo. Senhor

Como sabe, o nosso contrato anual expira este mês. Embora lamentando a necessidade de o fazer, temos a dizer que não queremos renovar o contrato para o próximo ano. Estávamos muito satisfeitos com o seu estilo de humor, que parece ter deliciado uma grande quantidade de leitores.

Mas nos últimos dois meses observámos uma nítida queda na sua qualidade. Os seus primeiros trabalhos demonstravam uma corrente espontânea, fácil e natural de humor e de graça. Ultimamente, ele é trabalhado, artificial e pouco convincente, prova dolorosa de trabalho árduo e repetitivo.

Lamentando mais uma vez não poder continuar a aceitar as suas contribuições, somos sinceramente

O Editor

Entreguei a carta à minha mulher. Leu-a e ficou com uma cara tristíssima e de lágrimas nos olhos.

– Malvado do velho! – disse, indignada. – As tuas peças são tão boas como eram. E não te levam nem metade do tempo a fazer.

Depois, acho eu, Louisa deve ter pensado nos cheques que iam acabar.

– Oh, John – gemeu ela –, o que é que vais fazer?

Em resposta, levantei-me e pus-me a dançar a *polka* à roda da mesa. Louisa deve ter pensado que a preocupação me enlouquecera; e as crianças devem ter tido esperança de que assim fosse, porque se lançaram atrás de mim exultantes, imitando os meus passos. Agora já me parecia mais com o companheiro de brincadeira que antes fora.

– Hoje vamos todos ao teatro! – gritei. – Nada menos. E ceamos tarde, como loucos, e portamo-nos mal no restaurante Palace. Olari-lari-lolêla!

E depois expliquei a minha alegria dizendo que era sócio de uma próspera agência funerária e que os artigos humorísticos podiam bem ir enfiar a cabeça em sacos de serapilheira ou enterrar-se nas cinzas, a ver se eu me ralava.

Com a carta do editor na mão para justificar o que

eu fizera, a minha mulher não pôde avançar com nenhuma objecção, fora algumas, mas brandas, e baseadas na incapacidade feminina para apreciar uma coisa tão boa como a sala das traseiras de Peter Hef – não, de Heffelbower & Cia, Agência Funerária.

Em conclusão, direi que hoje não encontram nesta cidade homem mais amado, jovial, cheio de ditos espirituosos, do que eu. As minhas piadas são novamente faladas e citadas; voltei a ter prazer nas confidências da minha mulher sem um pensamento mercenário, enquanto Guy e Viola brincam a meus pés, espalhando pérolas de humor infantil sem medo do homem medonho que as atormentava e perseguia como um cão, de bloco de notas em punho.

O negócio floresceu muito. Faço a contabilidade e tomo conta da agência, enquanto Peter trata das coisas no exterior. Diz que a minha ligeireza e bom humor haviam de tornar qualquer funeral num verdadeiro pandemónio.

Jerome K. Jerome

O custo da bondade

Tradução de Luísa Costa Gomes

Jerome Klapka Jerome nasceu em 1859, em Walsall, e morreu em 1927, em Northampton, Inglaterra. É o autor do clássico de comédia *Três Homens Num Bote*. Dez anos após a publicação daquele *best-seller*, Jerome reincidia em *Três Homens de Bicicleta*, um passeio dos mesmos três amigos (ele próprio, George Wingrave e Carl Hentschel) até à Floresta Negra, cerca de 1900. Filho de uma família arruinada por investimentos mineiros assaz especulativos do pai, Jerome viveu a infância na maior pobreza e insegurança, e encontrou-se órfão e sozinho aos 15 anos. Começou por trabalhar como empregado nos caminhos-de-ferro e aos 18 anos fazia digressões pela Inglaterra, como actor. "Fiz todos os papéis em *Hamlet*, menos Ofélia." O seu romance autobiográfico, *Paul Kever*, é um retrato impressionante da vida das companhias itinerantes da época vitoriana. Logo a seguir ao seu casamento, começou a escrever *Três Homens Num Bote*, publicado em 1889, livro que o tornou instantaneamente popular. Escreveu cerca de vinte peças de teatro, de que a mais conhecida é *The Passing of the Third Floor Back* (1908), que continuou a ser recorrentemente encenada até 1960. Durante a Primeira Guerra Mundial, rejeitado pelo exército britânico aos 57 anos, Jerome alistou-se no exército francês e cumpriu serviço na Frente como condutor de ambulâncias. Quando voltou, escreve o seu secretário, "já não era o mesmo Jerome. Era um estranho. Era um homem alquebrado."

The Cost of Kindness está incluído na recolha de contos *The Passing of the Third Floor Back* (1907), Hurst & Blackett, Londres, 1907.

– A bondade – adiantou a pequena Mrs. Pennycoop – não custa nada.

– E, em geral, minha querida, é avaliada exactamente a preço de custo – retorquiu Mr. Pennycoop que, leiloeiro com vinte anos de experiência, já tivera muita ocasião de testar a atitude do público para com o sentimento.

– Diz o que quiseres, George – teimou a mulher. – Ele pode ser um velho bruto, desagradável e quezilento. Não digo que não. Mesmo assim, vai-se embora, e se calhar nunca mais o vemos.

– Se eu pensasse que havia a mínima hipótese de voltarmos a vê-lo – observou Mr. Pennycoop – virava já amanhã as costas à Igreja de Inglaterra e tornava-me metodista.

– Não fales assim, George – admoestou a mulher, reprovadora. – O Senhor pode ouvir-te.

– Se o Senhor tivesse de ouvir o velho Cracklethorpe,

havia de me compreender – foi a opinião de Mr. Pennycoop.

– O Senhor manda-nos provações, e são para nosso bem – explicou a mulher. – São para nos ensinar a paciência.

– Tu não és fabriqueiro – retorquiu o marido –, podes fugir dele. Ouve-lo quando está no púlpito, onde, em certa medida, tem de manter a calma.

– Estás a esquecer-te da quermesse, George – lembrou-lhe Mrs. Pennycoop –, para já não falar das decorações da igreja.

– A quermesse – salientou Mr. Pennycoop – acontece uma vez por ano, e já reparei que a tua calma nessa altura também...

– Tento sempre lembrar-me de que sou cristã – interrompeu Mrs. Pennycoop. – Não pretendo ser uma santa, mas diga eu o que disser, arrependo-me sempre depois, sabes isso muito bem, George.

– É o que eu digo – explicou o marido. – Um pastor que em três anos fez com que todos os membros da congregação não consigam nem olhar a direito para uma igreja ... há aqui qualquer coisa que não está bem.

Mrs. Pennycoop, a mais delicada das mulheres pequeninas, pousou as mãos papudas e ainda bonitas nos ombros do marido.

– Não penses, querido, que eu não te compreendo. Suportaste tudo com muita grandeza de alma. Houve alturas em que me admirei que tivesses conseguido controlar-te assim tão bem, a maior parte das vezes. As coisas que ele te disse.

Mr. Pennycoop deslizara inconscientemente para uma atitude, há pouco descoberta, de virtude petrificada.

– Pobre coitado que eu sou – observou Mr. Pennycoop, com orgulhosa humildade. – Insultos meramente pessoais, ainda se aturam. Embora mesmo esses – acrescentou o fabricante-mor, com descida momentânea ao plano da natureza humana – ninguém gosta que se lhe insinue publicamente à mesa do conselho da fábrica da igreja, que comecei a colecta pelo lado esquerdo expressamente como artimanha para não passar pela minha família.

– Os meninos sempre tiveram as três moedas de cinco xelins prontas ali à espera na mão – disse Mrs. Pennycoop, indignada.

– É o género de coisas que ele diz só para lançar a confusão – continuou. – Nas coisas que ele faz é que eu ponho os pés à parede.

– Queres dizer as coisas que fez, querido – riu-se a mulher, com a ênfase no “fez”. – Agora acabou, e vamos livrar-nos dele. Se fôssemos a ver, querido, ainda descobriríamos que era do fígado. Lembras-te, George, que no dia em que ele chegou, eu te disse que o achava muito macilento e que o hálito, em particular, era bastante desagradável. As pessoas não têm culpa destas coisas, sabes. Devíamos considerá-las como doenças e ter pena delas.

– Até lhe perdoava o que ele faz se não parecesse que se diverte tanto – disse Mr. Pennycoop. – Mas é como dizes, querida, ele vai-se embora, e só espero e rezo para que a gente nunca mais lhe ponha a vista em cima.

– E vens comigo visitá-lo, George – insistiu a pequena Mrs. Pennycoop. – Afinal foi nosso pastor durante três anos e deve ressentir-se, coitado, embora finja

o contrário, de se ir embora assim, sabendo que todos ficam contentes de o verem pelas costas.

– Bem, não vou dizer nada que não sinta realmente – estipulou Mr. Pennycoop.

– Muito bem, querido – riu-se a mulher –, desde que não digas o que sentes. E vamos os dois manter a calma – sugeriu a mulher – aconteça o que acontecer. Lembra-te, é a última vez.

A intenção da pequena Mrs. Pennycoop era boa e cristã. O reverendo Augustus Cracklethorpe abandonaria Wychwood-on-the-Heath na segunda-feira seguinte para nunca mais voltar a pôr o pé – assim o esperavam sinceramente o reverendo Augustus Cracklethorpe e todos e cada um dos membros da sua congregação – na vizinhança. Até ali ninguém, nem de um lado nem de outro, se dera ao trabalho de disfarçar a recíproca alegria com que todos ansiavam pela partida. O reverendo Augustus Cracklethorpe, Mestre em Artes, podia ter sido útil à sua Igreja em, digamos, alguma paróquia periférica de reputação equívoca, ou missão muito entrada pelas hordas da barbárie. Aí, o seu instinto congénito de antagonismo a todos e a tudo à sua volta, a falta incontrollável de consideração pelas opiniões e pelos sentimentos das outras pessoas, a convicção inspirada de que todos menos ele tinham de estar sempre errados sobre tudo, conjugada com a determinação de agir e de falar sem medo baseado nessa convicção, podiam ter-se revelado úteis. Na pequena e pitoresca Wychwood-on-the-Heath, nas colinas de Kent, mui prezado retiro do comerciante reformado, da solteirona remediada, do boémio convertido em vias de desenvolver os instintos latentes para a respeitabilidade,

estas qualidades só serviam para armar escândalo e desunião.

Nos últimos dois anos, os paroquianos do reverendo Cracklethorpe, assistidos por todos os habitantes de Wichwood-on-the-Heath que acontecia entrarem em contacto pessoal com o reverendo senhor, procuraram dar-lhe a entender, por alusões e insinuações pouco passíveis de equívoco, o desagrado cordial e sempre crescente que por ele sentiam, como pastor e como homem. As coisas tinham chegado ao cúmulo com a determinação que lhe fora oficialmente comunicada de que, à falta de alternativas, um grupo de representantes dos paroquianos mais proeminentes iria avistar-se com o bispo. Isto é que fizera finalmente o reverendo Augustus Cracklethorpe compreender que, como guia espiritual e consolo de Wichwood-on-the-Heath, revelara-se um fracasso. O reverendo Augustus procurara e conseguira o cuidado de outras almas. No domingo seguinte, de manhã, fizera os preparativos para o seu discurso de despedida e a ocasião prometia ser um sucesso sob todos os pontos de vista. Gente que há meses não ia à Igreja de São Judas jurara dar-se ao luxo de sentir que estava a ouvir o reverendo Augustus Cracklethorpe pela última vez. O reverendo Augustus Cracklethorpe preparara um sermão que, pela lhaneza e frontalidade, havia de deixar a sua marca. Os paroquianos de São Judas, Wichwood-on-the-Heath, teriam os seus defeitos, como todos temos. O reverendo Augustus estava convencido de que não lhe escapara nem um e ansiava com agradável expectativa pela sensação que os seus comentários, desde o “primeiro”, até ao “sexto, e último” iriam causar.

O que estragou tudo foi Mrs. Pennycoop ser tão impulsiva. O reverendo Augustus Cracklethorpe, informado no seu escritório quarta-feira à tarde de que Mr. e Mrs. Pennycoop tinham vindo visitá-lo, entrou na sala passado um quarto de hora, frio e severo e, sem lhes estender a mão, pediu que lhe comunicassem, o mais sucintamente possível, por que tinham vindo incomodá-lo. Mrs. Pennycoop trazia o discurso na ponta da língua. Era só o que devia ser dito, não mais que isso.

Referia de passagem, sem insistir, o dever que nos incumbe a todos de nos lembrarmos de vez em quando de que somos cristãos; que era nosso privilégio perdoar e esquecer; que, em termos gerais, há faltas de ambas as partes; que as despedidas nunca devem fazer-se com as pessoas zangadas; em resumo, que a pequena Mrs. Pennycoop e George, o marido, como ele próprio lho diria, pediam desculpa por tudo e mais alguma coisa que tivessem dito ou feito no passado e que pudesse ter magoado o reverendo Augustus Cracklethorpe, e gostariam de lhe apertar a mão e desejar-lhe muitas felicidades para o futuro. A atitude gelada do reverendo Augustus dispersou aos quatro ventos o discurso cuidadosamente preparado. Não restava a Mrs. Pennycoop senão retirar-se num silêncio que a sufocava, ou atirar-se para a frente segundo a inspiração do momento e inventar qualquer coisa. Escolheu a última alternativa.

A princípio, as palavras vinham titubeantes. O marido, como homem que era, abandonara-a na hora em que mais precisava dele e lutava com a maçaneta da porta. O olhar de aço com que o reverendo Cracklethorpe a considerava, em vez de a gelar, actuou nela como uma espora. Meteu-se em brios. Ele tinha de

a ouvir. Havia de fazê-lo compreender o bom sentimento que tinha por ele, nem que tivesse de o agarrar pelos ombros e sacudi-lo até lho meter na cabeça. Ao fim de cinco minutos, o reverendo Augustus Cracklethorpe, sem dar bem por isso, estava com um ar satisfeito. Ao fim de outros cinco, Mrs. Pennycoop parou, não por lhe faltarem as palavras, mas por lhe faltar o fôlego. O reverendo Augustus Cracklethorpe respondeu numa voz que, para surpresa sua, tremia de emoção. Mrs. Pennycoop tornara-lhe mais difícil a tarefa. Pensara abandonar Wychwood-on-the-Heath sem pena nenhuma. O conhecimento que agora tinha de que, para todos os efeitos, um membro da congregação o compreendia, como Mrs. Pennycoop lhe provara que o compreendia, que estava do lado dele – saber que ao menos um coração, e logo o de Mrs. Pennycoop, se lhe rendera, mudava o que ele desejara como abençoado alívio em eterno pesar.

Mr. Pennycoop, entusiasmado pela eloquência da mulher, titubeou mais umas quantas palavras hesitantes de sua autoria. A julgar pelos comentários de Mr. Pennycoop, ele sempre considerara o reverendo Augustus Cracklethorpe como o pastor dos seus sonhos, mas os equívocos, por qualquer razão inexplicável, hão-de surgir sempre. Ao que parece, também, o reverendo Augustus Cracklethorpe sempre respeitara em segredo Mr. Pennycoop. Se alguma vez as palavras que dissera tinham transmitido impressão contrária, devia-se porventura à pobreza da nossa linguagem, que não se presta a significados subtis.

Seguiu-se a ideia de um chá. Miss Cracklethorpe, a irmã do reverendo Augustus – senhora cuja semelhança

com o irmão era em todos os aspectos espantosa, sendo a única diferença entre eles que, enquanto ele usava a cara rapada, ela usava um ligeiro bigode —, foi chamada à sala para abrilhantar a companhia. A visita terminou quando Mrs. Pennycoop se lembrou de que era a noite de Wilhelmina tomar o seu banho quente.

— Disse mais do que queria — admitiu Mrs. Pennycoop a George, o marido, no caminho para casa —, mas ele irritou-me.

A notícia da visita dos Pennycoop voou pela paróquia. Outras senhoras se sentiram na obrigação de mostrar a Mrs. Pennycoop que não era a única cristã em Wychwood-on-the-Heath. Houve o receio de que Mrs. Pennycoop pudesse ficar muito cheia de si. O reverendo Augustus repetiu, com perdoável orgulho, algumas das coisas que Mrs. Pennycoop lhe dissera. Mrs. Pennycoop não ia agora imaginar que era a única pessoa em Wychwood-on-the-Heath capaz daquela generosidade que não custa nada. As outras senhoras também eram capazes de dizer amáveis insignificâncias — até melhor. Maridos nos seus fatos domingueiros e cuidadosamente ensaiados eram trazidos para abrilhantar a quase infindável procissão de paroquianas desconsoladas que batiam, insistentes, à porta do presbitério de São Judas. Entre quinta de manhã e sábado à noite, o reverendo Augustus, para grande espanto seu, fora obrigado a concluir que cinco sextos dos paroquianos gostaram dele desde o princípio sem ainda terem tido oportunidade de lhe exprimir os seus verdadeiros sentimentos.

Chegou o domingo, rico em acontecimentos. O reverendo Augustus Cracklethorpe tinha estado tão

ocupado a ouvir os lamentos pela sua partida, garantias de uma estima que até então lhe fora dissimulada, explicações de aparentes descortesias que afinal tinham querido ser símbolos de consideração e afecto, que não lhe sobrava tempo para pensar em mais nada. Só quando entrou na sacristia às cinco para as onze é que se lembrou do sermão de despedida. Perseguiu-o durante toda a missa. Pregar aquele sermão, depois das revelações dos últimos três dias, seria impossível. Era o sermão que Moisés podia ter pregado ao Faraó no domingo antes do Êxodo. Esmagar com ele esta congregação de desolados adoradores que penavam por ele se ir embora seria desumano. O reverendo Augustus tentou descobrir passagens que pudessem ser seleccionadas, alteradas. Não havia. Do princípio ao fim, o sermão não tinha uma única frase que se pudesse fazer passar por agradável, nem com toda a habilidade do mundo.

O reverendo Augustus Cracklethorpe subiu devagar os degraus do púlpito sem a mínima ideia do que ia dizer. A luz do Sol batia nas faces erguidas de uma multidão que enchia todos os cantos da igreja. Nunca o reverendo Augustus Cracklethorpe pousara os olhos em congregação mais feliz, mais extática. Tomou-o o sentimento de que não queria deixá-los. Que não queriam que se fosse embora, podia porventura duvidar? Só se os considerasse como a mais desavergonhada colecção de hipócritas alguma vez reunidos sob o mesmo tecto. O reverendo Augustus Cracklethorpe rejeitou a momentânea suspeita como sugestão do Maligno, dobrou o texto escrito numa letra certinha pousado à sua frente, e afastou-o. Não precisava de um sermão de despedida. O que estava combinado

podia alterar-se facilmente. O reverendo Augustus Cracklethorpe falou do seu púlpito, de improviso pela primeira vez.

O reverendo Augustus Cracklethorpe quis reconhecer que se enganara. Baseando como um tolo o seu juízo no comportamento de alguns, cujos nomes não havia necessidade de mencionar, membros da congregação que haviam de, um dia, esperava ele, se arrepender dos equívocos que tinham causado, irmãos que era seu dever perdoar, concluía que os paroquianos de São Judas, Wychwood-on-the-Heath, não gostavam dele. Queria pedir desculpa em público pela injustiça que involuntariamente fizera aos espíritos e aos corações. Agora sabia das suas próprias bocas que lhes fizera uma acusação injusta. Longe de desejarem que se fosse embora, era óbvio que a partida lhes daria um grande desgosto. Com o conhecimento que agora tinha do respeito – quase se podia dizer veneração – que a maioria da congregação lhe votava – conhecimento, admitia-o, conseguido algo tardiamente – tornava-se-lhe claro que ainda podia ajudá-los nas suas necessidades espirituais. Abandonar tão dedicado rebanho marcá-lo-ia como pastor indigno. A corrente incessante de lamentos pela partida que lhes ouvira nesses quatro dias decidira-o, no último momento, a atender ao que pediam. Ficaria com eles – com uma condição.

Perpassou no mar de humanidade abaixo dele um estremecimento que podia ter dado a ideia, a um observador mais atento, o agarrar convulsivo de alguém que se afoga a uma palhinha que passa ao acaso. Mas o reverendo Augustus Cracklethorpe pensava em si próprio.

A paróquia era grande e ele já não era novo. A congregação que lhe desse um coadjutor cumpridor e enérgico. Tinha já um exactamente assim em vista, um seu parente próximo, que, por uma pequena remuneração que quase nem valia a pena mencionar, havia de, sabia-o já, aceitar o posto. O púlpito não era sítio onde se discutissem assuntos desses, mas na sacristia em seguida teria todo o gosto em receber os membros da congregação que quisessem ficar.

A questão que agitava a maioria da congregação durante o cantar do hino era o tempo que lhes iria levar a sair da igreja. Ainda havia uma vaga esperança de que o reverendo Augustus Cracklethorpe, não conseguindo o coadjutor, considerasse devido à sua dignidade sacudir dos pés o pó de uma paróquia generosa no sentimento, mas obstinadamente unhas de fome quando se tratava de meter a mão ao bolso.

Mas, para os paroquianos de São Judas, esse domingo foi dia de azar. Antes que pudessem sequer pensar em mexer-se, o reverendo Augustus ergueu o braço envolto na sobrepeliz e pediu licença para lhes dar a conhecer o conteúdo de uma notazinha que acabara de lhe ser entregue. Mandá-los-ia a todos para casa, estava bem certo disso, cheios de alegria e gratidão nos corações. Havia entre eles um exemplo de caridade cristã que muito honrava a Igreja.

Aqui viu-se um comerciante de tecidos reformado, do East-End de Londres – cavalheiro baixo e entroncado que alugara há pouco tempo o solar –, ficar vermelho.

Um cavalheiro, até aí desconhecido entre eles, tinha marcado a sua chegada com uma acção de munificência que devia ser exemplo radioso para todos os ricos. Mr.

Horatio Cooper – o reverendo teve aparentemente alguma dificuldade em decifrar o nome.

– Cooper-Smith, senhor pastor, com hífen – chegou num débil sussurro a voz do ainda corado comerciante.

Mr. Horatio Cooper-Smith, agarrando – tinha o reverendo Augustus a certeza – este meio nada indigno de assim se conquistar e tão precocemente o coração dos seus concidadãos, expressara o desejo de pagar do seu bolso por inteiro a despesa de um coadjutor. Posto isto, não se falava mais em despedidas entre o reverendo Augustus Cracklethorpe e os seus paroquianos. Era a esperança de o reverendo Augustus Cracklethorpe viver e morrer como pastor de São Judas.

Congregação mais solene, mais sóbria que a saída nessa manhã de domingo, de São Judas em Wychwood-on-the-Heath talvez nunca tivesse transposto a porta duma igreja.

– Vai ter mais tempo livre – disse Mr. Biles, comerciante de ferragens reformado e fabricante-ajudante, para Mrs. Biles, ao virar a esquina da Aca-cia Avenue –, mais tempo para ser uma praga e um tropeço.

– E se este tal parente próximo for parecido com ele...

– Podes bem contar com isso, ou nem teria pensado nele – foi a opinião de Mr. Biles.

– Sempre hei-de dizer àquela Mrs. Pennycoop – disse Mrs. Biles – umas quantas verdades quando a vir.

Mas para que é que servia?

Saki

Esmé

Tradução de José Lima

Saki é o pseudónimo literário de Hector Hugh Munro, escritor escocês nascido em 1870, na Birmânia, onde o pai exercia as funções de inspec-tor-geral da Polícia. Foi educado em Inglaterra, em vários colégios internos, começando muito cedo a escrever crónicas e contos na imprensa da época, sob o pseudónimo com que viria a tornar-se conhecido, que foi buscar a um poema clássico persa.

Quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial, Munro, apesar da idade e de se encontrar já reformado, ofereceu-se como voluntário para o exército, vindo a morrer no campo de batalha, em 1916, em França. O fundamental da sua obra contística está reunido em várias colecções, de que destacamos *Reginald* (1904), seguido de *Reginald in Russia* (1910), *The Chronicles of Clovis* (1911), de onde foi extraído o conto aqui publicado, *Beasts and Superbeasts* (1914).

São histórias de um humor ácido, por vezes macabro, que satirizam a alta sociedade da época, expondo-lhe os podres e a hipocrisia, como se de um inimigo se tratasse. O que não era o caso: Munro era abertamente reaccionário, anti-semita, misógino; e o mais que se pode dizer é que se parodiava a si próprio nos falhados herdeiros de um império em decadência que retrata nos seus contos.

— Todas as histórias de caça são iguais — disse Clovis.
— E todas as histórias de corridas de cavalos também são iguais, e todas as...

— A minha história de caça não se parece em nada com qualquer outra que tenha ouvido — disse a baronesa.
— Passou-se já há bastante tempo, tinha eu vinte e três anos. Nessa altura não estava separada do meu marido; está a ver, nenhum de nós se podia dar ao luxo de pagar ao outro uma pensão. Digam o que disserem os provérbios, são mais os lares que a pobreza mantém unidos do que aqueles que destrói. Mas caçávamos sempre com matilhas diferentes. Nada disto tem a ver com a história.

— Ainda não chegámos ao ponto da concentração. Suponho que houve uma concentração dos caçadores — disse Clovis.

— Claro que houve uma concentração — disse a baronesa. — Estava lá toda a gente do costume, e em

particular Constance Broddle. Constance é uma daquelas raparigaças de boas cores que combinam às mil maravilhas com um cenário de Outono ou com as decorações de Natal na igreja. “Pressinto que está para acontecer alguma coisa horrível”, disse-me ela. “Estou pálida?”

Estava tão pálida como uma beterraba que tivesse recebido más notícias de repente.

“Está mais bonita do que o normal”, disse eu, “mas isso para si é tão fácil.” Antes de ela ter atingido o exacto alcance do comentário, já começara a função; os cães tinham descoberto uma raposa escondida no meio de umas giestas.

— Eu já sabia — disse Clovis. — Em todas as histórias de caça à raposa que ouvi havia sempre uma raposa e muitas de giesta.

— Constance e eu tínhamos belas montadas — continuou a baronesa serenamente — e não tivemos dificuldade em nos mantermos na primeira leva, embora fosse uma corrida bastante puxada. Mas lá para o fim devemos ter seguido um caminho um pouco independente, porque nos perdemos dos cães, e vimo-nos a andar à toa aos tropeções a milhas de qualquer sítio. Era uma coisa exasperante, e a minha boa disposição começava a ceder aos poucos, quando ao abrir caminho por uma sebe complacente deparámos com o alegre espectáculo dos cães em grande berraria num valado mais abaixo.

“Lá vão eles — gritou Constance, e acrescentou num sobressalto: — Mas que diabo de caça será aquela?”

Não era, de certeza, nenhuma raposa deste mundo. Tinha o dobro do tamanho, tinha uma cabeça curta e feia, e um pescoço grosso enorme.

“É uma hiena – gritei. – Deve ter fugido do Parque de Lord Pabham.”

Nesse momento, o bicho perseguido virou-se e enfrentou os perseguidores, e os cães (eram só uns seis pares) ficaram em semicírculo e com um ar aparvalhado. Era evidente que se tinham separado do resto da matilha na pista daquele cheiro estranho, e não estavam muito certos de como lidar com a presa agora que a tinham apanhado.

A hiena saudou a nossa chegada com inequívoco alívio e manifestações de amizade. Provavelmente estava habituada a uma invariável amabilidade por parte dos humanos, ao passo que a primeira experiência com cães lhe deixara uma má impressão. Os cães pareciam mais embaraçados do que nunca enquanto a presa exibia a sua súbita intimidade connosco, e o ténue ressoar de uma trompa ao longe foi tomado como o desejado sinal para uma partida discreta. Constance, eu e a hiena ficámos sós no crepúsculo que descia.

“Que vamos fazer?”, perguntou Constance.

“Não há como você para fazer perguntas”, disse eu.

“Bem, não podemos ficar aqui a noite toda com uma hiena”, replicou ela.

“Não sei qual é a sua ideia de conforto,” disse eu, “mas não tenciono passar aqui a noite toda, mesmo sem uma hiena. Pode não ser um lar feliz, o meu, mas pelo menos tem água quente e fria, e serviço doméstico, e outras comodidades que não encontraríamos aqui. O melhor que temos a fazer é seguir para aquele renque de árvores à direita; tenho a impressão de que a estrada de Crowley fica logo a seguir.”

Trotámos devagar seguindo o trilho apagado de

uma carroça, com o bicho seguindo alegremente atrás de nós.

“Que raio havemos de fazer com a hiena?”, veio a pergunta inevitável.

“Que é que se costuma fazer com as hienas?”, perguntei mal-humorada.

“Nunca tive nada a ver com nenhuma até agora”, disse Constance.

“Bem, eu também não. Se ao menos soubéssemos de que sexo é podíamos pôr-lhe um nome. Talvez lhe pudéssemos chamar Esmé. Dá para as duas hipóteses.”

Ainda havia luz suficiente para distinguirmos as coisas à beira do caminho, e a nossa atenção entorpecida teve um sobressalto de alerta quando deparámos com um miúdo cigano seminu que andava a apanhar amoras numas moitas rasteiras. A súbita aparição de duas amazonas e uma hiena puseram-no em fuga aos berros, mas seja como for dificilmente poderíamos obter qualquer informação geográfica útil de tal fonte; mas havia uma probabilidade de virmos a encontrar um acampamento de ciganos pelo caminho. Esperançadas, prosseguimos, mas sem que nada acontecesse por mais uma milha ou coisa assim.

“Pergunto-me o que andaria uma criança a fazer ali”, disse Constance passados instantes.

“A apanhar amoras. Obviamente.”

“Não me agradou o modo como berrava”, continuou Constance, “parece que ainda tenho o choro dela nos ouvidos.”

Não trocei das fantasias mórbidas de Constance; para dizer a verdade, a mesma sensação de ser perseguida por um persistente gemido aflito tinha-se insinuado nos

meus nervos já exaustos. A precisar de companhia, chamei por Esmé, que tinha ficado algures para trás. Com uns quantos saltos enérgicos pôs-se a par de nós, e depois desapareceu à nossa frente.

O acompanhamento de gemidos estava explicado. O ciganito ia firmemente, e imagino que dolorosamente, aferrado pelas presas da hiena.

“Santo nome de Deus!”, gritou Constance, “que raio havemos de fazer? Que vamos fazer?”

Estou perfeitamente convencida de que no Juízo Final Constance há-de fazer mais perguntas do que qualquer dos serafins jurados.

“Não podemos fazer nada?”, insistia ela lacrimante, enquanto Esmé trotava ligeira à frente dos nossos cavalos cansados.

Pelo meu lado fazia tudo o que me ocorria no momento. Vociferava, ralhava, adulava, em inglês, francês e em linguagem de coureiro; fazia gestos inúteis no ar com a minha chibata esfiapada; atirei ao animal a caixa das sanduíches; realmente, não sei que mais poderia ter feito. E lá continuámos a arrastar-nos no crepúsculo que se adensava, com a silhueta desengonçada arrastando-se à nossa frente, e a toada de uma música lúgubre pairando nos ouvidos. Subitamente, Esmé mergulhou numas moitas espessas ao lado do caminho, onde não a podíamos seguir; o gemido cresceu para um guincho e depois calou-se completamente. Passo sempre depressa esta parte da história, porque realmente é bastante horrível. Quando o bicho se juntou de novo a nós, depois de uma ausência de alguns minutos, havia nele um ar de compreensão resignada, como se soubesse que tinha feito uma coisa que

desaprovávamos, mas que sentia como perfeitamente justificável.

“Como pode permitir que essa fera esfaimada trote a seu lado?”, perguntou Constance. Parecia-se mais do que nunca com uma beterraba albina.

“Em primeiro lugar, não posso impedi-lo”, disse eu. “E em segundo lugar, pode ser muitas coisas, mas esfaimada duvido que seja neste momento.”

Constance estremeceu. “Acha que o pobrezinho sofreu muito?”, veio mais uma das perguntas desnecessárias dela.

“Tudo indica que sim”, disse eu. “Por outro lado, é certo que pode ter estado a chorar por pura birra. As crianças às vezes são assim.”

Era quase noite cerrada quando de repente emergimos em plena estrada. O clarão de uns faróis e o chiar de um motor passaram por nós simultaneamente a uma proximidade inquietante. Um baque e o som agudo de um guincho seguiram-se um segundo depois. O carro parou, e quando dirigi a montada para o local deparei com um homem novo curvado sobre uma massa escura imóvel estendida na berma.

“Matou a minha Esmé”, exclamei, azeda.

“Lamento imenso”, disse o jovem. “Sou criador de cães e compreendo como se deve sentir. Farei o que puder para a compensar.”

“Faz favor de a enterrar imediatamente”, disse eu. “Acho que tenho o direito de lhe pedir isso.”

“Traz a pá, William”, ordenou ao *chauffeur*. Via-se que funerais improvisados nas bermas das estradas eram contingências que estavam previstas.

Levou algum tempo a cavar uma campa suficiente-

mente grande. “Sim senhor, um sujeito respeitável”, disse o cavaleiro, ao mesmo tempo que o cadáver era rolado para a vala. “Dá a impressão que devia ser um animal de bastante valor.”

“Ficou em segundo lugar, em Birmingham, na categoria de cachorros o ano passado”, disse eu com desembaraço.

Constance fungou ruidosamente.

“Não chore, querida”, disse eu numa voz entrecortada. “Foi tudo rapidíssimo. Não deve ter sofrido muito.”

“Por favor”, disse o jovem num tom sentido, “tem de me deixar fazer alguma coisa como forma de a compensar.”

Recusei delicadamente, mas como ele insistia acabei por lhe dar a minha morada.

Naturalmente, não dissemos palavra sobre os episódios do princípio da noite. Lord Pabham nunca anunciou o desaparecimento da sua hiena; há um ano ou dois, um animal estritamente frutífero saíra do parque dele e ele vira-se obrigado a pagar indemnizações em onze casos de acidentes com ovelhas e a bem dizer repovoara as capoeiras dos vizinhos; por isso, uma hiena à solta era capaz de equivaler a qualquer coisa à escala de um subsídio do Governo. Os ciganos mostraram-se igualmente discretos quanto ao desaparecimento do filhote; não me parece que nos grandes acampamentos eles saibam, mais filho menos filho, quantos têm ao certo.

A baronesa fez uma pausa com ar pensativo, e depois continuou:

— Mas a aventura teve uma seqüela. Recebi pelo correio um pequeno alfinete de diamantes amoroso, com

o nome de Esmé gravado num raminho de alecrim. Por acaso, também, perdi a amizade de Constance Broddle. Está a ver, quando vendi o alfinete recusei-me com toda a razão a dar-lhe qualquer parte do lucro. Fiz notar que a parte Esmé do caso tinha sido inventada por mim, e que a parte hiena pertencia a Lord Pabham, se realmente a hiena era a dele, coisa de que, evidentemente, não tenho nenhuma prova.

P. G. Wodehouse

A sociedade de acidentes de Ukridge

Tradução de Lúcia Lima

P. G. Wodehouse. Sir Pelham Grenville Wodehouse, ou *Plum*, como era conhecido, nasceu em 1881, em Guildford, no Surrey (Inglaterra). Abandonou o país em 1934 e naturalizou-se americano em 1955. Viveu nos Estados Unidos até morrer, aos 94 anos (1975, Nova Iorque). O pai era funcionário público e foi ocupar um lugar de juiz em Hong Kong, deixando os quatro filhos rapazes com umas tias. Quando saiu do colégio interno, Wodehouse trabalhou dois anos como empregado do Banco de Hong Kong e Xangai, mas depressa começou a escrever para uma revista juvenil e depois para várias revistas literárias e de humor, onde havia de publicar muitos dos seus livros em folhetim. P. G. Wodehouse é mais conhecido como o criador das personagens Bertie Wooster e o seu mordomo Jeeves, em *The Man With Two Left Feet* (1917). Com este livro iniciou toda uma série com os mesmos protagonistas, de que se fizeram duas adaptações televisivas, uma pela BBC nos anos 60 e, mais tarde, *Jeeves and Wooster*, com Hugh Laurie e Stephen Fry, nos anos 90. Escritor constante e prolífico, P. G. Wodehouse deixou 96 livros e centenas de contos, 16 peças de teatro e letras das canções de 28 musicais. Revolucionou o género de teatro musical, com Jerome Kern em Nova Iorque, e trabalhou em seis argumentos de cinema em Hollywood. *Ukridge's Accident Syndicate* é um dos contos de *Ukridge*, de 1924, protagonizados pelo mesmo esperto e videirinho Ukridge, sempre atrás de “esquemas” para conseguir dinheiro fácil.

— Um instantinho, menino — disse Ukridge. E, agarrando-me pelo braço, fez-me parar na borda da pequena multidão que se formara à porta da igreja.

Era um ajuntamento como os que se podem ver todas as manhãs, em Londres, durante a estação de acasalamento, nos largos dessas igrejas aninhadas nas calmas pracetas entre Hyde Park e a King's Road, em Chelsea.

Consistia de cinco mulheres com ar de cozinheiras, quatro amas-secas, meia dúzia de homens da classe não-produtiva, arrancados por instantes à tarefa habitual de segurar as paredes do Cacho de Uvas, a taberna da esquina, um vendedor ambulante com a sua carreta de hortaliças, vários rapazinhos, onze cães, e dois ou três sujeitos de ar decidido com máquinas fotográficas ao ombro. Era claro que ali havia casamento — e, a julgar pela presença dos fotógrafos e da fila de automóveis elegantes ao longo do passeio, um casamento bastante

da moda. O que não era claro – para mim – era a razão por que Ukridge, o mais empedernido dos solteirões, quisera juntar-se aos espectadores.

– Qual – perguntei eu – é a tua ideia? Porque interrompemos o nosso passeio para assistir às exéquias de um completo desconhecido?

Ukridge não respondeu logo. Parecia absorto. Depois emitiu um riso surdo e sem alegria – um som medonho, como o derradeiro estertor de um alce moribundo.

– Completo desconhecido uma grandessíssima ova! – respondeu ele, no seu modo grosseiro. – Sabes quem é que ali está a ser enforcado?

– Quem ?

– Teddy Weeks.

– Teddy Weeks? Teddy Weeks? Co's diabos! – exclamei. – A sério?

E recuámos cinco anos.

Foi no restaurante italiano Barolini na Beak Street que Ukridge concebeu o seu grande esquema. O Barolini era o poiso favorito do nosso pequeno grupo de afincados fura-vidas, no tempo em que os filantrópicos restauradores do Soho forneciam quatro pratos e café por xelim e meio; e naquela noite estavam presentes, além de Ukridge e de mim próprio, os seguintes amigos da vid'airada: Teddy Weeks, o actor, acabadinho de chegar de uma digressão de seis semanas com a Companhia Número Três de "A Empregadinha de Balcão"; Victor Beamish, o artista, o homem que desenhou a gravura de O Piano Fácil, na página de anúncios da *Piccadilly Magazine*; Bertram Fox, autor de *Cinzas de Remorso*, e outros guiões de filmes nunca

realizados; e Robert Dunhill que, empregado e com um salário de oitenta libras por ano no Novo Banco Asiático, representava o sóbrio e determinado elemento comercial. Como de costume, Teddy Weeks monopolizara a conversa, e explicava-nos mais uma vez como era bom e como fora tão maltratado por um destino malévolo.

Não há qualquer necessidade de descrever Teddy Weeks. Com nome diferente e mais eufónico, há muito que se tornou tremendamente conhecido de quem lê os semanários ilustrados. Era então, como hoje, um jovem revoltantemente bem-parecido, possuindo os mesmíssimos olhos meigos, a boca expressiva e o cabelo ferreamente ondulado, tão apreciados pelo público dos teatros. E, no entanto, nesta fase da sua carreira, desperdiçava-se em companhias itinerantes de meia-tigela, das que estreiam em Barrow-in-Furness e saltam para Bootle na segunda metade da semana. Atribuía-o, como Ukridge também atribuía as suas próprias dificuldades à falta de capital.

— Tenho tudo — dizia ele, lamurioso, sublinhando as palavras com uma colher de café. — Beleza, talento, personalidade, uma bela dicção... tudo. Só preciso de uma oportunidade. E não consigo essa oportunidade porque não tenho nada que vestir. Os empresários são todos iguais, não olham senão à aparência, nunca se dão ao trabalho de perceber se um homem tem génio. Só o avaliam pelo que veste. Se tivesse dinheiro para mandar fazer uns dois fatos a um alfaiate de Cork Street, se pudesse mandar fazer umas botas por medida no Moykoff em vez de as comprar já feitas e em segunda mão nos Moses Brothers, se conseguisse, uma vez na vida, ter um chapéu decente, um par de polainas mesmo

boas, e uma cigarreira de ouro, tudo ao mesmo tempo, podia entrar no escritório de qualquer empresário e assinar contrato para uma produção no West-End já amanhã.

Nesta altura entrou Freddie Lunt. Freddie, como Robert Dunhill, era um magnate financeiro em formação e frequentador assíduo do Barolini; e de repente ocorreu-nos que já há bastante tempo não o víamos por ali. E inquirimos das razões de tal afastamento.

— Estive na cama — disse Freddie — mais de quinze dias.

A afirmação incorreu na severa reprovação de Ukridge. Este grande homem tinha por norma nunca se levantar antes do meio-dia, e certa ocasião, quando ao atirar fora descuidadamente um fósforo, queimara um buraco no seu único par de calças, tinha chegado mesmo ao ponto de ficar quarenta e oito horas entre lençóis; mas preguiça a escala tão imensa chocava-o.

— Mas que grande calão! — comentou, severo. — Desperdiçar assim os dias dourados da juventude, quando devias andar a labutar e a ganhar nome.

Freddie achou-se injustamente acusado.

— Tive um acidente — explicou. — Caí da bicicleta e torci o tornozelo.

— Raio de azar — foi o nosso veredicto.

— Olhem que não sei — disse Freddie. — Não deixou de ter a sua piada ficar de pousio. E depois, há as cinco.

— Quais cinco?

— Recebi cinco libras do *Weekly Cyclist* por torcer o tornozelo.

— O... *quê?* — gritou Ukridge, profundamente agitado, como sempre, com as histórias de dinheiro fácil. — E é com essa calma toda que me vens dizer que houve

um raio dum jornal qualquer que te pagou cinco libras só por teres torcido um tornozelo? Deixa-te disso, filho. Essas coisas não acontecem.

— É perfeitamente verdade.

— Podes mostrar a massa?

— Não; porque se a mostrasse ias logo pedir-ma emprestada.

Ukridge ignorou a desconsideração num silêncio digno.

— E eles pagam cinco libras a *qualquer pessoa* que torça o tornozelo? — perguntou, sem perder de vista o cerne da questão.

— Pagam. Se for assinante.

— Eu sabia que havia um truque — disse Ukridge, desanimado.

— Há uma data de semanários que estão a lançar esta baboseira — prosseguiu Freddy. — Paga-se uma assinatura anual e fica-se com direito a um seguro de acidentes.

Isto interessou-nos. Foi ainda antes do tempo em que todos os jornais diários de Londres competiam que nem loucos com os rivais em matéria de seguros, subornando principescamente os cidadãos para fazerem fortuna partindo os respectivos pescoços. Hoje em dia, os jornais chegam a pagar duas mil libras por um cadáver autêntico e cinco libras por semana por uma mera vértebra deslocada; mas, nesse tempo, a ideia era nova e sedutora.

— Quantos pasquins é que andam a fazer isso? — perguntou Ukridge. Via-se pelo brilho dos olhos que aquele grande cérebro girava como um dínamo. — Aí uns dez?

— Sim, é capaz. Uns dez, à vontade.

— Então um sujeito que os assinasse todos e depois torcesse o tornozelo recebia cinquenta libras? — disse Ukridge, num raciocínio sagaz.

— Mais, se a lesão for mais grave — disse Freddie, o perito. — Têm uma tabela. Tanto por um braço partido, tanto por uma perna partida, e por aí adiante.

O botão do colarinho de Ukridge saltou da casa e o *pince-nez* oscilou como bêbedo quando ele se voltou para nós.

— Quanto dinheiro é que vocês conseguem arranjar? — perguntou.

— Para que o queres? — perguntou Robert Dunhill, com a cautela de um banqueiro.

— Ó meu caro amigo, não estás a ver? Tive a ideia do século, co's diabos. Palavra de honra, isto é o maior esquema jamais concebido. Juntamos dinheiro suficiente e fazemos uma assinatura anual desses jornais.

— E qual é a vantagem? — disse Dunhill, frio e sem entusiasmo.

Treinam os empregados bancários para abafar a emoção, e assim serem capazes de recusar saques a descoberto quando chegarem a gerentes. “O mais provável é nenhum de nós ter acidente de espécie nenhuma, e nesse caso isto é deitar dinheiro à rua.”

— Santo Deus, que asno — troçou Ukridge. — Não pensas com certeza que eu esteja a dizer que se deixe a coisa entregue ao acaso, pois não? Oiçam! O esquema é o seguinte. Assinamos esses jornais todos, depois tiramos à sorte, e quem tirar a carta fatal, ou o que for, vai dar uma volta e parte uma perna e saca a massa, e depois dividimo-la entre nós e vivemos à larga. Deve ir às centenas de libras.

Seguiu-se um longo silêncio. Depois, Dunhill voltou

a falar. A inteligência dele era mais do género sólido, e não do ágil.

— Suponhamos que não consegue partir a perna.

— Co's diabos! — gritou Ukridge, exasperado. — Então estamos no século xx, com todos os recursos da civilização moderna ao nosso dispor, oportunidades de partir as pernas abrindo-se à nossa volta por todo o lado... e tu saís-te com uma pergunta idiota como essa? Claro que conseguia partir a perna. Qualquer asno consegue partir uma perna. Homessa! Estamos todos infernalmente tesos... Pelo meu lado, a não ser que o Freddie me possa emprestar uma parte daquelas cinco libras até sábado, vou ter algumas dificuldades em me safar. Todos precisamos de dinheiro como o diacho, e mesmo assim, quando eu apronto este maravilhoso esquema para sacar algum, em vez de me acarinharem pela minha inteligência expedita ficam para aí sentados a pôr objecções. Não é a atitude correcta. Não é atitude para vencer.

— Se estás assim tão teso — objectou Dunhill —, como é que arranjas a tua parte?

Surgiu nos olhos de Ukridge uma expressão sofredora, quase aturdida. Fitou Dunhill de trás do *pince-nez* às três pancadas, como quem cogita se os seus ouvidos o terão enganado.

— Eu? — gritou. — Eu? Gostei dessa! Palavra de honra, essa é muito boa! Poça, se há justiça no mundo, se há uma réstea de decência e de bons sentimentos nesses peitos danados, penso bem que haviam de me deixar entrar de graça por ter sido eu a dar a ideia. Homessa! Eu dou os miolos e vocês ainda querem que eu também desembolse. Poça, não esperava uma destas. Fico

magoadado, caramba! Se alguém me dissesse que um velho camarada meu ia...

— Pronto, está bem — disse Robert Dunhill. — Pronto, pronto, pronto. Mas digo-te uma coisa. Se te calhar a ti, há-de ser o dia mais feliz da minha vida.

— Não calha — disse Ukridge. — Algo me diz que não.

E não calhou mesmo. Quando, num silêncio solene apenas cortado pelo som distante de um criado a discutir com o cozinheiro por um tubo acústico, acabámos de tirar à sorte, o homem designado pelo destino foi Teddy Weeks.

Suponho que mesmo na Primavera da juventude, quando membros partidos parecem coisa mais ligeira do que vêm a ser mais tarde na vida, nunca pode constituir actividade univocamente agradável andar na via pública a tentar que nos aconteça algum acidente. Em tais circunstâncias, a ideia de com isso estarmos a beneficiar os nossos amigos pouco nos consola. A Teddy Weeks parece que não consolava mesmo nada. E que começava a sentir uma ligeira falta de inclinação para se sacrificar pelo bem comum foi-se tornando cada vez mais evidente à medida que os dias passavam e o encontravam ainda intacto. Ukridge, quando veio ter comigo para discutir o caso, estava visivelmente perturbado. Afundou-se numa cadeira junto à mesa em que eu iniciava a minha modesta refeição matinal e, depois de me ter bebido metade do café, suspirou profundamente.

— Palavra de honra — resmungou —, é um bocadinho desanimador. Dou cabo dos miolos a pensar em esquemas para conseguir algum dinheiro para todos

nós, no momento em que estamos mais precisados, e quando acerto na ideia que será provavelmente a mais simples mas é também a mais bem engendrada do nosso tempo, vai este chato do Weeks e deixa-me ficar mal, esquivando-se ao que é simplesmente o seu dever. Isto só a mim, ter calhado a sorte a um sujeito daqueles. E o pior, menino, é que, agora que começámos com ele, temos de ir para a frente. Nem por sombras conseguíamos arranjar dinheiro suficiente para pagar assinaturas anuais a outro. É o Weeks ou ninguém.

— Se calhar temos de lhe dar tempo.

— É o que ele diz — resmungou Ukridge, sombrio, servindo-se de torradas. — Diz que não sabe como há-de fazer. Ao ouvi-lo, até parece que ir por aí fora e ter um acidente vulgaríssimo é o tipo de tarefa delicada e complexa que exige anos de estudo e preparação especial. Caramba, uma criança de seis anos era capaz de o fazer com uma perna às costas, e daqui a cinco minutos. O tipo é de uma esquisitice infernal. Damos-lhe sugestões para o ajudar, e em vez de as aceitar num espírito de cooperação aberto e razoável, refila-me com uma objecção fútil qualquer. É cá um picuinhas! Quando saímos ontem à noite, demos com um par de marujos à porrada. Uns sujeitos todos sólidos, qualquer deles capaz de o mandar para o hospital durante um mês. Disse-lhe para avançar e separá-los, e ele diz que não; que era uma disputa entre eles, que não tinha nada a ver com aquilo, e que não via razões para se intrometer. Picuinhas, é o que ele é. Digo-te uma coisa, menino, este chato é um mole. Vai-se abaixo das canelas. Fizemos mal em deixá-lo entrar no sorteio. Devíamos ver logo que um tipo daqueles nunca havia de dar resultados.

Falta-lhe consciência. Não tem o mínimo sentido de *esprit de corps*. Não lhe passa pela cabeça esquecer-se de si próprio um mínimo que seja, em nome do bem comum. Não tens mais compota, menino?

— Não tenho, não.

— Bom, então vou andando — disse Ukridge, aborrecido. — Se calhar — acrescentou, detendo-se à porta —, não tens cinco xelins que me emprestes...

— Como é que adivinhaste?

— Então fazemos assim — disse Ukridge, sempre leal e razoável —, podes dar-me de jantar logo à noite. — Pareceu por momentos animado com este compromisso feliz, mas o abatimento voltou a descer sobre ele. O rosto ficou sombrio. — Quando penso — disse ele — em todo o dinheiro fechado naquele desgraçado daquele panhonhas, ali à espera de ser libertado, dá-me vontade de chorar. Chorar, menino, como uma criancinha. Nunca gostei do tipo... tem um olhar mau e faz ondinhas no cabelo. Nunca confies num homem que faz ondas no cabelo, filho.

O pessimismo de Ukridge não acabava nele. Ao fim de quinze dias, não tendo acontecido a Teddy Weeks nada de mais grave do que uma ligeira constipação de que ele se safou em dois dias, o consenso geral das opiniões entre os seus apreensivos parceiros na sociedade era que a situação se tornara desesperada. Não havia quaisquer sinais de retorno do vasto capital que tínhamos investido, e entretanto havia refeições a comprar, senhorias a pagar, e um razoável suprimento de tabaco a adquirir. Era tarefa melancólica, nestas circunstâncias, ler o jornal da manhã.

Por todo o globo habitado, tal era o que se podia

depreender da folha bem-informada, havia todo o tipo de acidentes a acontecer todos os dias praticamente a toda a gente existente, excepto a Teddy Weeks. Ele era lavradores no Minnesota a verem-se enredados em máquinas de ceifar, camponeses na Índia bisseccionados pelos crocodilos; vigas de ferro dos arranha-céus caindo de hora a hora nas cabeças dos cidadãos em todas as cidades, de Filadélfia a São Francisco; e as únicas pessoas que não jaziam envenenadas pela ptomaína eram as que se tinham despenhado de falésias, estampado carros contra paredes, tropeçado nas tampas dos esgotos, ou partido do princípio, com base em provas muito ténues, de que a arma não estava carregada. Num mundo estropiado, Teddy Weeks, assim parecia, caminhava só, inteiro e rebrilhando de saúde. Era uma daquelas situações cruéis, irónicas, desanimadoras, indecisas, desesperadas, sobre as quais os romancistas russos gostam de escrever, e eu não consegui censurar Ukridge por enveredar pela acção directa nesta crise. A única coisa de que tenho pena é que a pouca sorte tenha levado um plano tão belo a descarrilar.

O primeiro prenúncio de que ele andara a tentar apressar as coisas surgiu-me quando íamos pela King's Road certa noite, e me arrastou até Markham Square, um sítio recôndito e sombrio onde ele em tempos vivera.

— Qual é a ideia? — perguntei, pois não gostava do sítio.

— Teddy Weeks vive aqui — disse Ukridge. — Na minha antiga casa.

Não me parecia que isso acrescentasse qualquer fascínio ao lugar. A cada dia que passava, arrependia-me mais e mais, e de todas as maneiras possíveis, por

ter sido parvo a ponto de entrar com o dinheiro que tanto me custara a poupar numa jogada que tinha todas as características do falhanço completo, e os meus sentimentos por Teddy Weeks eram frios e hostis.

– Quero saber dele.

– Saber dele? Porquê?

– Na verdade, menino, tenho cá a ideia de que foi mordido por um cão.

– Porque pensas isso?

– Olha, não sei – disse Ukridge, vagamente. – É só uma ideia. Sabes como é, a gente fica com ideias.

A mera contemplação do belo evento era tão animadora que fiquei um bocado em silêncio. Nos jornais em que tínhamos investido, as dentadas de cão eram especificamente recomendadas como coisas que o assinante devia ter. Vinham mais ou menos a meio na lista de acidentes lucrativos, abaixo de uma costela partida ou da fractura do perónio, mas com mais valor que uma unha encravada. Já me babava com a cena que as palavras de Ukridge evocavam, quando uma exclamação me fez voltar num sobressalto às realidades da vida. Dei com uma visão repelente. Descia a rua, de passo calmo, a figura familiar de Teddy Weeks, e bastou um relance à sua elegante pessoa para nos dizer que a nossa esperança não tinha fundamento. Nem um caniche lhe ferrara o dente.

– Olá, companheiros! – disse Teddy Weeks.

– Olá! – respondemos, soturnos.

– Não posso parar – disse Teddy Weeks. – Tenho de ir buscar o médico.

– O médico?

– Sim. Coitado do Victor Beamish. Foi mordido por um cão.

Eu e Ukridge olhámos um para o outro, cansados. Parece que o Destino fazia os possíveis para trocar de nós. Qual era a vantagem de um cão morder Victor Beamish? Qual era a vantagem de cem cães morderem Victor Beamish? Um Victor Beamish mordido por um cão não tinha qualquer valor de mercado.

— Estão a ver aquela besta feroz que é da minha senhoria — disse Teddy Weeks. — Um que aparece sempre de um salto e ladra a quem se chega à porta. — Eu lembrava-me. Um rafeiro enorme de olhos desvairados e presas coruscantes, e a precisar de uma boa tosquia. Encontrara-o uma vez na rua, quando ia visitar Ukridge, e só a presença deste, que o conhecia bem e para quem todos os cães eram como irmãos, me salvara da sorte de Victor Beamish. — Arranjou maneira de entrar no meu quarto hoje à noite. Estava lá à espera quando cheguei. Tinha trazido o Beamish, e o animal filou-lhe a perna mal eu abri a porta.

— Porque não te filou a ti? — perguntou Ukridge, ressentido.

— O que não consigo entender — disse Teddy Weeks — é como raio a besta entrou no meu quarto. Alguém o deve ter lá metido. Isto é tudo muito misterioso.

— Porque é que não te filou a ti? — perguntou outra vez Ukridge.

— Oh, consegui trepar para cima do roupeiro enquanto ele mordia o Beamish — disse Teddy Weeks. — E depois a senhoria apareceu e levou-o dali. Mas não posso ficar à conversa. Tenho de ir buscar o médico.

Ficámos de olhos pregados nele em silêncio enquanto descia a rua. Reparámos na cautela com que parava nas esquinas para atentar no trânsito antes de

atravessar a rua, a prudência com que recuou para deixar passar um camião a toda a brida.

— Ouviste aquilo? — disse Ukridge, tenso. — Trepou para cima de um armário.

— Pois é.

— E reparaste como ele evitou aquele camião excelente?

— Pois é.

— Tem de se fazer qualquer coisa — disse Ukridge, com firmeza. — O tipo tem de ser despertado para o sentido das responsabilidades.

No dia seguinte, uma delegação esperava Teddy Weeks.

Ukridge era o nosso porta-voz, e foi direito ao assunto com uma franqueza admirável.

— E então? — perguntou Ukridge.

— Então, o quê? — respondeu Teddy Weeks, nervoso, evitando o olhar acusador do outro.

— Quando é que isto se resolve?

— Ah, estás a falar daquela coisa do acidente?

— Sim.

— Tenho andado a pensar nisso — disse Teddy Weeks.

Ukridge traçou e apertou ao corpo o impermeável que usa dentro de casa e fora de casa e por toda a espécie de tempo. Havia no gesto algo que dava a ideia de um membro do Senado romano prestes a denunciar um inimigo do Estado. Deve ter sido assim mesmo que Cícero traçou a toga e inspirou fundo, preparando-se para o ataque a Clodius. Remexeu uns instantes distraidamente no arame que fechava uma garrafa de cerveja de gengibre e que agora lhe segurava o *pince-nez*, enquanto se esforçava em vão por prender o colarinho

atrás. Nos momentos de emoção, o colarinho de Ukridge tomava-se de uma espécie de agitação temperamental e não havia botão que o conseguisse aguentar.

— E já não é sem tempo que penses nisso — explodiu, austero.

Todos nos remexemos nas cadeiras em sinal de aprovação, todos excepto Victor Beamish, que recusara a cadeira e estava em pé junto à lareira. “Palavra de honra, é tempo que vás pensando nisso. Já percebeste que investimos em ti uma soma enorme, partindo claramente do princípio de que podíamos confiar que cumpririas o teu dever e ter resultados imediatos? Seremos forçados a concluir que és tão cobardola e amigo da onça que te queiras furtar ao dever a que a honra te obriga? Tínhamos-te em melhor conta, Weeks. Palavra de honra, tínhamos-te em melhor conta. Tínhamos-te por um homem a cem por cento, lutador, arrojado, de alma grande, que ficaria ao lado dos amigos até ao fim.”

— Sim, mas...

— Qualquer tipo com o sentido da lealdade e alguma estima pelo que isto representa para nós há muito que teria corrido à procura e seguramente encontrado um meio de cumprir o seu dever. Tu nem sequer agarras as possibilidades que te aparecem à frente. Ainda ontem te vi recuar, quando dando um único passo para a estrada serias atropelado por um camião.

— Bem, não é assim tão fácil deixar-se atropelar por um camião.

— Desculpas. Exige só um pouco de determinação normal. Usa a imaginação, homem. Tenta pensar que uma criança caiu na rua... uma criancinha de cabelos de oiro — disse Ukridge profundamente emocionado. —

E aparece o raio de um táxi ou coisa assim, na mecha. A mãe do miúdo está no passeio, impotente, as mãos apertadas numa agonia. “Poça,” grita ela, “será que ninguém salva o meu queridinho?” “Sim, bolas,” bradas tu, “salvo-o *eu*.” E tu saltas logo e em meio segundo está despachado. Não percebo para que é tanta complicação.

– Sim, mas... – disse Teddy Weeks.

– E ainda por cima, ao que me disseram, não dói nada. Fica-se numa espécie de choque e sem grande sensibilidade, é só isso.

– Quem to disse?

– Não me lembro. Alguém.

– Bem, podes dizer-lhe da minha parte que é um asno – disse Teddy Weeks, áspero.

– Muito bem. Se recusas ser atropelado por um camião, há muitas outras maneiras. Mas, palavra de honra, nem vale a pena estar a sugerir-las. Ontem, depois da trabalhadeira que passei para meter um cão no teu quarto, um cão que teria feito o trabalhinho todo por ti – só tinhas era de ficar quieto e deixá-lo seguir o seu critério –, que é que aconteceu? Trepaste para o...

Victor Beamish interrompeu, numa voz turva de emoção.

– Foste tu que puseste o maldito do cão no quarto?

– Quê? – disse Ukridge. – Pois fui. Mas depois falamos melhor disso – continuou, precipitadamente. – O importante neste momento é como diacho vamos convencer este pobre verme a ir buscar o dinheiro do seguro para nos dar. Caramba, pensava que te...

– Só te digo que... – começou Victor Beamish, exaltado.

— Sim, sim — disse Ukridge —, falamos depois. Agora temos de nos ater à questão, menino. Dizia eu — retomou ele — que pensava que te interessava despachar isto em três tempos. Andas sempre a queixar-te de não teres roupa para impressionar os empresários. Pensa em tudo o que podes comprar com a tua parte do saque assim que conseguires reunir um pouquinho de vulgar determinação e dares a coisa por arrumada. Pensa nos fatos, nas botas, nos chapéus, nas polainas. Estás sempre a falar no raio da carreira, e a dizer que para entrares numa produção do West-End só precisas de roupa boa. Então, é a tua oportunidade de a conseguires.

A sua eloquência não se perdeu. Surgiu nos olhos de Teddy Weeks uma expressão anelante e melancólica, como a que deve ter assomado aos olhos de Moisés no cimo do Pisgah. Tinha uma respiração pesada. Via-se que o homem caminhava mentalmente pela Cork Street, pesando os méritos de um alfaiate famoso comparados com os de outro.

— Já lhes digo o que vou fazer — disse ele, de repente. — Não serve de nada pedirem-me que faça isto a sangue frio. Simplesmente eu não consigo. Não tenho coragem. Mas se vocês me pagarem um jantar hoje à noite com bastante champanhe acho que me havia de animar.

Caiu na sala um silêncio pesado. Champanhe! A palavra soou como um toque de finados.

— Como raio é que nos podemos dar ao luxo de champanhe? — disse Victor Beamish.

— Pronto — disse Teddy Weeks. — É pegar ou largar.

— Cavalheiros — disse Ukridge —, dir-se-ia que a sociedade exige mais capital. Que me dizem, meus caros?

Vamos juntar-nos, num espírito franco, de cartas na mesa, e ver o que se pode arranjar. Eu posso entrar com dez xelins.

– Quê? – gritou a assembleia toda, surpreendida. – Como?

– Ponho um banjo no prego.

– Tu não tens banjo.

– Não, mas tem o George Tupper, e eu sei onde ele o guarda.

Começadas assim em grande animação, as contribuições foram chovendo. Eu contribuí com uma cigarreira, Bertram Fox achou que a senhoria lhe fiava mais uma semana, Robert Dunhill tinha um tio em Kensington que, imaginava ele, se abordado com tacto, havia de se descair com uma libra, e Victor Beamish disse que se o chefe da publicidade de O Piano Fácil, fosse tão reles que lhe recusasse um adiantamento de cinco xelins a descontar em futuros trabalhos é porque estava muito enganado sobre ele. Daí a poucos minutos, resumindo, a Campanha Relâmpago produzira o total impressionante de duas libras e seis xelins, e nós perguntámos a Teddy Weeks se achava que conseguia ficar devidamente animado dentro dos limites dessa quantia.

– Vou tentar – disse Teddy Weeks.

E assim, não esquecendo o facto de que aquela excelente hospedaria fornecia champanhe a oito xelins o quartilho, fixámos o encontro para as sete horas no Barolini.

Considerado como acontecimento mundano, o jantar de estímulo de Teddy Week não foi nenhum sucesso. Acho que todos o achámos penoso, a bem dizer

desde o início. Não foi tanto o facto de ele estar a beber à grande o champanhe de oito xelins do Barolini, enquanto nós, por falta de fundos, nos víamos obrigados a cingir-nos a bebidas inferiores; o que realmente arruinou a alegria da função foi o extraordinário efeito que a mistela teve sobre o Teddy. O que realmente haveria no champanhe fornecido a Barolini e por ele aviado aos clientes, a quem fosse suficientemente temerário para o beber, a oito xelins a garrafa, é segredo que fica entre o criador dele e o seu Criador; mas três copos de champanhe bastaram para converter Teddy Weeks, jovem moderado e um pouco meloso, em truculento espalha-brasas.

Discutiui com todos nós. À sopa, atacou as teorias de Victor Beamish sobre arte; o peixe encontrou-o a ridicularizar as opiniões de Bertram Fox sobre o futuro do cinema; e quando chegou a perna de frango com salada de dente-de-leão – ou, como defendem alguns, salada de feijão verde – aqui, as opiniões divergem –, a mistela infernal retorcera-o a ponto de pregar um sermão a Ukridge sobre o desperdício que era a sua vida, instando-o, numa voz que se ouvia do outro lado da rua, a arranjar um emprego, conquistando assim suficiente respeito por si próprio para se olhar ao espelho sem vergonha. Não que, acrescentou Teddy Weeks num tom que todos achámos indevidamente ofensivo, o respeito por si próprio, por mais que fosse, chegasse alguma vez a tanto. E dito isto, mandou vir, com autoridade, mais oito xelins dele.

Entreolhámo-nos, desalentados. Por mais excelente que fosse o fim de tudo isto, não se pode negar que era difícil de aguentar. Mas a táctica obrigava-nos ao

silêncio. Reconhecíamos que aquela era a noite de Teddy Weeks e que tínhamos de lhe fazer as vontades. Victor Beamish disse com brandura que o Teddy lhe tinha explicado uma data de coisas que há tempos o traziam confuso. Bertram Fox concordou que havia muito de verdadeiro no que Teddy tinha dito sobre o futuro do grande-plano. E até Ukridge, embora se lhe tivesse secado a alma altaneira desde a raiz pelas recriminações que lhe fizera, prometeu tomar a peito a homilia de Teddy e pô-la em prática o mais brevemente possível.

— Acho bem! — disse Teddy Weeks, todo belicoso, arrancando a ponta de um dos melhores charutos do Barolini. — E outra coisa... eu que não oiça mais dizer que andaste a roubar peúgas.

— Está bem, filho — disse Ukridge, humildemente.

— Se há no mundo pessoa que eu desprezo — disse Teddy, fitando o transgressor com os olhos injectados — é um ladrugas de peão, um pedrugas de leão, enfim, perceberam o que eu quero dizer.

Dissemos logo que sabíamos o que ele queria dizer e recaiu num torpor demorado, de que emergiu passados três quartos de hora para anunciar que não sabia o que nós queríamos fazer, mas que ele ia andando. Dissemos que também íamos, pagámos a conta e fomos.

A indignação de Teddy Weeks ao descobrir-nos reunidos à volta dele no passeio em frente do restaurante foi intensa, e manifestou-a livremente. Entre outras coisas, disse — o que não era verdade — que tinha que manter a sua reputação no Soho

— Muito bem, Teddy, meu caro — disse Ukridge, para o apaziguar. — Foi só por pensarmos que gostarias

de ter contigo os teus velhos companheiros quando fizesses aquilo.

– Aquilo? Aquilo, o quê?

– Então, ter o acidente.

Teddy Weeks fixou-o, agressivo. Depois mudou abruptamente de humor e rebentou num riso sonoro e vigoroso.

– Mas que ideia mais idiota! – gritou ele, divertido. – Não vou ter acidente nenhum. Não pensavam que eu alguma vez quisesse ter tido um acidente, pois não? Foi só para me divertir. – Depois, com outra mudança súbita de humor pareceu tornar-se vítima de extrema infelicidade. Afectuoso, pôs-se a fazer festas no braço de Ukridge, e uma lágrima rolou-lhe pela face. – Só para me divertir – repetia. – Não se importam que eu me divirta, pois não? – perguntou, insinuante. – Gostam que eu me divirta, não gostam? Que me divirta a sério. Nunca fiz a mínima tenção de ter um acidente. Só queria jantar. – A graça disto tudo superou mais uma vez a sua tristeza. – A coisa mais engraçada que já ouvi – disse ele, cordial. – Não queria acidente, queria jantar. Jantar dacadente, dantar jicidente – acrescentou, sublinhando o ponto. – Bem, boa noite a todos – disse ele, jovial. E, ao descer do passeio para cima de uma casca de banana, foi instantaneamente atirado a mais de três metros por um camião que passava.

– Duas costelas e um braço – disse o médico cinco minutos depois, vigiando o processo de transporte do ferido. – Essa maca com jeitinho.

Passaram duas semanas até as autoridades do Charing Cross Hospital nos informarem de que o doente estava em condições de receber visitas. Uma colecta

reuniu o preço de um cesto de fruta, eu e Ukridge fomos delegados pelos accionistas para o irmos entregar com os cumprimentos de todos e os desejos de melhoras.

— Olá! — dissemos nós, no sussurro próprio à cabeceira dos doentes, quando finalmente fomos admitidos à presença dele.

— Sentem-se, meus senhores — respondeu o inválido.

Devo confessar que logo no primeiro momento tive um ligeiro sentimento de surpresa. Não era muito do Teddy Weeks tratar-nos por meus senhores. Ukridge, no entanto, parecia não ter dado por nada.

— Ora bem, bem, bem — disse, alegre. — E como vais tu, menino? Trouxemos-te uns espécimes de fruta.

— Às mil maravilhas — respondeu Teddy Weeks, ainda naquele modo estranho e exacto que me fizeram achar curiosas as suas primeiras palavras. — E gostaria de dizer que em minha opinião a Inglaterra tem razão em se orgulhar do dinamismo e do espírito de iniciativa dos seus grandes jornais. A excelência do conteúdo, a inventiva dos vários concursos, e, acima de tudo, o espírito progressista que resultou neste sistema de seguros de acidentes merece os maiores elogios. Anotaram tudo? — perguntou.

Ukridge e eu olhámos um para o outro. Tinham-nos dito que Teddy estava de novo praticamente normal, mas aquilo parecia um delírio.

— Anotámos tudo, meu caro? — perguntou Ukridge, delicado.

Teddy Weeks pareceu surpreendido.

— Não são jornalistas?

— Jornalistas, como?

— Pensei que viessem de um dos semanários que têm mandado o dinheiro do seguro, para me

entrevistar – disse Teddy Weeks.

Ukridge e eu trocámos outro olhar. Um olhar inquieto, desta vez. Acho que nessa altura um pressentimento negro começava a lançar sobre nós a sua sombra.

– De certeza que te lembras de mim, Teddy, meu velho? – disse Ukridge, ansioso.

Teddy Weeks franziu o sobrolho, concentrando-se penosamente.

– Mas é claro – disse, por fim. – Ukridge, não é?

– Isso mesmo. Ukridge.

– Claro. Ukridge.

– Pois. Ukridge. Que estranho esqueceres-te de mim!

– Pois é – disse Teddy Weeks. – É efeito do choque que sofri quando aquela coisa me apanhou desprevenido. Devo ter batido com a cabeça, acho eu. Teve o efeito de me tornar a memória bastante incerta. Os médicos daqui estão muito interessados. Dizem que é um caso raríssimo. Há coisas de que me lembro perfeitamente, mas noutras a minha memória é um vazio completo.

– Mas ouve lá, meu velho – disse Ukridge, trémulo. – Não te deves ter esquecido daquilo do seguro, pois não?

– Oh, não, disso lembro-me eu.

Ukridge deu um suspiro de alívio.

– Era assinante de uma série de semanários – continuou Teddy Weeks. – Agora pagam-me o dinheiro do seguro.

– Isso, isso, meu caro – gritou Ukridge. – Mas o que eu quero dizer é que te lembras da sociedade, não lembras?

Teddy Weeks alçou as sobrancelhas.

— Sociedade? Que sociedade?

– Então, quando nos juntámos todos e arranjámos o dinheiro para pagar as assinaturas desses jornais e tirámos à sorte quem devia ter um acidente e receber o dinheiro. E calhou-te a ti, não te lembras?

Espalhou-se no semblante de Teddy Weeks um espanto profundo, e para mais, espanto escandalizado. O homem parecia ofendidíssimo.

– Não me lembro absolutamente nada disso – disse ele, severamente. – Não me consigo imaginar nem por um momento a ser cúmplice de uma coisa dessas que, e são vocês que o dizem, parece uma fraude criminosa para obter dinheiro de uma série de jornais.

– Mas, ó menino...

– No entanto – disse Teddy Weeks –, se há alguma verdade nessa história, têm com certeza provas documentais que a sustentem.

Ukridge olhou para mim. Eu olhei para Ukridge. Houve um longo silêncio.

– Ala daqui, meu velho – disse Ukridge, tristemente. – Não vale a pena ficar mais tempo.

– Pois não – disse eu, igualmente sombrio. – Mais vale ir embora.

– Prazer em vê-los – disse Teddy Weeks – e obrigado pela fruta.

Quando voltei a vê-lo, vinha ele a sair do escritório de um empresário no Haymarket. Trazia um chapéu de feltro novo de um delicado cinzento-pérola, polainas a condizer, e um fato novo de flanela azul, de belíssimo corte, com um fiozinho vermelho quase invisível. Estava radiante, e, quando ia a passar por ele, tirou do bolso uma cigarreira de ouro.

Foi pouco tempo depois, se bem se lembram, que

ele teve um sucesso enorme como jovem protagonista daquela peça no Apollo e iniciou a carreira sensacional de ídolo das matinés.

No interior da igreja, o som do órgão aumentara para tocar a música familiar da *Marcha Nupcial*. Saiu o bedel para abrir as portas. As cinco cozinheiras pararam as reminiscências de outros casamentos mais finos em que tinham participado. Os fotógrafos prepararam as máquinas. O hortaliçeiro, com a carreta, avançou um passo. A meu lado, um homem muito mal-enjorcado e com a barba por fazer grunhiu uma censura.

— Ricos e mandriões! — disse o homem.

Saiu da igreja uma criatura belíssima, conduzindo pelo braço outra criatura, um pouco menos bela.

Não se pode negar o efeito espectacular de Teddy Weeks. Estava mais bonito do que nunca. O cabelo lustroso, maravilhosamente ondulado, brilhava ao sol, os olhos eram grandes e luminosos; o corpo ágil, num fraque e calças impecáveis, era o de um Apolo. Mas a noiva dava a impressão de que Teddy se casara por dinheiro. Pararam à porta, e os fotógrafos ficaram activos e agitados.

— Tens aí um xelim, menino? — disse Ukridge em voz baixa, sóbria.

— Para que queres um xelim?

— Meu velho — disse Ukridge, tenso —, é da mais vital importância ter um xelim aqui e agora.

Dei-lho. Ukridge voltou-se para o homem mal-enjorcado, e percebi que tinha na mão um tomate grande, sumarento, e já bastante mais que maduro.

— Quer ganhar um xelim? — disse Ukridge.

— Se quero! — respondeu o homem.

Os fotógrafos tinham acabado os preparativos. Teddy Weeks, a cabeça bem erguida no jeito galante que o tornara tão querido das suas fãs, exibia os famosos dentes. As cozinheiras, a meia-voz, faziam comentários desfavoráveis sobre o aspecto da noiva.

— Agora, por favor — disse um dos fotógrafos.

Por cima das cabeças da multidão, de boa vontade e boa pontaria, zuniu um grande tomate sumarento. Rebentou como uma granada em cheio entre os expressivos olhos de Teddy Weeks, escondendo-os numa desgraça vermelha. Salpicou o colarinho de Teddy Weeks, pingou no fraque de Teddy Weeks. E o homem mal-amanhado virou-se de repente e desatou a correr pela rua abaixo.

Ukridge agarrou-me no braço. Tinha nos olhos uma satisfação profunda.

— Ala, meu velho? — disse Ukridge.

E lá fomos nós, de braço dado, ao belo sol de Junho.

Enrique Jardiel Poncela

Um amor oculto

Tradução de Luísa Costa Gomes

Enrique Jardiel Poncela foi um dos maiores e mais populares humoristas espanhóis, criador de uma obra vasta e singular que inclui vários romances, contos e peças de teatro. Nasceu em 1901, em Madrid, de pai jornalista e mãe pintora. “Cresci – escreve ele na ‘biografia sintética’ que prefacia o romance *Amor Escreve-se sem agá* – o pouco que cresci, rodeado de livros, revistas, jornais, quadros e esculturas; vi trabalhar as rotativas antes de ver trabalhar os abre-latas; dominei a Mitologia antes da História Sagrada e tive noções do que era o socialismo, antes de ter noções do que era o futebol.” Inicia aos 20 anos a sua actividade como jornalista na redacção do *La Correspondencia de España* e colabora na revista *Buen Humor*. Em 1923 desiste do jornalismo para se dedicar por inteiro à escrita e começa a publicar. O autor do famoso *Mas... Têrá Alguma Vez Havido Onze Mil Virgens?* teve, no final da vida, vários anos maus, de desilusão e falta de êxito nas comédias, que muito o amarguraram. Morreu esquecido em Fevereiro de 1952, em Madrid, seguido de perto pelo seu cão, *Boby*, que lhe sobreviveu apenas quinze dias.

Este pequeno conto encontra-se em *Pirulís de la Habana (Lecturas para Analfabetos)*, a primeira compilação de Jardiel, publicada em Madrid, na Editorial Popular, em 1927. Há edição recente, de 2001, da Biblioteca Nueva, Madrid.

"As doenças do ouvido são muito perigosas."

Miguel Servet

A emoção mal me deixava comer o gelado de chocolate que tinha pedido ao empregado. Durante três longas horas fiz todas aquelas operações que denotam a impaciência em que se submerge uma alma: consultei o relógio, dei-lhe corda, voltei a consultá-lo, voltei a dar-lhe corda, consultei-o de novo, dei-lhe novamente corda e, por fim, fiz-lhe saltar a corda; sacudi umas carrapetas do feltro do chapéu; sacudi outras carrapetas do fato; revistei dezoito vezes todos os papéis da minha carteira; tantatarei quinze coplas e duas romanzas; li três jornais, sem compreender nada do que diziam; meditei, mexi a cabeça, afastando meditações, e logo voltei a meditar; rectifiquei repetidamente o penteado e o vinco das calças; fiz festas a um cão, propriedade de um paroquiano finíssimo; calculei os quilos de amendoins que comem por ano os meninos madrilenos e fiz girar a corda do relógio até perceber que estava estragada e que não haveria

qualquer inconveniente em fazê-la girar um mês inteiro.

Oh! Havia uma razão que justificava tudo isto. A minha amada desconhecida chegaria a qualquer momento.

Amávamo-nos por carta desde a Primavera anterior. Excepcional Leocadia! Seu doce amor enchera a taça de meus anseios, como dizem os autores de libretos para zarzuelas.

Sim. Estava muito apaixonado pela Leocadia. As suas cartas, cheias dessa graça terna, elegante e inconfundível que põem nos seus escritos as pessoas de verdadeiro talento, tinham sido o lugar geométrico de todos os meus beijos.

À força de falar com ela apenas por escrito, chegara a temer que nunca lhe falaria *vis-à-vis*. Sabia, por vários retratos que me enviou, que era bonita como uma mulher bonita, e elegante como uma mulher elegante.

Mas no Livro de Caixa do Destino estava escrito em letra redonda que Leocadia e eu nos veríamos por fim frente a frente; e a sua última carta, anunciando a sua chegada e marcando-me encontro naquele café moderno – onde era imprescindível aguentar os cinco chatos da orquestra – colocara-me no Empíreo, primeira cadeira à direita.

Deteve-se um táxi à entrada do café. Agilmente – é muito difícil fazê-lo agilmente – desceu Leocadia. Outro qualquer ter-se-ia apressado a sair e a pagar ao condutor, mas eu sou homem do meu tempo e não costumo ocupar-me de bagatelas. Além disso, se todos os que esperam alguém tivessem que lhe pagar o táxi em que viera, todos os nossos amigos chegariam de táxi aos encontros, e a boa circulação de veículos na capital perderia muito com isso.

Leocadia entrou no café levantando ao passar, por obra de sua acabada formosura, uma onda de requebros e de ressuspiros masculinos.

Leocadia chegou ao pé de mim, estendeu-me as mãos com o sorriso mais celestial que olhos humanos já viram e deixou-se cair no divã com um *chique* indiscutível.

Pedi não me lembro o quê e falou-me dos nossos amores epistolares, de quão feliz pensava ser, como me amava já...

– Também eu te amo com toda minh'alma – disse-lhe, porque verdadeiramente assim era, pois até aí não tinha topado com mulher alguma que tivesse menos defeitos que ela.

– Que dizes? – perguntou.

– Que também te amo com toda a alma.

– Quê?

Vi a horrível verdade. Leocadia era surda.

– Quê? – insistia.

– Que também eu te amo com toda a alma! – repeti, gritando.

E arrependi-me em seguida, porque se viraram dez fregueses para me olharem, evidentemente incomodados.

– A sério que me amas? – perguntou, com essa maçadoria própria dos apaixonados e dos agentes de seguros de vida.

– Jura-mo!

– Juro!

– Quê?

– Juro!

– Diz lá que juras que me amas...

– Juro que te amo! – vociferei.

Olharam-me com ódio vinte fregueses.

– Que idiota! – sussurrou um deles. – Isto é que se chama amar de viva voz.

– Então – seguiu a minha amada, alheia à tormenta –, não te arrependes de que eu tenha vindo a Madrid?

– De modo nenhum! – gritei, decidido a enfrentar tudo, porque me pareceu estúpido sacrificar o meu amor à opinião de uns senhores que falavam do Governo.

– E agrado-te?

– Muito!

– Nas tuas cartas dizias que os meus olhos eram muito melancólicos. Ainda achas?

– Sim! – gritei, como se estivesse a dar uma conferência na Praça de Touros. – Os teus olhos são muito melancólicos!

– E as minhas pestanas?

– As tuas pestanas, reviradíssimas!

– E a minha figura?

– Muito elegante!

Todo o café nos olhava. Todas as conversas se calavam, só me ouviam a mim. Nas montras começaram a ver-se transeuntes curiosos que contemplavam a cena.

– O meu amor faz-te feliz?

– Muito feliz! Felicíssimo!

– E quando puderes abraçar-me?

– Quando puder abraçar-te hei-de crer que estreito ao coração todas as rosas de todas as roseiras do mundo!

– E quando me beijares?...

– Quando te beijar hei-de crer que encontrei um manancial em que fluirão confundidas as águas mais puras e doces de todos os mananciais!

Não sei quanto tempo continuei, afrontando os

rigores da opinião alheia. Sei que, por fim, aproximou-se um guarda.

– Faça o favor de não escandalizar – disse-me. – Pegolhe que o senhor e a menina abandonem o local.

Voltei-me para Leocadia.

– Põe-nos fora por escândalo.

– Por escândalo! – disse, estupefacta. – Então mas estamos num cantinho do café, contando-nos em voz baixa os nossos segredos...

Quando atravessávamos o salão para sair, murmurou um paroquiano:

– Ouviram o que ela disse? Que enormidade! O que hão-de eles gritar lá em casa, quando estiverem sozinhos e ninguém possa entrar para os fazer calar!...

Passado um mês, todo Madrid nos conhecia. O mesmo aconteceu em Bordéus, em Paris, em Marselha e em Londres.

Há quinze dias que estamos em Buenos Aires, e já planeamos a mudança para o México.

Ring Lardner

Falta-me o ar!

Tradução de Luísa Feijó

Ring Lardner, de seu verdadeiro nome Ringgold Wilmer Lardner, nasceu em 1885, no Michigan, filho mais novo de uma família abastada. Com pouca apetência pelo estudo, e com uma passagem meteórica por uma faculdade de engenharia, Lardner passa por uma série de empregos, que lhe irão fornecer muitas das suas personagens e alguns dos tiques e particularidades de linguagem que reproduzirá em muitos dos seus contos, constituindo um traço notável do seu estilo. A partir de 1926, com a saúde fragilizada pela tuberculose, passa longos períodos no hospital, acabando por morrer, de um ataque cardíaco, em 1933, em Nova Iorque. A sua actividade centrou-se sobretudo no jornalismo, tendo colaborado em mais de uma centena de jornais, com mais de quatro mil artigos, num estilo jocoso e satírico que ultrapassava o interesse dos próprios eventos relatados.

Em 1914, começa uma longa colaboração com *The Saturday Evening Post*, onde aparecerá a maior parte dos seus contos. A sua obra inclui várias peças de teatro (*Elmer the Great*, *June Moon*), peças radiofónicas, romances (*The Story of a Wonder Man*, *Love With a Smile*), e naturalmente contos: *You Know Me, Al* (1916), *Own Your Own Home* (1919) e *How to Write Short-Stories* (1926). Os melhores contos surgem reunidos em *The Love Nest* (1926) e *Round Up* (1929), que inclui o conto aqui publicado.

Lardner foi um autor extremamente popular e amado, pelo seu humor corrosivo sempre mitigado por um olhar simultaneamente terno e cúmplice sobre as personagens, mesmo as mais ridículas e mesquinhas.

Homens a mais!

Estou aqui na Estalagem a passar duas semanas com o tio Nat e a tia Jule e acho que vou escrever uma espécie de diário enquanto cá estou para ajudar a matar o tempo e, também, para tomar nota das coisas que acontecerem embora seja muito pouco provável que aconteça alguma coisa, pelo menos alguma coisa de excitante, com os meus tios a organizarem os programas, eles que já têm pelo menos 35 anos e se calhar até mais.

Os meus pais foram passar um mês ao estrangeiro e consideraram que eu vir para aqui era uma compensação por não me terem levado. Bela compensação, umas férias com uns velhotes que vêm para sítios destes para repousar! Apesar de que, noutras condições, até podia ser paradisíaco, por exemplo se o Walter cá estivesse. Era divino se ele estivesse cá, só de pensar nisso o meu coração pára.

Não aguento. Não vou pensar nisso.

É a primeira vez que estamos separados desde que

começámos a namorar, há quase 17 dias. Faz amanhã 17 dias. E hoje, ao jantar, a orquestra do hotel tocou aquela coisa antiga “Oh how I miss you tonight” e foi como se estivessem a tocar para mim, só que nessa canção a pessoa está a falar das saudades que tem da mãe, é claro que eu também tenho saudades da minha mãe, mas a gente habitua-se a ter saudades das mães, não é nada como ter saudades do Walter ou da pessoa de quem se está noiva.

Mas, para todos os efeitos, as separações não tardam a acabar porque vamos casar em Dezembro por muito que a minha mãe se ria quando falo nisto e diga que estou doida se penso que vou casar antes dos 18 anos.

Ela própria tinha 18 anos quando casou mas, claro, era “diferente”, não era uma doida como eu e, além disso, sabia com quem ia casar. Como se o Walter fosse um polícia ou um estrangeiro ou coisa que o valha! E a minha mãe diz que só namorou uma vez enquanto eu, desde os 14 anos, tenho pelo menos cinco namorados por ano, é claro que não é assim tanto como ela diz e a verdade é que namorar, namorar mesmo, só foram aí umas seis vezes ao todo e na realidade a culpa não é minha, eles é que insistem e me matraqueiam a cabeça e enquanto não disser que sim não me largam a porta.

Mas com o Walter é diferente. Estou mesmo convencida de que se ele não me tivesse pedido, pedia-lhe eu. Não, não era capaz de fazer tal coisa mas morria de tristeza. E é a primeira vez que namoro mesmo para casar. Das outras vezes, sempre que eles me perguntavam quando casávamos, eu ria-lhes na cara mas, desta vez, ainda não namorava com o Walter há cinco minutos e já ele estava a mencionar o assunto casamento e eu não

me ri. Não podia namorar com o Walter se não fosse para casar. Não aguentava.

Seja como for, é melhor que a minha mãe se vá habituando à ideia porque desta vez é “A Sério” e já fizemos os nossos planos e vou casar em casa e, depois, vamos de lua-de-mel para a Califórnia e Hollywood. Em Dezembro, daqui a cinco meses. Não aguento. Não consigo esperar.

Hoje à noite estavam na sala de jantar dois rapazes sentados sozinhos a uma mesa, muito bem-parecidos. Um deles não era assim tanto, mas o outro era de estarrecer. E ele...

A orquestra estava a tocar “Always”, a mesma música que estava a tocar no Biltmore no dia em que conheci o Walter. “Não é só por uma hora, não é só por um dia...” Não consigo viver. Falta-me o ar.

13 de Julho

Hoje foi um dia muito mais excitante do que eu previa, tendo em conta as circunstâncias. Para começar, recebi dois longos telegramas-carta, um do Walter e outro do Gordon Flint. Não consigo perceber como é que o Walter teve coragem para escrever aquilo, estava lá tudo e deve ter sido muito embaraçoso para ele ouvir a menina do telégrafo reler aquilo enquanto contava as palavras; isto para já não falar no embaraço da própria menina.

Mas o do Gordon foi uma espécie de choque. Acaba de chegar de uma viagem à volta do mundo, tinha partido em Dezembro passado e voltou ontem, e telefonou lá para casa e a Helga deu-lhe a minha direcção e o telegrama dele, bem, era quase tão terrível como o do Walter. O problema é que o Gordon e eu

namorávamos quando ele partiu, pelo menos era o que ele pensava, e nunca deixou de me escrever enquanto esteve fora, telegramas, cartas, e essa coisa toda e durante algum tempo respondi-lhe às cartas mas depois perdi-lhe o rasto e deixei de escrever e quando fiquei verdadeiramente noiva do Walter não pude informar o Gordon, primeiro porque não fazia ideia de por onde ele andava e, depois, porque também não queria estragar-lhe a viagem.

E agora ele continua a pensar que ainda somos namorados e vai telefonar-me amanhã de Chicago e que hei-de eu fazer para lhe explicar e fazê-lo entender a situação, porque ele é uma pessoa como deve ser e eu gosto muito dele e em muitas coisas ele até é melhor do que o Walter, bem, melhor não, mas é mais bonito e não se pode comparar a maneira como dançam. O Walter, pura e simplesmente, não consegue aprender a dançar decentemente. Diz que é por ter o pé chato, diz isto em jeito de piada mas é mesmo verdade e quem me dera que não fosse.

Passei a tarde inteira a pensar e a congeminar no que dizer ao Gordon quando ele telefonar e finalmente não aguentei pensar tanto e resolvi que não ia pensar mais no assunto. Mas hei-de dizer-lhe a verdade embora me mate a ideia de o magoar.

Desci para almoçar com os meus tios e eles iam jogar golfe esta tarde e insistiram para que eu fosse com eles mas eu disse-lhes que me doía a cabeça e depois tive de fazer um imenso esforço para os convencer a irem sem mim. Não tinha dor de cabeça coisa nenhuma, o que queria era ficar sozinha para pensar no Walter e, além disso, quando jogo com o tio Nat ele passa o tempo a

corrigir-me a posição ou o *swing* e está sempre a pôr-me as mãos nos braços ou nos ombros para me mostrar a forma correcta de jogar e eu não suporto que os velhos me toquem, mesmo quando são meus tios.

Vi-me finalmente livre deles e estava sentada a ver o jogo de ténis quando o rapaz de ontem à noite, o bonitão, se veio sentar ao meu lado e é claro que não olhei para ele. Mas acabámos por meter conversa e ele é ainda mais bonito do que parecia e acho que é a pessoa mais original e divertida que alguma vez conheci e não sei há quanto tempo não me ria tanto.

Para começar perguntou-me se eu conhecia a canção do Rockefeller e eu disse que não e ele pôs-se a cantar "Oil alone..."* Depois perguntou-me se conhecia a do sumo de laranja, e eu voltei a dizer que não e ele disse que era "Orange juice sorry you made me cry"*. Ainda não estávamos juntos há dez minutos e eu já estava histérica de tanto rir.

Chama-se Frank Caswell, saiu de Dartmouth há um ano e tem 24 anos. Não é assim muito velho, tem só mais dois anos do que o Walter e mais três do que o Gordon. Odeio o nome Frank, mas Caswell passa perfeitamente e ele é tão bonito!

Esteve na Califórnia no Inverno passado e conheceu toda a gente e é fascinante ouvi-lo. Conheceu a Norma Shearer e disse que pensava que ela era a coisa mais bonita que alguma vez vira. Disse assim: "Pensava que ela era a rapariga mais bonita do mundo até hoje." Eu ia fazer de conta que não tinha percebido mas acabei por lhe dizer que tivesse juízo, senão nunca mais acreditava em nada do que ele dissesse.

Bem, ele queria que eu fosse dançar com ele hoje à

noite, depois do jantar, e o problema que se punha a seguir era explicar ao tio Nat e à tia Jule como é que nos tínhamos conhecido. O Frank disse que tratava do assunto e é claro que conseguiu ser apresentado ao tio Nat quando este voltou do golfe e, depois do jantar, o tio Nat apresentou-mo a mim e à tia Jule e dançámos toda a noite. Eu, a tia Jule não. Foram para a cama, graças aos céus!

Dança divinamente, tão bem como o Gordon. Estávamos a dançar e, às tantas, a orquestra, num dos encores, pôs-se a tocar "In a cottage small by the waterfall" e aí não consegui dançar ao som daquela música. Parei e disse ao Frank "Ouve, não aguento, estou com falta de ar" e o pobre do Frank julgou que eu estava doente ou coisa que o valha e eu tive de explicar que aquela música era a que a orquestra tinha tocado na noite em que fiquei numa mesa ao lado da do Jack Barrymore no Barney's Gallant.

Obriguei o Frank a sentar-se enquanto tocavam aquele encore e não o deixei falar antes de acabarem. Depois tocaram outra coisa e fiquei outra vez bem e o Frank contou-me como tinha conhecido o Jack Barrymore. Imaginem, conhecê-lo! Eu morria!

Tinha prometido à tia Jule ir para a cama às onze e as onze onde é que elas vão?! mas agora estou pronta para me deitar, só estive a escrever isto. Amanhã o Gordon vai falar-me e que vou eu dizer-lhe? Agora não vou pensar nisso.

14 de Julho

O Gordon telefonou-me esta manhã de Chicago e foi óptimo ouvir a voz dele outra vez, embora a ligação estivesse péssima. Perguntou-me se ainda gostava dele

e eu tentei dizer que não, mas sabia que se lhe dissesse isso teria de lhe dar explicações e a ligação telefónica era tão má que nunca conseguiria que ele me entendesse; por isso disse-lhe que sim, mas num murmúrio a ver se ele não me ouvia, mas ouviu-me perfeitamente e disse-me que, sendo assim, estava tudo bem. Disse que pensava que eu tinha deixado de o amar porque tinha deixado de lhe escrever.

Quem me dera que a ligação tivesse estado boa e que eu lhe pudesse ter explicado o que se passava, mas assim vai ser horrível porque ele pensa estar em Nova Iorque no dia em que eu lá chegar e só Deus sabe o que farei porque o Walter também pensa o mesmo. Mas agora não vou pensar nisso.

A tia Jule entrou no meu quarto e, felizmente, eu já tinha pousado o telefone. Havia imensas flores no quarto. O Walter tinha-me mandado flores e o Frank tinha feito o mesmo. Recebi outro longo telegrama-carta do Walter, tão pateta como o primeiro. Preferia que ele dissesse aquelas coisas por carta e não num telegrama que toda a gente pode ler. A tia Jule queria que eu lho lesse em voz alta. Era o que faltava!

Estava ela ainda no quarto quando o Frank telefonou a convidar-me para jogar golfe com ele e eu disse que sim e a tia Jule disse que ainda bem que me tinha passado a dor de cabeça. Estava a tentar ser irónica.

Joguei golfe com o Frank hoje à tarde. Joga muito bem e é fantástico vê-lo jogar, tem um *swing* muito mais elegante do que o Walter. Pedi-lhe que olhasse para o meu *swing* e me dissesse o que é que estava mal. Mas ele respondeu que só conseguia olhar para a minha cara e que esta não estava nada mal.

Contou-me que o rapaz que estava cá com ele tinha tido de regressar a casa, o que o deixava muito contente porque eu podia gostar mais dele, do outro, do que dele, Frank. Eu disse que tal não era possível e ele perguntou se eu estava a falar verdade e eu disse claro que sim, mas disse-o com um sorriso, para ele não levar as minhas palavras demasiado a sério.

Esta noite voltámos a dançar e o tio Nat e a tia Jule ficaram connosco um bocado e até dançaram um par de vezes: mas eu acho que ficaram foi para ver se conheciam melhor o Frank e para ver se era conveniente eu andar com ele. De certeza que não foi por gostarem de dançar, nenhum velho gosta, aliás naquela idade já não se pode fazer grande coisa.

Ficaram bem impressionados com o Frank, acho eu, pelo menos a tia Jule não disse que eu tinha de estar na cama às onze horas. Só disse para não me deitar tarde. Aposto que é uma grande surpresa para os pais ou para os tios e tias de qualquer rapariga descobrir que os rapazes com quem esta anda são decentes. Parece que acham sempre que se ela gostar de alguém, ou se alguém lhe der atenção, é porque é um cadastrado ou um polícia ou um bêbedo ou qualquer coisa esquisita do mesmo teor.

Esta noite o Frank tinha novas cantigas. Perguntou-me se eu conhecia a canção da asma, eu disse que não e vai ele: "Tens de a conhecer. É assim: Yes sir asthma baby". Depois falou-me da canção da roupa interior. "I underwear my baby is tonight." Faz-me rir à gargalhada e, apesar disso, também tem o seu lado sério, a verdade é que estava seriíssimo quando me deu as boas-noites e os olhos dele brilhavam imenso. Quem

me dera que o Walter fosse mais como ele em certos aspectos. Mas não quero pensar nisso.

15 de Julho

Estou para morrer e sei que não vou pregar olho esta noite. Estou numa situação terrível ou, melhor, só amanhã é que sei se assim é ou não e é isso que torna as coisas tão terríveis.

Depois de termos dançado duas ou três vezes, o Frank convidou-me para ir dar uma volta e fomos passear no carro dele e, finalmente, ele disse que me amava e eu disse-lhe que não fosse tolo e ele respondeu que estava a falar perfeitamente a sério e não há dúvida de que os seus actos confirmavam esta declaração. Perguntou-me se eu amava outra pessoa e eu disse que sim e depois perguntou-me se não o amava a ele mais do que a qualquer outra pessoa no mundo e eu respondi que sim mas só porque pensei que, de qualquer forma, ele não se ia lembrar daquilo e a melhor coisa, dadas as circunstâncias, era passar-lhe a mão pelo pêlo.

Depois, de repente, perguntou-me quando é que podíamos casar e eu disse, à laia de piada, que com certeza não podia casar antes de Dezembro. Ele disse-me que era muito tempo de espera mas que não havia dúvida de que valia a pena esperar e depois disse muitas outras coisas e se calhar passei-lhe de mais a mão pelo pêlo e é aí que está o busílis, não sei.

Tinha a certeza absoluta de que ele ia esquecer aquilo tudo. Se ele não se lembrar de nada, é claro que se me acabam os problemas. Mas, se se lembrar e se me levou a sério, não tenho outro remédio senão contar-lhe do Walter e se calhar também do Gordon. E não vai ser

fácil. Esta incógnita é que está a dar cabo de mim e sei que não vou conseguir sobreviver a esta noite.

16 de Julho

Não aguento, falta-me o ar, a vida é impossível. O Frank lembrava-se de tudo o que aconteceu na noite passada e acredita piamente que estamos noivos e que vamos casar em Dezembro. A família dele vive em Nova Iorque e ele diz que volta ao mesmo tempo que eu para me apresentar.

É claro que não posso ir e amanhã vou falar-lhe do Walter ou do Gordon ou de ambos. Sei que o vou magoar terrivelmente, se calhar até estragar-lhe a vida e dava tudo neste mundo para que nada disto acontecesse. Odeio ter de o magoar porque é tão simpático para além de ser tão bonito e atraente!

Esta manhã mandou-me umas flores lindíssimas e telefonou às 10 horas a perguntar quando é que me podia ver e espero que a telefonista não estivesse a ouvir porque as coisas que disse eram, bem, eram como os telegramas do Walter.

E outra coisa terrível é que hoje não recebi um telegrama-carta do Walter, recebi uma carta normal e andei com ela na mala toda a tarde e noite sem sequer me lembrar de a ler. Só há dez minutos, quando cheguei ao quarto, é que a li. O Walter está preocupado porque só lhe mandei dois telegramas e só escrevi uma carta desde que aqui cheguei. Havia de ficar bem mais preocupado se soubesse o que tem acontecido por cá, embora é claro que isto não faz diferença nenhuma porque é com ele que estou comprometida e que vou casar e foi com ele que disse à minha mãe que ia casar

em Dezembro e nunca me atreveria a dizer-lhe que afinal era com outra pessoa.

Encontrei-me com o Frank para o almoço e fomos dar um passeio à tarde e ele estava tão apaixonado e foi tão amoroso comigo que, pura e simplesmente, não tive coragem para lhe contar a verdade, de certeza que amanhã lhe conto e dizer-lhe hoje equivalia apenas a mais um dia de infelicidade para nós os dois.

O Frank disse que os pais tinham imenso dinheiro e que o pai lhe propusera sociedade e que ele até talvez aceitasse mas que a sua verdadeira vocação é o jornalismo com a ideia de vir a escrever romances e, se eu estivesse disposta a passar algumas agruras no início, provavelmente seríamos mais felizes, depois, porque ele estaria a fazer aquilo de que realmente gostava. Eu não sabia o que havia de dizer mas acabei por lhe dizer que queria que ele fizesse o que mais lhe agradasse e que o dinheiro não era tudo.

Perguntou-me onde é que eu gostava de ir na lua-de-mel e eu acho que devia ter-lhe dito que a minha lua-de-mel já estava programada, que ia à Califórnia com o Walter, mas o que disse foi que sempre tinha querido ir à Califórnia e ele ficou todo entusiasmado e disse que era aí mesmo que havíamos de ir e que me levava a Hollywood e me apresentava a toda aquela gente maravilhosa que tinha conhecido no Inverno passado. Quase fico sem fôlego só de pensar nisso, ir lá com alguém que conhece as pessoas e que tem a *entrée*.

Esta noite voltámos a dançar, só duas ou três vezes, e depois fomos lá para fora e sentámo-nos junto ao *court* de ténis, mas subi cedo para o quarto porque a tia Jule se tinha portado de uma forma esquisita ao jantar.

E também porque queria estar sozinha para pensar, mas quanto mais penso pior as coisas ficam.

Às vezes apetecia-me morrer, talvez seja a única solução e era melhor para todas as pessoas envolvidas. Morro se as coisas continuarem como têm estado até agora. Mas é claro que amanhã tudo estará terminado, com o Frank quero dizer, pois tenho de lhe dizer a verdade por muito que nos magoe a ambos. Embora não me importe com o que me vou magoar a mim. A ideia de o magoar a ele é que me está a pôr doida. Não aguento.

18 de Julho

Saltei um dia. Ontem não parei um minuto e estava tão cansada quando subi para o quarto que só me apeteceu atirar-me para a cama, vestida e tudo. Primeiro o Gordon telefonou de Chicago para me lembrar que estaria em Nova Iorque no dia em que eu lá chegasse e que quando lá estiver me quer toda para ele e que podemos fazer planos para o nosso casamento. A ligação estava outra vez muito má e não pude contar-lhe do Walter.

Tinha combinado almoçar com o Frank e, quando íamos a caminho, chegou outra chamada interurbana, desta vez do Walter. Queria saber porque é que eu não tinha escrito mais cartas nem mandado mais telegramas e perguntou-me se ainda o amava e claro que lhe disse que sim porque até é verdade. Depois perguntou-me se tinha conhecido cá algum homem e eu disse que tinha conhecido um que era amigo do tio Nat. No fim de contas foi o tio Nat que me apresentou o Frank. Lembrou-me que estará em Nova Iorque a 25 que é o dia em que devo regressar e disse que ia comprar bilhetes

para o teatro para essa noite e que depois íamos a qualquer sítio dançar.

O Frank insistiu em saber quem é que me tinha estado a falar tanto tempo e eu respondi-lhe que era um rapaz que conhecia há muito, um amigo muito querido meu e da minha família. O Frank ficou cheio de ciúmes e não parava de fazer perguntas e eu até pensei que ia dar em doida. Estava tão sério e com um ar tão zangado e abespinhado que eu desisti do plano de lhe contar tudo até que ele estivesse mais bem-disposto.

Joguei golfe com o Frank à tarde e à noite fomos dar uma volta de carro mas queria voltar cedo para o hotel porque tinha prometido ao Walter e ao Gordon escrever-lhes umas cartas a sério; mas o Frank recusou-se a trazer-me até eu lhe dizer uma data definitiva em Dezembro. Acabei por lhe dizer o dia 10 e ele disse que estava bem desde que não fosse um domingo. Eu disse que tinha de ir verificar mas na verdade sei perfeitamente que o dia 10 calha a uma sexta-feira porque a data que o Walter e eu marcámos para o nosso casamento é sábado 11.

Hoje voltou a ser exactamente a mesma coisa, mais dois telegramas-carta, uma chamada interurbana de Chicago, golfe e um passeio de carro com o Frank e o quarto cheio de flores. Mas amanhã vou dizer tudo ao Frank e vou escrever ao Gordon uma grande carta também a contar-lhe tudo, porque a verdade é que isto assim não pode continuar. Falta-me o ar. Estou a morrer.

21 de Julho

Escrevi ontem ao Gordon mas não contei nada do Walter porque acho que não é uma coisa que se faça

por carta. Conto-lhe quando ele vier a Nova Iorque e certifico-me de que ele não leva aquilo muito a peito e posso prometer-lhe que seremos sempre amigos e obrigá-lo a prometer que não cometerá nenhuma loucura, enquanto, se lhe dissesse as coisas por carta, sabe-se lá do que seria capaz, para ali assim sozinho.

E também não contei ao Frank porque ele não se está a sentir bem, apanhou um tremendo escaldão que lhe dói horrivelmente, mal pode jogar golfe e dançar e quero que ele se sinta o melhor possível quando lhe contar. Mas, esteja ele como estiver, amanhã sem falta tenho de lhe dizer porque, inclusivamente, ele está a pensar partir no mesmo comboio que nós no sábado à noite e isso é coisa que não o posso deixar fazer.

A vida é um desespero e podia ser tão maravilhosa.

São só dez e meia, há semanas que não me deitava tão cedo mas estou exausta e o Frank também foi para a cama cedo para poder pôr pomada nas queimaduras.

Escuta, diário, a orquestra está a tocar "Limehouse Blues", a primeira música que dancei com o Merle Oliver há dois anos. Não aguento. E que curioso estarem a tocar esta música precisamente hoje pois durante todo o dia me veio à cabeça o Merle e há semanas e semanas que não pensava nele. Onde andarás ele, será que me lembrei dele por mero acaso ou significará que vou voltar a vê-lo? Não, não posso pensar nisto, senão morro.

22 de Julho

Sabia que não era por acaso. Sabia que tinha de querer dizer qualquer coisa. E assim foi.

O Merle vem cá hoje, aqui a este hotel, e só para me ver. E só pode haver uma razão para tal. E só uma

resposta, percebi isso logo, mal lhe ouvi a voz quando me telefonou de Boston. Como é que pude alguma vez pensar que amava outros? Como é que ele pôde alguma vez acreditar que eu estava a falar a sério quando lhe disse que estava noiva do George Morse?

Passou-se um ano inteiro e ele ainda gosta de mim e eu dele. Quer isto dizer que estamos destinados um para o outro e para mais ninguém. Não o vou deixar à espera até Dezembro. Duvido mesmo que esperemos até os meus pais voltarem. E quanto à lua-de-mel, vou com ele a Long Beach ou ao Jardim Zoológico do Bronx, vou onde ele me quiser levar.

Ao fim e ao cabo esta é a maneira mais airosa de me sair desta, a única. Não preciso de dizer nada ao Frank, ele há-de adivinhar quando me vir com o Merle. E quando chegar a casa no domingo e o Walter e o Gordon telefonarem, convido-os a ambos para jantar e pode ser o próprio Merle a dizer-lhes. Estando os dois presentes só sofrerão metade do que sofreriam se estivesse cada um para seu lado.

O comboio chega às 2.40, ainda faltam quase três horas. Não aguento esperar. E se se atrasar? Não aguento.

* Há aqui um trocadilho, jogos fonéticos com as palavras dos títulos de canções da época (por exemplo, "Oil Alone", por "All Alone", etc.), que considerámos intraduzível, sendo a opção deixá-las no original. (N. da T.)

Dezső Kosztolányi

(O tradutor cleptómano)

Tradução de Ágnes Jancsó C. Lopes

Dezső Kosztolányi nasceu em 1885, em Szabadka, na Hungria, numa família de província com grandes tradições culturais. Estudou filologia na Faculdade de Letras de Budapeste onde conheceu os outros poetas da famosa geração "Nyugat" ("Ocidente"), uma revista literária transformada num movimento revolucionário. Iniciou a sua carreira como jornalista, poeta e novelista, tornando-se conhecido em 1910 com o livro de poemas *A szegény kisgyermek panasza* (*As lamentações da pobre criancinha*), uma obra que respira decadência *fin-de-siècle* e engenho linguístico. A partir dos anos 20 estabeleceu a sua fama com edições sucessivas de romances – *Édes Anna* (*Querida Anna*), 1926); colectâneas de contos, *Esti Kornél*, 1932, de onde foi extraído o conto aqui publicado; poemas, *A bús férfi panasza* (*As lamentações do homem triste*), 1924 – e excelentes traduções de grandes autores estrangeiros, como Shakespeare e Oscar Wilde. Consciente da sua doença incurável – nas suas últimas obras esperava a morte inevitável que finalmente o atingiu em 1936, em Budapeste –, morreu de cancro aos 51 anos. Ficou para a literatura húngara como o escritor que melhor soube captar a mentalidade e estilo de vida burgueses da sua época.

Décimo quarto capítulo de Esti Kornél, no qual se desvendam as misteriosas artimanhas de Gallus, tradutor erudito mas errante.

Falávamos de escritores e poetas, de velhos amigos, que tinham começado por fazer caminho connosco, mas depois ficaram para trás e desapareceram. De vez em quando lançávamos um nome para o ar. Quem é que ainda se lembra dele? Assentíamos e um sorriso vago iluminava-nos os lábios. No espelho dos nossos olhares reflectia-se um rosto tido por esquecido, uma carreira, uma vida perdidas. Quem sabe alguma coisa dele? Ainda estará vivo? A resposta era o silêncio. Nesse silêncio, os louros secos da glória restolhavam como as folhas caídas num cemitério. Permanecíamos em silêncio.

Durante um desses silêncios, de vários minutos, alguém citou o nome de Gallus.

– Coitado – disse Esti Kornél. – Vi-o ainda há uns anos, talvez sete ou oito anos, em tristes circunstâncias. Por essa altura sucedeu-lhe uma história por causa de um conto policial, que por si só é um conto policial, o mais emocionante e doloroso que já vivi.

Mas vocês conheciam-no, pelo menos um pouco. Um rapaz talentoso, brilhante e intuitivo, e além disso consciencioso e culto. Falava várias línguas. Sabia tão bem inglês que ao que se diz dava lições de inglês ao Príncipe de Gales. Viveu lá fora, em Cambridge, durante quatro anos.

No entanto, tinha um defeito fatal. Não, não era a bebida. Mas palmava tudo o que lhe vinha às mãos. Roubava que nem uma pega. Tanto lhe fazia se era um relógio de bolso, uma pantufa ou uma gigantesca chaminé de fogão. Não se importava nem com o valor das coisas roubadas, nem com o volume ou tamanho delas. O seu prazer era apenas fazer aquilo que queria: roubar. Nós, os amigos mais chegados, tentávamos dar-lhe a volta. Com carinho, pregávamos-lhe sermões. Ralhávamos-lhe e fazíamos-lhe ameaças. E ele até nos dava razão. Prometia lutar contra a sua própria natureza. Mas a razão lutava em vão, a natureza era mais forte. Recaía sempre.

Inúmeras vezes se viu repreendido e humilhado em público por estranhos, mais de uma vez apanhado em flagrante. Nessas alturas tínhamos de nos esforçar para remediar de um modo ou outro as consequências dos seus actos. No entanto, uma vez no expresso de Viena palmou a carteira de um comerciante moravo que o apanhou ali mesmo, e o entregou à gendarmaria na estação seguinte. Touxeram-no algemado para Budapeste.

Tentámos salvá-lo novamente. Vocês, que escrevem, sabem que tudo depende das palavras, tanto a excelência de um poema, como o destino de um homem. Argumentámos que era cleptómano, e não la-

drão. Se é nosso conhecido, geralmente é cleptómano. Se desconhecido, é ladrão. O tribunal não o conhecia, pelo que foi considerado ladrão e condenado a dois anos de prisão.

Depois de ser posto em liberdade, numa manhã escura de Dezembro, perto do Natal, apareceu-me à porta esfomeado e esfarrapado. Caiu de joelhos à minha frente. Implorou-me que não o abandonasse, que o ajudasse, que lhe arranjasse trabalho. Não podia, por enquanto, escrever sob o próprio nome. Mas não sabia fazer outra coisa, senão escrever. Fui então falar com um editor decente e humano, recomendei-o, e no dia seguinte a editora encarregou-o da tradução de um conto policial inglês. Para nós era pouco mais que lixo, envergonhava-nos sujar as mãos com tal coisa. Não líamos. No máximo traduzíamos, mas só de luvas. Ainda me lembro do título: *O Misterioso Castelo do Conde Vicislav*. Mas que importava isso?

Eu estava contente por poder ter feito alguma coisa, e ele também estava contente por poder ganhar o seu pão. Atacou o trabalho com entusiasmo. Trabalhou com tal afinco que entregou o manuscrito passadas três semanas, antes do prazo estipulado.

Fiquei tremendamente admirado quando, dias depois, a editora me informou por telefone que a tradução do meu protegido era inutilizável e que não iria pagar um tostão por ela. Não compreendi. Apanhei um coche e segui para lá.

O editor entregou-me o manuscrito sem uma palavra. O nosso amigo tinha-o passado a limpo à máquina, numerado as páginas, e até as tinha atado com um cordão com as cores nacionais. Isso era típico dele, acho

que já tinha dito que em termos profissionais ele era de confiança, de um rigor escrupuloso. Comecei a ler o texto. Exclamei de encanto. Frases claras, expressões perspicazes, subtis engenhos linguísticos sucediam-se uns aos outros, tantos que aquela literatura de pacotilha talvez nem os merecesse. Surpreendido, perguntei ao editor o que tinha a objectar. Sempre sem uma palavra, entregou-me então o original inglês, pedindo-me para comparar os dois textos. Estive durante meia hora a analisá-los, olhando ora para o livro, ora para o manuscrito. Por fim, levantei-me estupefacto. Disse ao editor que tinha toda a razão.

Porquê? Não tentem adivinhar. Estão enganados. Não, não era a tradução de outro romance. Tratava-se mesmo da tradução fluente, artística, por vezes com arrojados poéticos d'*O Misterioso Castelo do Conde Vicislav*. Estão outra vez enganados. Não, não tinha um único erro de tradução. Realmente dominava tão bem o inglês como o húngaro. Parem. Nunca ouviram nada que se pareça. O "gato" era outro. Outro mesmo.

Eu também só comecei a perceber gradualmente, pouco a pouco. Oíçam. A primeira frase do original inglês era: 'Todas as trinta e seis janelas do velho e escalavrado castelo estavam iluminadas. Em cima, no primeiro andar, no salão de baile, brilhavam quatro luxuosos lustres de cristal...' Na tradução húngara estava: 'Todas as doze janelas do velho e escalavrado castelo estavam iluminadas. Em cima, no primeiro andar, brilhavam dois luxuosos lustres de cristal...' Arregalei os olhos, e continuei a ler. Na terceira página, o escritor inglês dizia: 'Com um sorriso irónico, o conde Vicislav esvaziou a carteira bem recheada, e atirou-lhes o mon-

tante exigido, mil e quinhentas libras...' A versão do tradutor húngaro era: 'Com um sorriso irónico, o conde Vicislav esvaziou a carteira, e atirou-lhes o montante exigido, cento e cinquenta libras...' Comecei a sentir uma suspeita de mau augúrio, que infelizmente em poucos minutos se transformou numa triste certeza. Mais abaixo, no fim da terceira página, a edição inglesa dizia: 'A condessa Eleonor estava sentada a um canto do salão de baile, vestida de gala, usando as antigas jóias de família: ostentava na cabeça a tiara de diamantes que herdara da sua tetravó, esposa de um príncipe-eleitor alemão; no colo de alabastro brilhava um colar de pérolas opalino, e os seus dedos estavam quase hirtos com anéis de brilhantes, safiras e esmeraldas...' Para minha grande surpresa, o manuscrito húngaro reconstruiu essa descrição colorida da seguinte maneira: 'A condessa Eleonor estava sentada a um canto do salão de baile, vestida de gala...' Mais nada. Faltavam a tiara de diamantes, o colar de pérolas, os anéis de brilhantes, as safiras e as esmeraldas.

Estão a perceber o que tinha feito este nosso desgraçado colega, bem digno de melhor sorte? Pura e simplesmente roubara as jóias de família da condessa Eleonor, com a mesma imperdoável ligeireza aliviara também o conde Vicislav, aliás tão simpático, deixando-lhe apenas cento e cinquenta das mil e quinhentas libras, de igual forma fanara dois dos quatro lustres de cristal do salão de baile, e desviara ainda vinte e quatro das trinta e seis janelas do velho e escalavrado castelo. Sentia o mundo a girar à minha volta. O meu espanto atingiu o auge quando cheguei à conclusão, sem margem para dúvidas, de que o mesmo marcava de forma

consistente e fatal todo o seu trabalho. Por onde passasse, a caneta do tradutor lesava as personagens que tinha acabado de conhecer, não poupando nem móveis, nem imóveis, violando a quase incontestavelmente sagrada propriedade privada.

Trabalhava usando diferentes técnicas. Na maior parte das vezes, os objectos de valor evaporavam-se sem deixar rasto. Dos tapetes, dos cofres e das pratas, destinados a elevar o nível literário do original inglês, não restavam nem vestígios no texto húngaro. Outras vezes surripiava só uma parte, metade ou dois terços. Se alguém mandava o criado levar cinco malas para a caruagem de comboio, ele mencionava apenas duas, e sonegava insidiosamente as restantes três. De qualquer forma, para mim o mais desolador – talvez por demonstrar verdadeira perfídia e desonestidade – era o facto de ele com frequência substituir os metais nobres e as pedras preciosas por materiais reles e sem valor, a platina por lata, o ouro por cobre e o diamante por cristal ou vidro.

Despedi-me da editora cabisbaixo. Por curiosidade pedi para ficar com o manuscrito e o original inglês. Intrigava-me o verdadeiro mistério deste policial, por isso em casa continuei a investigação e fiz o inventário dos objectos roubados. Trabalhei sem descanso da uma da tarde até às seis e meia de manhã. No fim, apurei que o transviado do nosso colega, ao longo da tradução, se tinha apropriado indevidamente e ilegalmente de 1 579 251 libras esterlinas, 177 anéis de ouro, 947 colares de pérolas, 181 relógios de bolso, 309 pares de brincos, 435 malas de viagem, sem contar com as propriedades, florestas e pastos, palácios ducais e baroniais,

tal como pequenos objectos insignificantes; lenços, palitos e campainhas, que seria longo, e talvez inútil, enumerar.

Onde é que ele metia os móveis e imóveis que afinal só existiam no papel, no mundo da imaginação, e qual o objectivo do furto, seria uma questão que nos levaria longe e que por isso não vou aprofundar. Mas tudo isto me convenceu de que ele continuava escravo do seu vício delinquente ou da sua doença, que não havia esperanças de cura, e que não merecia o apoio da sociedade respeitável. Eu, na minha indignação moral, desisti dele. Abandonei-o ao seu destino. Nunca mais ouvi falar dele.

(1932)

James Thurber

A vida secreta de Walter Mitty

Tradução de Clara Rowland

James Thurber nasceu em 1894, em Columbus, Ohio, onde, depois de frequentar a Universidade, começou a sua longa carreira de jornalista. Foi repórter em Paris para o *Chicago Tribune*, mudando-se em 1926 para Nova Iorque, onde começou por trabalhar para o *Evening Post*. No ano seguinte entrou para a redacção do *New Yorker*, há pouco fundado por Harold Ross. Durante anos, o jornal foi marcado pelo humor e pelo rigor conciso da sua escrita, acompanhada muitas vezes pelas suas inconfundíveis ilustrações. Aí saíram quinze dos seus livros e aí foi publicado, pela primeira vez, *A Vida Secreta de Walter Mitty*, o conto que tornaria Thurber conhecido em todo o mundo. O seu breve retrato de um sonhador compulsivo penetrou rapidamente na língua. Criaram-se clubes Walter Mitty. A personagem de Thurber passou do *New Yorker* para o *Reader's Digest* e daí para revistas de medicina, para o cinema, para a ópera, para a rádio e para o musical. Thurber morreu em 1961, em Nova Iorque, afectado pela cegueira que o ameaçava desde a infância. Um dos seus últimos pedidos foi que, no dia da sua morte, *A Vida Secreta de Walter Mitty* fosse publicado no *New Yorker*.

– Vamos passar! – A voz do comandante era como o quebrar de uma fina camada de gelo. Estava de uniforme de gala e tinha o boné branco, carregado de galões, descaído à rufia sobre um olho frio e cinzento.

– Não vamos conseguir, senhor comandante. Vem aí um furacão, se quer saber a minha opinião.

– Não quero saber a sua opinião, tenente Berg – disse o comandante. – Potência máxima! Aumentem a velocidade de rotação até aos 8500! Vamos passar!

Intensificou-se o bater dos cilindros: *tá-poquetá-poquetá-poquetá*. O comandante ficou por um momento a observar o gelo que se formava na janela do piloto. Seguiu e rodou uma fila de botões complicados.

– Liguem o auxiliar n.º 8! – gritou.

– Liguem o auxiliar n.º 8 – repetiu o tenente Berg.

– Potência total na torre n.º 3! – gritou o comandante.

– Potência total na torre n.º 3!

A tripulação, ocupada nas várias tarefas dentro do gigantesco hidroavião da marinha, propulsionado por oito motores, entreolhava-se e sorria. “O Velho vai fazer-nos passar”, diziam entre si. “O Velho não tem medo do Inferno!...”

— Não vás tão depressa! Estás a ir depressa demais! — disse Mrs. Mitty. — Para que é que conduzes a essa velocidade?

— Hã? — disse Walter Mitty.

Espantado, olhou para a mulher, sentada no banco ao seu lado. Pareceu-lhe muito pouco familiar, como uma desconhecida que no meio da multidão lhe tivesse gritado uma coisa qualquer.

— Ias a mais de cinquenta e cinco — disse. — Sabes que não gosto de andar a mais de quarenta. Ias a mais de cinquenta e cinco.

Walter Mitty continuou a conduzir em silêncio até Waterbury, enquanto o rugido do SN202, que enfrentava a pior tempestade em vinte anos de aviação naval, desaparecia nas remotas e íntimas rotas aéreas da sua mente.

— Estás outra vez nervoso — disse Mrs. Mitty. — Estás num daqueles dias. Devias deixar que o doutor Renshaw te examinasse.

Walter Mitty parou o carro em frente ao prédio onde a mulher ia ao cabeleireiro.

— Lembra-te de comprar as galochas enquanto estou no cabeleireiro — disse ela.

— Não preciso de galochas — disse Mitty.

Ela pôs o espelho dentro da carteira.

— Já discutimos isto — disse, saindo do carro. — Já não vais para novo.

Ele fez o motor acelerar um pouco.

— Porque é que não calças as luvas? Perdeste as luvas?

Walter Mitty levou a mão ao bolso e tirou as luvas. Calçou-as, mas depois de ela se virar e entrar no edifício, e de ele chegar a um sinal vermelho, tirou-as. “Ande lá com isso, homem!”, ralhou um polícia, quando o sinal mudou. Mitty tirou apressadamente as luvas e avançou num solavanco. Vagueou sem destino pelas ruas durante algum tempo, mais tarde passou em frente ao hospital a caminho do estacionamento.

— É o banqueiro milionário, Wellington McMillan — disse a enfermeira bonita.

— Sim? — respondeu Walter Mitty, tirando lentamente as luvas. — Quem é que está a tomar conta do caso?

— O doutor Renshaw e o doutor Benbow, mas estão cá também dois especialistas, o doutor Remington de Nova Iorque e o doutor Pritchard-Mitford de Londres. Veio de avião.

Abriu-se uma porta sobre um corredor comprido e frio e apareceu o doutor Renshaw. Parecia exausto e enervado.

— Olá, Mitty — disse. — Estamos a passar um mau bocado com McMillan, o banqueiro milionário que é amigo íntimo de Roosevelt. Obstreose do tracto ductal. Terciário. Gostava que lhe desse uma vista de olhos.

— Com muito gosto — disse Mitty.

Na sala de operações houve apresentações sussurradas.

— Doutor Remington, doutor Mitty. Doutor Pritchard-Mitford, doutor Mitty.

– Li o seu livro sobre estreptotricose – disse Pritchard-Mitford, apertando-lhe a mão. – Um trabalho brilhante.

– Obrigado – respondeu Walter Mitty.

– Não sabia que estava nos Estados Unidos, Mitty – resmungou Remington. – Chamarem-me a mim e ao Mitford para ensinar o padre-nosso ao vigário!

– É muito amável – disse Mitty.

Uma máquina enorme, complicada, ligada à mesa operatória, com muitos tubos e fios, começou nesse momento a fazer *poquetá-poquetá-poquetá*.

– O novo anestesiador está a ceder! – gritou um estagiário – Não há ninguém no East que o saiba consertar.

– Esteja calado! – disse Mitty numa voz baixa e controlada.

Correu para a máquina, que estava agora a fazer *poquetá-poquetá-pip-poquetá-pip*. Pôs-se a dedilhar delicadamente uma fila de botões cintilantes.

– Dêem-me uma caneta de tinta permanente! – disse, áspero.

Alguém lhe passou uma caneta de tinta permanente. Puxou um pistão avariado da máquina e introduziu a caneta no seu lugar.

– Isto vai aguentar uns dez minutos – disse. – Continuem a operação.

Uma enfermeira veio a correr sussurrar alguma coisa a Renshaw, e Mitty viu o médico empalidecer.

– Temos coreopse – disse Renshaw, nervoso. – E se tomasse o meu lugar, Mitty?

Mitty olhou para ele, para a figura medrosa de Benbow, que bebia, e para os rostos carregados e hesitantes dos dois grandes especialistas.

— Se quiser — disse.

Vestiram-lhe uma bata branca; ajustou a máscara e calçou umas luvas finas; as enfermeiras passaram-lhe uns cintilantes...

— Para trás, chefe! Cuidado com esse *Buick*! — Walter Mitty travou a fundo. — Vai em sentido contrário — disse o empregado do parque de estacionamento, olhando fixamente para Mitty.

— Bem... pois é — murmurou Mitty.

Começou com cautela a recuar na via que dizia “Só para Saída”.

— Deixe-o aí — disse o empregado. — Eu tiro-o.

Mitty saiu do carro.

— Olhe, é melhor deixar a chave.

— Oh — disse Mitty, passando-lhe a chave da ignição.

O empregado saltou para dentro do carro, recuou com uma perícia insolente, e arrumou-o no lugar.

“São tão terrivelmente convencidos”, pensou Walter Mitty, caminhando pela avenida principal; “pensam que sabem tudo.” Uma vez, tentara tirar as correntes do carro, fora de New Milford, e tinham-se enrolado todas nos eixos. Teve de vir um homem num reboque para as desenrolar, um jovem mecânico que só sorria. Desde então, Mrs. Mitty quis sempre que ele levasse o carro à oficina para que tirassem as correntes. “Para a próxima”, pensou, “vou com o braço direito ao peito; eles então já não vão sorrir. Vou com o braço direito ao peito e eles hão-de ver que eu não poderia de modo nenhum tirar as correntes sozinho.” Enterrou o pé na lama do passeio. “Galochas”, disse para consigo, e pôs-se à procura de uma sapataria.

Quando voltou para a rua, com as galochas numa

caixa debaixo do braço, Walter Mitty começou a pensar qual seria a outra coisa que a mulher lhe tinha dito para trazer. Ela dissera-lho, por duas vezes, antes de saírem de casa para Waterbury. De certa forma ele detestava estas viagens semanais à cidade — fazia sempre alguma coisa mal. “Kleenex”, pensou, “pasta medicinal, lâminas de barbear. Não. Pasta de dentes, escova de dentes, bicarbonato, potassa, petição e devassa?” Desistiu. Mas ela ia lembrar-se. “Onde está o coiso?”, perguntaria. “Não me digas que te esqueceste do coiso.” Passou um rapaz a vender jornais e a gritar uma coisa qualquer sobre o julgamento de Waterbury.

— Talvez isto lhe refresque a memória. — O procurador agitou uma arma pesada diante da figura calma no banco das testemunhas. — Já alguma vez viu isto?

Walter Mitty pegou na arma e examinou-a com perícia.

— É a minha *Webley-Vickers* 50.80 — disse, calmamente.

Um zunzum de agitação percorreu o tribunal. O juiz apelou à ordem.

— Imagino que o senhor seja um atirador de primeira com todo o tipo de armas de fogo — prosseguiu o procurador, num tom insinuante.

— Objecção! — gritou o advogado de Mitty. — Demonstrámos que o réu não pode ter disparado. Demonstrámos que tinha o braço direito ao peito na noite de catorze de Julho.

Walter Mitty levantou a mão por um momento, e os advogados em disputa calaram-se.

– Com todo o tipo de arma conhecido – disse, tranquilo – eu poderia ter morto Gregory Fitzhurst a cem metros de distância *com a minha mão esquerda*.

Gerou-se o pandemônio na sala. Elevou-se sobre o tumulto um grito de mulher e de repente estava uma bela morena nos braços de Mitty. O procurador agrediu-a com violência. Sem se levantar da cadeira, Mitty deu ao homem o que ele merecia, na ponta do queixo.

– Seu cobarde desprezível!...

“Comida para cachorro”, disse Walter Mitty. Estacou e os prédios de Waterbury levantaram-se e saíram do tribunal nebuloso para novamente o rodearem. Uma mulher que ia a passar riu-se.

– Ele disse “comida para cachorro” – disse ao seu companheiro. – Aquele homem disse “comida para cachorro” a falar sozinho.

Walter Mitty apressou-se. Entrou numa loja de animais, não a primeira que encontrou mas uma segunda, mais pequena, um pouco acima na mesma rua.

– Queria comida para cachorros de raça pequena – disse ao empregado.

– Deseja alguma marca em particular?

O melhor atirador do mundo pensou por um momento.

– A caixa diz: ‘Os cachorros ladram por ela’ – disse Walter Mitty.

A mulher saíra do cabeleireiro daí a quinze minutos, pensou Mitty olhando para o relógio, se não tivessem problemas a secar o cabelo; às vezes tinham problemas a secar o cabelo. Ela não gostava de chegar primeiro ao

hotel; queria que ele estivesse ali à espera, como de costume. Encontrou um cadeirão de couro na entrada, de frente para uma janela, e pôs as galochas e a comida para cachorro no chão. Pegou num velho número do *Liberty* e afundou-se no cadeirão. 'Pode a Alemanha Conquistar o Mundo pelo Ar?' Walter Mitty olhou para as fotografias de bombardeiros e de ruas destruídas.

— A canhonada deixou o jovem Raleigh muito nervoso, capitão — disse o sargento.

O capitão Mitty levantou os olhos para ele, por entre as farripas despenteadas.

— Metam-no na cama — disse, cansado. — Com os outros. Vou voar sozinho.

— Não pode fazer isso, capitão — disse, ansioso, o sargento. — São precisos dois homens para controlar esse bombardeiro e os inimigos estão a fazer do céu um inferno. O circo de Von Richtman vai daqui até Saulier.

— Alguém tem que chegar àquele paiol — disse Mitty. — Vou lá eu. Uma gota de *brandy*?

Serviu uma bebida para o sargento e outra para si. A guerra trovejava e gemia à volta da trincheira e fustigava a porta. A madeira estalou e farpas atravessaram a sala.

— Foi por pouco — disse o capitão Mitty, despreocupadamente.

— A barragem de artilharia aproxima-se — disse o sargento.

— Só se vive uma vez, sargento — disse Mitty, no seu sorriso leve e rápido. — Não é?

Serviu mais um *brandy* e engoliu-o de um trago.

— Nunca vi ninguém aguentar o *brandy* como o senhor — disse o sargento. — Com o devido respeito, capitão.

O capitão Mitty levantou-se e pôs ao ombro a sua gigantesca *Webley Vickers* automática.

— São quarenta quilómetros de inferno — disse o sargento.

Mitty acabou um último *brandy*.

— No fundo — disse suavemente —, o que é que não é um inferno?

Aumentavam os tiros de canhão; ouviu-se o *tratratratra* das metralhadoras, e veio de algures o ameaçador *poquetá-poquetá-poquetá* dos novos lança-chamas. Walter Mitty foi para a porta da trincheira trauteando “*Auprès de ma blonde*”. Virou-se e acenou ao sargento: “Adeus!”, disse...

Algo lhe bateu no ombro.

— Tenho andado à tua procura pelo hotel inteiro — disse Mrs. Mitty. — Porque tiveste de te esconder nesta cadeira velha? Como é que querias que te encontrasse?

— O cerco aperta-se — disse Walter Mitty, vagamente.

— O quê? — disse Mrs. Mitty. — Trouxeste o coiso? A comida para cachorro? O que é que está dentro dessa caixa?

— As galochas — disse Mitty.

— Não as podias ter calçado na loja?

— Estava a pensar — disse Walter Mitty. — Nunca te passa pela cabeça que eu às vezes posso estar a pensar?

Ela olhou para ele.

— Quando chegarmos a casa vou ver se tens febre — disse.

Passaram pelas portas giratórias que faziam um som agudo e levemente trocista ao serem empurradas. Estavam a dois quarteirões do parque de estacionamento. Quando chegaram à esquina da farmácia, ela

disse: “Espera aqui por mim. Esqueci-me de uma coisa. É só um instantinho.” Foi mais de um instantinho. Walter Mitty acendeu um cigarro. Começou a cair granizo. Ele ficou a fumar encostado à parede da farmácia... Endireitou os ombros e juntou os calcanhares. “Quero lá saber da venda”, disse Walter Mitty com desdém. Puxou uma última passa no cigarro e atirou-o para o chão. Depois, com o tal sorriso leve e rápido brincando nos lábios, olhou de frente para o pelotão de fuzilamento; hirto e imóvel, orgulhoso e desdenhoso, Walter Mitty o Invicto, enigmático até ao fim.

Boris Vian

A festa-surpresa de Léobille

Tradução de Daniel Siniavski

Boris Vian nasceu em 1920, em Ville d'Avray, nos arredores de Paris. De saúde frágil, não pôde frequentar a escola, sendo educado em casa por uma professora particular, o que não o impediu de se revelar um aluno brilhante e culto, a quem tudo interessa e apaixona. Dedicava uma atenção muito especial à música, aprende a tocar trompete, forma um grupo de jazz, ainda pouco conhecido na época, vindo a ser um dos divulgadores em França do swing e mais tarde do rock'n'roll nascente. Compôs várias canções que vieram a tornar-se famosas (entre elas o verdadeiro hino dos movimentos pacifistas de todo o mundo, *Le Déserteur*). Viria a morrer em 1959, em Paris.

Boris Vian escreveu vários romances, de que o mais conhecido é sem dúvida *A Espuma dos Dias* (1946).

Com o pseudónimo de Vernon Sullivan, escreveu também paródias de policiais americanos, que apresenta como sendo traduções e se tornam verdadeiros *best-sellers*, como *J'irai cracher sur vos tombes* (1947), *Les morts ont tous la même peau* (1947).

Os seus contos, muitas vezes dispersos por vários jornais e revistas, foram posteriormente reunidos em antologias, como *Les Fourmis* (1949), já traduzido em português, e *Les Luvettes Fourrées* (1962). O conto que incluímos neste número, publicado pela primeira vez no jornal *Samedi-Soir*, em 1947, foi depois integrado no livro *Le Loup-Garou* (1970). Tal como no resto da sua obra, também aqui está bem patente o estilo que o celebrou — um humor sardónico, provocatório, sempre surpreendente, cheio de jogos de palavras e interessantes inovações linguísticas.

I

As pálpebras de Folubert Sansonnet, batidas directamente pelo raio de Sol ondulado que atravessava a grelha das persianas, tinham do interior uma linda cor vermelha-alaranjada, e Folubert sorria no sono. Caminhava num passo leve pelo saibro branco, suave e quente, do jardim das Hespérides, e belos animais sedosos lambiam-lhe os dedos dos pés. Nesse momento, acordou; apanhou delicadamente, de cima do dedo grande do pé, *Frédéric*, o caracol domesticado, e voltou a colocá-lo em posição para a manhã seguinte. *Frédéric* bufou, mas não disse nada.

Folubert sentou-se na cama. Dedicava algum tempo, logo pela manhã, a reflectir para o resto do dia, e assim se poupava aos múltiplos dissabores em que se enredam os seres mal organizados, escrupulosos e inquietos, para quem a menor acção parece pretexto de divagações sem conta (desculpem-me a extensão da frase) e muitas vezes sem objecto, pois que o esquecem.

Folubert tinha de reflectir sobre:

1. Como se havia de arrear;
2. Como se havia de sustentar;
3. Como se havia de distrair.

E é tudo, porque era domingo e arranjar dinheiro constituía um problema já resolvido.

Folubert reflectia pois, e por esta ordem, nestas três coisas.

Dedicou-se com cuidado ao seu asseio, escovando os dentes vigorosamente e assoando-se aos dedos; depois vestiu-se. Aos domingos, começava pela gravata e acabava nos sapatos, era um exercício excelente. Tirou da gaveta um par de meias à moda, formadas por riscas alternadas: uma risca azul, risca nenhuma, uma risca azul, risca nenhuma, e assim por diante. Com este modelo de meias era possível pintar os pés da cor que se quisesse, e que se ficava a ver no meio das riscas azuis. Sentia-se tímido e por isso escolheu um frasco de cor verde-maçã.

Quanto ao resto, pôs o que vestia todos os dias, uma camisa azul e roupa interior lavada, pois pensava na terceira coisa.

O almoço foi um arenque furado, regado com óleo doce e um bocado de pão, fresco como um olho e, como o olho, orlado de longos cílios rosados.

Permitiu-se finalmente pensar no seu domingo.

Era o dia de anos do seu amigo Léobille e ia haver, em honra de Léobille, uma bela festa-surpresa.

À ideia das festas-surpresa, Folubert perdeu-se em demorado devaneio. Com efeito, sofria de um complexo de timidez e invejava secretamente a audácia dos praticantes do dia: gostaria de possuir a agilidade de

Grouzniê, aliada à fogosidade de Doddy, a elegância *smart* e sedutora de Rémonfol, a rigidez atraente do chefe Abadibada ou a pirataria deslumbrante de qualquer um dos membros do Club Lorientais.

E no entanto Folubert tinha umas belas pupilas castanhas-da-índia, cabelos suavemente soltos e um sorriso gracioso graças aos quais conquistava todos os corações, sem se aperceber. Mas não ousava tirar partido do seu belo físico e ficava sempre só enquanto os camaradas dançavam elegantemente o swing, o jitterbug e a barbette gaulesa com as raparigas bonitas.

Isto deixava-o muitas vezes melancólico, mas, à noite, os sonhos vinham consolá-lo. Via-se aí cheio de audácia e rodeado de raparigas bonitas, suplicantes, para que lhes concedesse a honra de uma dança.

Folubert recorda o sonho dessa noite. Havia uma pessoa lindíssima num vestido de crepe musselina azul-alfazema, e os cabelos loiros cobriam-lhe os ombros. Trazia uns lindos sapatos de serpente azul e uma pulseira curiosa que ele não conseguia agora descrever exactamente. No sonho, ela amava-o muito e, no fim, tinham partido juntos.

Evidentemente, beijara-a e talvez ela se tenha até deixado levar a conceder-lhe alguns favores suplementares.

Folubert corou. Teria bastante tempo para pensar nisso no caminho para casa de Léobille. Meteu a mão no bolso, verificou que tinha dinheiro suficiente e saiu para comprar uma garrafa de aperitivo de peçonha, a marca menos cara, pois nunca bebia.

II

No mesmo instante em que Folubert acordava, o Major, arrancado ao sono pela voz rouca da sua consciência perturbada, aterrou sobre o parquê viscoso do quarto com um gosto de ruim tintol corrente na boca.

O olho de vidro brilhava com um fulgor sinistro na penumbra e iluminava com uma claridade abjecta o lenço que estava a pintar; o desenho, representando, na origem, um busílis pastando no meio dos irmãos Pradoverde, tomou o aspecto de uma caveira veneziana, e o Major compreendeu que, nesse dia, tinha uma má acção a cometer.

Lembrou-se da festa-surpresa em casa de Léobille, e riu-se selvaticamente num riso sarcástico em ré sustenido, com uma nota desafinada, o que provava à saciedade as suas deploráveis disposições. Avistando uma garrafa de tintol, estancou de uma golada o fluxo tépido que lhe cobria o fundo e sentiu-se melhor. Depois, em pé diante do espelho, esforçou-se por se assemelhar a Sergeï Andrejef Papanine, em *Ivan o Terrível*. Não o conseguiu, por lhe faltar a barba. No entanto, o resultado foi bastante bom.

O Major voltou a rir-se sarcasticamente e retirou-se para o gabinete de trabalho a preparar a sabotagem da festa-surpresa de Léobille, de quem desejava vingar-se. Com efeito, Léobille andava, há algumas semanas, a espalhar os mais tendenciosos boatos sobre o Major, chegando ao ponto de dar a entender que este último estava a ficar honesto.

E isso merecia um bom castigo.

O Major era grande entendido em pôr à sua mercê todos os inimigos que calhava encontrar pelo caminho;

isto, por um lado, graças à sua grande má educação, e, por outro lado, devido à natural inclinação para a ronha e à maldade muito superior ao normal.

Não esquecendo o horrível bigodinho que cultivava perversamente por cima do lábio superior, impedindo os insectos de o atacar e cobrindo-o com uma rede, durante o dia, para que os pássaros nem sequer o tocassem.

III

Folubert Sansonnet deteve-se, comovido, diante da porta de Léobille e mergulhou o indicador da mão direita no buraquinho da campainha, agachada no fundo pois estava a dormir.

O gesto de Folubert acordou-a em sobressalto. Virou-se e mordeu cruelmente o dedo de Folubert, que desatou a ganir em tom agudo.

De imediato, a irmã de Léobille, que espreitava à entrada, veio abrir e Folubert entrou. De passagem, a irmã de Léobille colou um bocadinho de adesivo na ferida e tirou-lhe a garrafa das mãos.

Os acordes de um gira-discos ressoavam alegremente contra os tectos do apartamento e envolviam os móveis numa ligeira camada de música, mais clara e que os protegia.

Léobille estava em frente da chaminé e falava com duas raparigas. Ao reparar na segunda, Folubert ficou perturbado mas, como Léobille avançava para ele de mão estendida, teve de dissimular a sua emoção.

– Bom dia – disse Léobille.

– Bom dia – disse Folubert.

– Vou apresentar-te – disse Léobille. – Azyme (era a primeira rapariga), este é o Folubert, e esta é a Jennifer.

Folubert inclinou-se perante Azyme e baixou os olhos enquanto estendia a mão a Jennifer. Esta trazia um vestido de crepe musselina vermelho-glaucos, sapatos de serpente vermelha e uma pulseira muito especial que ele reconheceu imediatamente. Os cabelos ruivos cobriam-lhe os ombros e era em tudo semelhante à rapariga do sonho dele, o que é normal, pois os sonhos afinal passam-se à noite.

Léobille parecia muito ocupado com Azyme, pelo que Folubert, sem mais tardança, convidou Jennifer. Continuava de olhos baixos pois, diante dele, dois objectos interessantíssimos solicitavam o seu olhar sob um decote quadrado que os deixava respirar à vontade.

— É um velho amigo do Léobille? — perguntou Jennifer.

— Conheço-o há três anos — precisou Folubert. — Encontrámo-nos no judo.

— Você faz judo? Já alguma vez lutou para defender a vida?

— Bem... — hesitou Folubert, embaraçado. — Nunca tive ocasião... É muito raro lutar.

— Tem medo? — perguntou Jennifer, ironicamente.

Folubert detestava o caminho que a conversa estava a tomar. Tentou reconquistar o à-vontade dessa noite.

— Vi-a em sonhos... — arriscou.

— Nunca sonho — disse Jennifer. — Parece-me pouco provável. Deve ter feito confusão.

— Era loira... — disse Folubert, à beira do desespero.

— Está a ver — disse Jennifer —, não era eu... Eu sou ruiva...

— Era você... — murmurou Folubert.

— Não me parece — disse Jennifer. — Não gosto de sonhos. Gosto mais da realidade.

Olhou-o bem de frente, mas como ele tinha os olhos baixos não deu por ela. Não a apertava demasiado contra si, porque senão não veria nada.

Jennifer encolheu os ombros. Gostava de desporto e de rapazes audazes e vigorosos.

— Gosto de desporto — disse ela — e gosto de rapazes audazes e vigorosos. Não gosto de sonhos e mais viva não é possível estar.

Libertou-se dele, pois o disco terminava num horrível guinchar de travões, visto que o amigo Léobille tinha acabado de fechar, sem aviso, a passagem de nível. Folubert disse obrigado e desejaria tê-la retido com uma conversa hábil e sedutora, mas, no preciso momento em que estava prestes a descobrir uma fórmula verdadeiramente sedutora, um calmeirão horroroso esgueirou-se diante dele e enlaçou brutalmente Jennifer.

Horrorizado, Folubert recuou um passo, mas Jennifer sorria, e ele deixou-se cair, abatido, num profundo sofá de pele de odre.

Estava triste e apercebia-se de que afinal ia ser uma festa-surpresa como as outras, brilhante e cheia de raparigas bonitas ... mas não para ele.

IV

A irmã de Léobille preparava-se para abrir, mas deteve-se, estupefacta, ao ouvir uma detonação. Comprimiu com a mão as batidas do coração, e a porta cedeu sob o feroz pontapé do Major.

Este empunhava uma pistola fumegante, com a qual acabara de matar a campainha. As suas meias cor de mostarda eram um insulto ao mundo inteiro.

– Matei este bicharoco infame – disse ele. – Trate você da carcaça.

– Mas... – disse a irmã de Léobille.

Depois desfez-se em lágrimas, pois a campainha já estava com eles há tanto tempo que fazia parte da família. Fugiu a chorar para o quarto, e o Major, encantado, esboçou um passo de pança, enfiando depois a pistola no bolso.

Léobille chegava. Pleno de inocência, estendeu a mão ao Major.

O Major depositou nela uma enorme porcaria que acabara de apanhar à entrada do prédio.

– Arreda daí, pá – disse ele para Léobille. – Deixa passar... Há alguma coisa que se beba em tua casa?

– Há – respondeu Léobille com voz tremente. – Diz lá... Não vais partir nada...

– Vou partir TUDO – disse o Major friamente, mostrando os dentes.

Aproximou-se de Léobille e verrumou-lhe as órbitas com o olhar insustentável do seu olho de vidro.

– Então, andas para aí a dizer que eu trabalho, pá? – disse ele. – Andas a dizer que me tornei honesto? Atreves-te a uma coisa dessas?

Respirou profundamente e rugiu.

– Olha, pá, a tua festa-surpresa, bem podes dizer que vai ser de estalo.

Léobille empalideceu. Tinha ainda na mão a coisa que o Major lá pusera e não ousava mexer-se.

– Não... não queria vexar-te... – disse ele.

– Cala o bico, pá – disse o Major. – Por cada palavra a mais, haverá uma Majoração.

Depois estendeu o pé direito por trás das pernas de

Léobille, deu-lhe um empurrão brutal e Léobille caiu no chão.

Os convidados não tinham reparado em grande coisa. Dançavam, bebiam, conversavam, e desapareciam aos pares nos quartos livres, como acontece em todas as boas festas-surpresa, e Jennifer estava acompanhadíssima.

O Major dirigiu-se para o bufete. Não longe dali, Folubert, ainda desesperado, remordia-se no seu sofá. Ao passar, o Major levantou-o pela gola do casaco e pô-lo em pé.

– Anda beber – disse-lhe. – Nunca bebo só.

– Mas... É que eu nunca bebo... – respondeu Folubert.

Conhecia um pouco o Major e não ousava protestar.

– Vá – disse o Major –, nada de tretas!

Folubert olhou para Jennifer. Por sorte, ela estava voltada para o outro lado e conversava com animação. Por azar, é certo, havia três rapazes a rodeá-la e dois outros a seus pés, enquanto um sexto a contemplava do alto de um armário.

Léobille tinha-se levantado discretamente e preparava-se para se pirar sem ruído e alertar as forças guardiãs da ordem, mas reflectiu que, se as forças em questão se dessem ao trabalho de espreitar os quartos, arriscava-se, ele, Léobille, a passar a noite na esquadra.

Além disso, conhecia o Major e sabia bem que não o deixaria sair.

Com efeito, o Major vigiava Léobille e lançou-lhe um olhar que o imobilizou.

Depois, sempre a segurar Folubert pelos colarinhos, disparou a pistola e, sem fazer pontaria, fez saltar o

gargalo de uma garrafa. Todos os convidados se voltaram estupefactos.

— Fora daqui — disse o Major. — Os gajos fora daqui; as miúdas podem ficar.

Estendeu um copo a Folubert.

— Toca a beber!

Os rapazes deixaram as raparigas e começaram a sair. Não se resistia ao Major.

— Não quero beber — disse Folubert.

Olhou para a figura do Major e bebeu precipitadamente.

— À tua saúde, pá — disse o Major.

Os olhos de Folubert tombaram subitamente sobre o rosto de Jennifer. Estava junto às outras raparigas, a um canto, e fitava-o com desprezo. Folubert sentiu as pernas a fraquejar.

O Major esvaziou o copo de um trago.

Quase todos os rapazes tinham agora abandonado a sala. O último (chamava-se Jean Berdindin, e era um herói) pegou num cinzeiro pesado e atirou-o à cabeça do Major. O Major apanhou o engenho no ar e, em dois saltos, dirigiu-se a Berdindin.

— Tu... anda-me cá — disse ele.

Arrastou-o para o meio da sala.

— Vais agarrar uma destas raparigas, a que tu quiseses, vais despi-la e vais... (não posso repetir o que disse o Major, mas as raparigas coraram horrorizadas).

— Recuso — disse Berdindin.

— Pá, tem cuidado — disse o Major.

— Tudo, menos isso — disse Berdindin.

Folubert, apavorado, serviu-se maquinalmente de

um segundo copo e bebeu-o de um trago.

O Major não disse nada. Aproximou-se de Berdindin e agarrou-lhe um braço. Depois, deu-lhe uma volta muito rápida e Berdindin voou pelos ares. O Major aproveitou essa posição para lhe sacar as calças enquanto ele descia.

– Vá lá, pá – disse o Major –, prepara-te.

Olhou para as raparigas.

– Há alguma voluntária? – disse ele, sarcástico.

– Basta – disse Berdindin que cambaleava, estonteado, e tentou agarrar-se ao Major. Não foi grande ideia. O Major levantou-o e projectou-o para o chão. Berdindin fez “Pluf!” e ficou-se a esfregar as costelas.

– Eh, cenoura – disse o Major. – Chega cá.

– Deixe-me em paz – disse Jennifer, muito pálida.

Folubert esvaziou o quarto copo e a voz de Jennifer teve nele o efeito da pólvora. Girou lentamente nos calcanhares e fitou-a.

O Major aproximava-se dela e, com um gesto seco, arrancou a dragona do vestido vermelho-glaucó. (A verdade obriga-me a dizer que os espectáculos assim postos a descoberto eram agradáveis.)

– Deixe-me – disse Jennifer pela segunda vez.

Folubert passou a mão pelos olhos.

– É um sonho! – murmurou ele numa voz pastosa.

– Chega cá – disse-lhe o Major. – Vais segurá-la enquanto o gajo opera.

– Não! – urrou Berdindin. – Não quero!... Tudo, menos isso... Uma mulher, não!

– Bem... – disse o Major. – Eu sou um bom major. Virou-se de novo para Folubert sem largar Jennifer.

– Despe-te – disse ele – e trata do gajo. Eu trato dela.

— Recuso — disse Folubert.

— Como? — disse o Major.

— Recuso — disse Folubert. — E podes muito bem ir ver se se chove em mim lá fora. Já nos estás a chatear.

O Major largou Jennifer. Sorveu uma longa golfada de ar e o peito dilatou-se-lhe pelo menos um metro e vinte e cinco. Jennifer olhava Folubert surpreendida, não sabendo se devia voltar a puxar para cima o vestido ou se era mais avisado deixar que Folubert ganhasse forças contemplando aquele espectáculo. Decidiu-se pela segunda solução.

Folubert olhou para Jennifer e relinchou. Escarvou rapidamente o chão e carregou sobre o Major. Este, atingido no plexo solar, no momento em que acabava de dilatar o tórax, dobrou-se em dois com um ruído medonho. Voltou a levantar-se quase de imediato, e Folubert aproveitou para lhe aplicar um golpe de judo absolutamente clássico, aquele que consiste em dobrar as orelhas sobre os olhos do paciente ao mesmo tempo que se lhe sopra nos buracos do nariz.

O Major ficou azul-claro e sufocado. Nesse momento, Folubert, a quem o amor e o aperitivo decuplicavam as forças, introduziu a cabeça entre as pernas do Major, levantou-o e precipitou-o para a rua, através dos vidros do salão, por cima da mesa abundantemente guarnecida.

No salão, de novo calmo, de Léobille, houve um grande silêncio e Jennifer, sem subir o vestido, caiu nos braços de Folubert, que tombou no chão pois ela pesava uns sessenta quilos. Felizmente, o sofá de pele de odre estava atrás dele.

Quanto ao Major, o corpo ondulou rapidamente no ar e, graças a algumas rotações judiciosas, lá conseguiu

cair em pé; mas teve a falta de jeito de calhar em cima de um táxi vermelho e negro de tejadilho aberto que o levou para longe sem lhe dar tempo de perceber o que se passava.

Quando deu conta, mandou sair o motorista ameaçando-o com a maldade que lhe restava e dirigiu o táxi para a sua morada, a Villa Coração-de-Leão.

E depois, na estrada, como não queria dar-se por vencido, assassinou, por atropelamento, um velho vendedor das quatro-estações, três das quais às escondidas, felizmente.

V

E, durante todo o resto da noite, Folubert e Jennifer aplicaram-se a remendar o vestido dela. Jennifer tinha-o tirado para ser mais cómodo, e Léobille, reconhecido, emprestou-lhes, para a ocasião, o seu próprio quarto e o ferro de passar, eléctrico em cloasonado chinês, que recebera da mãe, que o recebera da avó, e que, na família, passava de geração em geração desde a primeira Cruzada.

Traduzir Vian é sempre um desafio, sobretudo pela variedade dos recursos utilizados. Na tradução deste conto, tentei seguir uma estratégia semelhante à do autor; procurando encontrar equivalentes fonéticos ou semânticos nuns casos, jogos verbais ou vocabulares noutros casos, jogos com os diferentes níveis de linguagem, ainda noutros.

Muitas destas soluções, por terem equivalência aproximada no português não precisarão de grandes explicações; noutros casos, as minhas soluções serão porventura mais discutíveis e por isso me parece oportuno apresentar os menos óbvios. O “arenque furado” (parodiando o arenque fumado) é uma alternativa ao “hareng en civière” (literalmente, “arenque em maca”, possivelmente a brincar com uma expressão corrente na culinária

francesa, "en lit de..."). Usei uma técnica semelhante no caso de "passo de panga" para traduzir o passo do Major "entre chien-et-loup" (uma paródia em que mistura a alusão a um passo da dança clássica, "entrechat", com uma expressão popular, "entre-chien-et-loup", usada para designar o lusco-fusco).

Para além destes e doutros jogos de palavras, há no conto outras "piscadelas de olho" de Vian, muitas vezes meramente pessoais, que nada têm a ver com a tradução.

A começar pelo "Major", que surge noutros livros do autor, e que não é mais do que o "petit nom" de Jacques Loustalot, amigo e quase irmão de Vian.

Outros exemplos: não há no filme Ivan o Terrível nenhum actor chamado Sergéï Andrejef Papanine; os irmãos Présvert (arbitrariamente traduzidos por irmãos Pradoverde) são uma alusão aos amigos e vizinhos do autor, Pierre et Jacques Prévert; também o Club Lorientais (e os nomes em código referidos a propósito) são uma alusão a um dos clubes de jazz mais famosos de Saint Germain-des-Près e aos seus frequentadores na época em que Vian escreve.



Mario Benedetti

A expressão

Tradução de Daniel Siniavski

Mario Benedetti nasceu em 1920, em Paso de los Toros, Uruguai. Estudou no Colégio Alemão de Montevideo, tendo depois exercido várias profissões, até se tornar conhecido como jornalista. Em 1973, teve de abandonar o país por razões políticas, dando início a um longo período de exílio na Argentina, Peru, Cuba e Espanha, até ao seu regresso ao Uruguai com a restauração da democracia no país, em 1985.

Autor de uma vasta obra literária, que inclui praticamente todos os géneros, desde letras de canções, até livros de poemas, ensaios, teatro, romances, como *Primavera rota con una esquina rota*, que recebeu o Prémio Chama de Ouro da Amnistia Internacional, em 1987.

Escreveu vários livros de contos, um género em que se distinguiu particularmente, de que se destacam: *Montevideanos* (1959), *La muerte y otras sorpresas* (1968), *Con y sin nostalgias* (1977), *Geografías* (1984), *Cuentos completos* (1995) e *Cuentos*, publicado em Espanha, de onde foi extraído o conto que aqui se inclui.

“Não escrevo para o leitor que virá, mas para o que aqui está, como que lendo o texto por cima do meu ombro”, escreveu o próprio autor, e esta preocupação de comunicação directa determina o recurso a um código facilmente decifrável pelo destinatário, uma linguagem simples, próxima do registo da linguagem falada.

Milton Estomba tinha sido um menino prodígio. Aos sete anos já tocava a Sonata N.º 3, *Op. 5*, de Brahms, e aos onze, o unânime aplauso de crítica e público acompanhou a sua série de concertos nas principais capitais da América e da Europa.

No entanto, quando fez vinte anos, pôde notar-se no jovem pianista uma evidente transformação. Começara a preocupar-se desmesuradamente com o gesto empolado, com a afectação do rosto, com o sobrolho carregado, com os olhos em êxtase e outros tantos efeitos afins. Chamava a tudo isso “a sua expressão”.

Pouco a pouco, Estomba foi-se especializando em “expressões”. Tinha uma para tocar a *Patética*, outra para *Meninas no Jardim*, outra para a *Polaca*. Antes de cada concerto ensaiava em frente do espelho, mas o público freneticamente fascinado tomava essas expressões por espontâneas e acolhia-as com ruidosos aplausos, bravos e batendo os pés.

O primeiro sintoma inquietante surgiu num recital de sábado. O público apercebeu-se de que se passava algo de estranho, e nos aplausos chegou a insinuar-se uma incipiente estupefacção. A verdade é que Estomba tinha tocado *A Catedral Submersa* com a expressão d'*A Marcha Turca*.

Mas a catástrofe sobreveio seis meses mais tarde e foi classificada pelos médicos como amnésia lacunar. A lacuna em questão correspondia às partituras. Num lapso de vinte e quatro horas, Milton Estomba esqueceu para sempre todos os nocturnos, prelúdios e sonatas que tinham figurado no seu amplo reportório.

O assombroso, o realmente assombroso, foi que não esquecera nenhum dos gestos empolados e afectados que acompanhavam cada uma das suas interpretações. Nunca mais pôde dar um concerto de piano, mas há uma coisa que lhe serve de consolo. Ainda hoje, nas noites de sábado, os amigos mais fiéis acorrem a sua casa para assistir a um mudo recital das suas "expressões". É unânime entre eles a opinião de que o seu *capolavoro* é a *Appassionata*.

(1950)

Woody Allen

A puta de Mensa

Tradução de Luísa Costa Gomes

Woody Allen, pseudónimo de Allen Stewart Konigsberg, nasceu em Brooklyn, Nova Iorque, a 1 de Dezembro de 1935. Depois de ter sido expulso da New York University e do City College iniciou a sua carreira como escritor para televisão e para comediantes de *stand up*. Só em 1964 passou a interpretar os seus próprios textos. O sucesso do seu primeiro guião, *What's new, Pussycat?*, de 1964, permitiu-lhe continuar a escrever para cinema. Argumentista e realizador dos seus próprios filmes, Woody Allen escreve também regularmente para o *New Yorker* e outros jornais e revistas.

A Puta de Mensa (The Whore of Mensa), originalmente publicado no *New Yorker*, foi depois incluído no primeiro livro de Woody Allen, *Without Feathers* (1975). Existe tradução portuguesa, *Sem Penas*, Bertrand, 1981. O título do conto brinca com a Sociedade Mensa, fundada em Inglaterra em 1946 por Roland Berrill e Lance Ware. Mensa é uma sociedade para os muitíssimo inteligentes, sendo único requisito para admissão um quociente de inteligência que se situe nos 2% do topo.

Isto há uma coisa quando se é detective, tem de se aprender a seguir os nossos palpites. É por isso que, quando me entrou pelo escritório um tremebundo monte de banha de nome Word Babcock e pôs as cartas na mesa, eu devia era ter confiado no arrepio que me subiu pela espinha.

– Kaiser? – disse ele. – Kaiser Lupowitz?

– É o que diz na minha licença – admiti.

– Tem de me ajudar. Sou vítima de chantagem. Por favor!

Tremia como o cantor de um conjunto de rumba. Empurrei um copo pelo tampo da secretária e uma garrafa de uísque de malte que tenho sempre à mão para fins não medicinais.

– E se te acalmasse e me contasses tudo?

– Você... não diz à minha mulher?

– Sê franco comigo, Word. Não prometo nada.

Tentou servir-se de uísque, mas ouvia-se o tilintar

do outro lado da rua, e a maior parte do líquido foi parar aos sapatos.

— Eu trabalho — disse. — Manutenção mecânica. Construo e distribuo *joy buzzers*. Está a ver — aquelas brincadeiras que dão choques às pessoas quando nos apertam a mão.

— E?...

— Há montes de executivos que gostam. Especialmente ali para a Wall Street.

— Vamos ao que interessa.

— Ando muito na estrada. E sabe como é... sinto-me só. Não é o que está a pensar. Percebe, Kaiser, basicamente sou um intelectual. É claro que um gajo pode conhecer todas as bimbis que quiser. Mas uma mulher mesmo cerebral... não se encontra assim do pé para a mão.

— Continua.

— Bem, ouvi falar de uma rapariga. Dezoito anos. Estudante em Yassar. Paga-se um tanto e ela vem discutir um tema qualquer... Proust, Yeats, antropologia. Troca de ideias. Está a ver a ideia?

— Nem por isso.

— Ou seja, a minha mulher é ótima, não me interprete mal. Mas não discute Pound comigo. Ou Eliot. Não sabia isso quando me casei com ela. Preciso de uma mulher que seja mentalmente estimulante, Kaiser. E estou disposto a pagar por isso. Não quero uma relação... quero uma experiência intelectual rápida, depois quero que a rapariga se vá embora. Que raio, Kaiser, sou casado e sou feliz.

— Há quanto tempo é que isto dura?

— Seis meses. Sempre que sinto desejo, ligo à Flossie.

É uma Madame, com mestrado em Literatura Comparada. E ela manda-me uma intelectual, percebe?

Portanto, era um destes tipos cuja fraqueza é mulheres muito inteligentes. Tive pena do pobre coitado. Calculei que devia haver muitos brincalhões na mesma situação, famintos por uma pouca de comunicação intelectual com o sexo oposto, e haviam de pagar fortunas por ela.

— Agora ela ameaçou contar à minha mulher — disse ele.

— Quem?

— A Flossie. Puseram o quarto do motel sob escuta. Têm fitas gravadas em que eu discuto *The Waste Land* e *Styles of Radical Will* e, bem, chegando a uma discussão profunda. Querem dez mil, ou vão falar à Carla. Kaiser, tem de me ajudar! A Carla morria se soubesse que não me excitava cá em cima.

O velho negócio das *call-girls*. Tinha ouvido uns boatos de que os rapazes na sede andavam atrás duma coisa que metia um grupo de mulheres cultas, mas ficou tudo em águas de bacalhau.

— Liga aí à Flossie.

— Quê?

— Vou pegar no caso, Word. Mas ganho cinquenta dólares por dia, mais despesas. Vais ter de consertar muitos *joy buzzers*.

— Não me vai custar dez mil, isso de certeza — disse ele. Num sorriso, levantou o auscultador e discou um número. Tirei-lho e pisquei o olho. Começava a gostar dele.

Segundos depois, respondia uma voz sedosa e eu disse-lhe o que queria:

– Parece que me pode ajudar a combinar uma hora de boa conversa – disse.

– Claro, querido. Qual era a tua ideia?

– Gostava de discutir Melville.

– *Moby Dick* ou os romances mais curtos?

– Qual é a diferença?

– O preço. Só isso. O simbolismo é pago à parte.

– Quanto é que isso me custa?

– Cinquenta, talvez cem para a *Moby Dick*. Queres uma discussão comparativa... Melville e Hawthorne? Podia arranjar-se isso por cem.

– Quanto à massa, tudo bem – disse eu e dei-lhe o número de um quarto no Plaza.

– Queres loira ou morena?

– Faz-me uma surpresa – disse eu e desliguei.

Fiz a barba e bebi café forte enquanto consultava a série de resumos do Monarch College. Menos de uma hora depois, batiam à porta. Abri, e à minha frente estava uma jovem ruiva, embalada numas calças à boça de sino, como dois grandes cones de gelado de baunilha.

– Olá, sou a Sherry.

Sabiam mesmo excitar-nos a fantasia. Cabelo comprido liso, carteira de cabedal, brincos de prata, sem maquilhagem.

– Até me espanta que a deixassem entrar vestida dessa maneira – disse eu. – O detective do hotel normalmente nota uma intelectual à léguas.

– Uma nota de mil acalma-o logo.

– Começamos? – disse eu, encaminhando-a para o divã. Ela acendeu um cigarro e pôs-se ao assunto.

– Acho que podíamos começar com uma abordagem do *Billy Budd* como a justificação que Melville dá

para os insondáveis desígnios de Deus para com o homem, *n'est-ce pas?*

— Mas o interessante, no entanto, é que não é no sentido miltoniano. — Eu estava a fazer *bluff*. A ver se ela caía.

— Não. *Paradise Lost* não tem a subestrutura do pessimismo. — Caiu.

— Certo, certo. Caramba, tem toda a razão — murmurei.

— Penso que Melville reafirmou as virtudes da inocência num sentido ingénuo e, no entanto, sofisticado — não concorda?

Deixei-a continuar. Nem devia ter dezanove anos, mas já ganhara o calo da facilidade do pseudo-intelectual. Matraqueou as ideias dela, toda ligeirinha, mas era tudo mecânico. Sempre que eu lhe dava uma ideia, ela fingia uma reacção.

— Sim, Kaiser, sim, filho. Essa é profunda. Uma compreensão platónica do cristianismo... como é que não vi isso antes?

Falámos aí uma hora e depois ela disse que tinha de ir. Levantou-se e eu dei-lhe nota vinte.

— Obrigada, querido.

— Podes ter muito mais.

— Que queres dizer?

Tinha-lhe picado a curiosidade. Sentou-se outra vez.

— Faz de conta que eu queria... fazer uma festa? — disse.

— Tipo, que tipo de festa?

— Imagina que queria duas raparigas a explicar-me o Noam Chomsky.

— Oh, uau!

— Mas se não quiseses...

– Terias de falar com a Flossie – disse ela. – E fica-te caro.

Era altura de apertar a tarracha. Mostrei-lhe o crachá de detective privado e informei-a de que ia dentro.

– Quê?

– Sou da bófia, filha, e discutir Melville por dinheiro é um 802. Vais cumprir pena.

– Miserável!

– É melhor confessares, rica. A menos que queiras contar a tua história no gabinete de Alfred Kazin, e acho que ele não ia gostar lá muito de a ouvir.

Pôs-se a chorar.

– Não me entregues, Kaiser – disse. – Precisava do dinheiro para acabar o mestrado. Não me deram a bolsa que pedi. Por *duas vezes*. Ó, meu Deus!

E lá veio o chorrilho todo – a história completa. Criada em Central Park West, campos de férias socialistas, Brandeis. Ela era todas as miúdas que já se viram na bicha do Elgin ou da Thalia, ou escrevendo a lápis as palavras “Sim, muito verdadeiro” na margem de um livro qualquer sobre Kant. Só que, algures, a coisa dera para o torto.

– Precisava do dinheiro. Uma amiga minha disse que conhecia um tipo casado cuja mulher não era lá muito profunda. Ele estava numa de Blake. Ela não dava. E eu disse, claro, se ele pagar, eu falo de Blake com ele. No princípio, estava nervosa. Fingi uma data de coisas. Ele não se importou. A minha amiga disse que havia outros. Oh, já fui presa antes. Fui apanhada a ler a *Commentary* num carro estacionado, e doutra vez fui detida e revistada em Tanglewood. Mais uma, e sou três vezes desgraçada.

— Então leva-me à Flossie.

Ela mordeu o lábio:

— A livraria de Hunter College é uma fachada.

— É?

— Como aqueles corretores de apostas que têm fachada de barbearia. Vais ver.

Fiz uma chamada rápida para a sede e depois disse-lhe:

— Tudo bem, filha. Estás safa. Mas deixa-te ficar por estas bandas.

Ela ergueu o rosto para mim, com gratidão.

— Posso arranjar-te fotografias do Dwight MacDonald a ler — disse.

— Fica para a próxima.

Entrei na livraria do Hunter College. O vendedor, um jovem de olhos sensíveis, veio ter comigo.

— Posso ajudar? — disse.

— Ando à procura de uma edição especial de *Advertisements for Myself*. Parece que o autor mandou imprimir uns milhares com rebordos dourados para os amigos.

— Vou ver — disse ele. — Temos uma linha verde para casa do Mailer.

Olhei-o fixamente.

— Foi a Sherry que me mandou — disse eu.

— Ah, nesse caso, passe lá para trás — disse. Carregou num botão. Abriu-se uma parede forrada de livros e eu entrei como um cordeirinho nesse trepidante palácio do prazer conhecido por Flossie's.

Papel de parede vermelho com uns relevos e um *décor* vitoriano davam o tom. Raparigas pálidas e nervosas, de óculos de aros pretos e cabelo cortado a direito esparramavam-se indolentes em sofás, folheando livros

de bolso da Penguin Classics, provocantes. Uma loura com um grande sorriso piscou-me o olho, indicou, num aceno de cabeça, um quarto no andar de cima e disse: “Wallace Stevens, hã?” Mas não eram só experiências intelectuais – também ofereciam experiências emocionais. Disseram-me que por cinquenta dólares se podia “ter uma relação sem intimidade”. Por cem, a rapariga podia emprestar-nos os seus discos de Bartok, jantar, e depois deixava-nos ficar a vê-la ter uma crise de angústia. Por cento e cinquenta, podia-se ouvir FM com gémeas. Por três notas, tinha-se o tratamento completo. Uma judia morena e magrinha fingia ir buscar-nos ao Museu de Arte Moderna, deixava-nos ler a tese de mestrado, metia-se connosco numa discussão de gritos no restaurante Elaine’s sobre a concepção freudiana das mulheres, e depois fingia um suicídio à nossa escolha – o serão perfeito, para alguns. Bela negociata. Grande cidade, Nova Iorque.

– Gostas do que vês? – disse uma voz atrás de mim. Virei-me e de repente dei de caras com o cano de um .38. Tenho o estômago forte, mas desta vez deu uma volta e tanto. Era mesmo a Flossie. A voz era igual, mas Flossie era um homem. Tinha a cara escondida por uma máscara.

– Não vais acreditar – disse ele –, mas nem grau académico tenho. Fui expulso por ter más notas.

– É por isso que usas máscara?

– Engendrei um plano complicado para assumir o controlo da *New York Review of Books*, mas para isso tinha de me fazer passar pelo Lionel Trilling. Fui ao México fazer uma operação. Há um médico em Juarez que dá às pessoas as feições do Trilling – e isso tem um preço.

E correu mal. Saí de lá parecido com o Auden com a voz de Mary McCarthy. Foi quando comecei a trabalhar à margem da lei.

Muito depressa, antes que ele pudesse premir o gatilho, entrei em acção. Lançando-me para a frente, dei-lhe com o cotovelo na queixada e agarrei na arma, enquanto ele caía para trás. Tombou por terra como um saco de batatas. Ainda estava a choramingar quando a Polícia chegou.

– Bom trabalho, Kaiser – disse o sargento Holmes.
– Quando despacharmos este tipo, o FBI quer ter uma conversa com ele. Uma coisita que mete uns jogadores profissionais e um exemplar anotado do *Inferno* de Dante. Levem-no, rapazes.

Mais tarde, nessa noite, procurei uma antiga cliente minha chamada Gloria. Era loira. Tinha-se formado *cum laude*. A diferença é que se tinha licenciado em educação física. Soube-me bem.

Raymond Queneau

(Da boa utilização dos calmantes)

Tradução de Manuel Resende

Raymond Queneau nasceu em 1903, em le Havre, e morreu em 1976, em Paris. Fez estudos de filosofia e ciência. Entra no grupo surrealista em 1924, rompendo em 1929. Faz trabalhos publicitários, jornalismo, trabalha na editora Gallimard como leitor de inglês (1938). Tendo sempre demonstrado um grande interesse pelas ciências e pelas literaturas lúdicas vem a dirigir a enciclopédia da Pléiade (Gallimard) a partir de 1954 e a fundar o Oulipo (Ouvroir de Littérature Potentielle) em 1960. Marcaram o seu tempo experiências como *Exercícios de Estilo* (uma pequena história corriqueira, contada por diversas personagens em diferentes estilos) e *Cem bilhões de sonetos* (um jogo poético com um conjunto de sonetos cujos versos se podem combinar entre si de diferentes maneiras, dando origem ao número de poemas do título). Escreveu também entre outras numerosas obras, *Zazie no Metro* e *Diário Íntimo de Sally Mara*. O conto incluído neste número da *Ficções*, publicado pela primeira vez em 1979, foi extraído de *Contes et propos* (*Contos e Ditos*), um livro que reúne alguns contos e textos curtos, publicado postumamente, em 1981.

I

Ai-nhá-nhá-nhá-nhá! Será que este paisano me vai obrigar a esperar muito assim, a mim, que ainda sou do tempo em que se serravam as pernas sem anestesia? Na verdade, a minha longevidade extraordinária permitiu-me percorrer o longo caminho que vai de Arcole a Moscovo e de Magenta a Reichshoffen para terminar na Avenida de Tourville, e de ver alguns destes maiores desde Marjolin até Nélaton. E fora precisamente um desses senhores que eu viera consultar, por causa dumas dores de cabeça.

Depois de fazer a continência, o médico pôs-se em sentido para inquirir do meu caso, que lhe expliquei por meio de alguns desenhos por mim traçados na parede; é que, como disse o baixinho da madeixa, um croquis diz-me mais do que o mais longo discurso.

As minhas explicações devem ter sido muito claras, pois, pegando num serrote, retirou-me uma lasca da cabeça, que examinou atentamente.

— Está a entrar-lhe o bicho — disse-me. — Temos de a substituir por outra de mogno.

— Mas assim fico a parecer um preto — exclamei.

— Então — replicou. — Já estou a ver o que precisa. Precisa duns calmantes.

II

— Ó papá, o qué que o senhor me vai fazer?

— Nada, rapaz, não vai fazer nada.

— Então, se ele não vai fazer nada porque que me trazem ao senhor?

— Porque estás com dores, nino, estás com dores.

— Ó papá, sabes melhor do que eu?

Ele já ia a dar-me a estalada, quando entrou um sujeito. O meu papá chamou-lhe senhor doutor.

— Então o que é que tem o miúdo?

— Dói-lhe a cabeça, senhor doutor.

— Se calhar, estuda de mais.

— Quem, ele? É um cábula!

Olha que esta agora, eu cá não sou nenhum cábula, por isso deitei a língua de fora ao papá.

O doutor olhou para ele e disse:

— Já estou a ver o que é, precisa duns calmantes.

III

O médico marcou-me consulta, e eu pensei cá comigo: porreiro, não vou ter de esperar.

Cheguei lá; quinze pessoas. Não fiquei nada contente. Felizmente, tinha lá revistas. Pus-me a olhar para as figuras. Doze pessoas. Fiz as palavras cruzadas. Oito pessoas. Fiz o problema de bridge, mas como não sei jogar, foi bastante difícil.

Por fim, chegou a minha vez.

Entrei. O médico disse-me: dispa as calças.

– Ah, desculpe – disse-lhe. – Vim cá porque me dói a cabeça.

– Ah ah, dor de cabeça – disse-me ele. – Tem ideias fixas?

– Tenho, fixas à cabeça.

– Consegue localizar a dor?

Localizar – que é que ele queria com aquele localizar? Mais uma palavra fina para assustar as pessoas.

– Vou examiná-lo – disse-me ele.

– Isso não é coisa difícil – disse-lhe eu e abri a boca e mostrei-lhe o dente do siso, o que está estragado.

Pôs-se a olhar para ele e disse-me:

– Já estou a ver o que é. Precisa duns calmantes.

Alexandre O'Neill

O cidadão Pipote

Alexandre O'Neill nasceu em 1924 e morreu em 1986, em Lisboa. É sobretudo conhecido como poeta, tendo publicado vários livros de que se destacam *No Reino da Dinamarca* (1958), *Poemas com Endereço* (1962), *Feira Cabisbaixa* (1979), *De Ombro na Ombreira* (1969). Colaborou em vários jornais e revistas, com crónicas posteriormente reunidas em livro, como *As Andorinhas Não Têm Restaurante* (1970).

Alexandre O'Neill não se pode considerar verdadeiramente um contista, embora alguns dos textos que publicou como crónicas, pela sua estrutura, pela história, pelas personagens, possam ser considerados ficções curtas que bem se podem integrar neste género. É o caso do texto que aqui incluímos, retirado do livro de crónicas *Uma Coisa em Forma de Assim* (1980).

Também aqui, como no resto da sua prosa, se revelam as características do seu humor irreverente, temperado pela auto-ironia, e uma certa ternura pelas personagens que evoca num estilo feito de frases quase lapidares, que em muitos casos entraram na língua, a lembrar por vezes o slogan publicitário, em que, aliás, era mestre.

Ainda bem que Pipote não é judoca. Pipote não passa de Suspensório Lilás. Pipote judoca seria o fim. Pipote entra nos eléctricos a ombro. Diz com licença depois de ter passado. Cheira a cebola e a camisa de anteontem. Fala curto. Assim tem mais tempo para chupar os dentes. Pipote usa elástico de câmara-de-ar a envolver a carteira. Traz negócios de ferro-velho, traz o filho nos estudos, traz uma viúva debaixo de olho. Agora que os móveis (quinanes, principalmente) estão a dar, Pipote vai comprar fragoneta. Já o vejo agarrado ao volante com medo que a fragoneta desalvore. Já o topo a fazer mudanças no joelho da viúva.

Contam-se muitas de Pipote. Parvenu, parvo nu, Pipote não é pior nem melhor, escusam de se estar a rir, que vocês. Pipote começou difícil. Vocês tiveram colégio, manteiguinha no pão, Bucha & Estica nas matinés de quinta-feira. Pipote teve cachações e casqueiro ao mata-bicho. Veio a pulso, Pipote – e com muita honra!

Das que se contam de Pipote, não sei ainda se conte a que me apetece contar. É que não é nada típica, sabem? Remonta aos 14 anos de Pipote, quando Pipote, quer dizer, ainda não era Pipote. Era o cédula Joaquim Serrano Deusdado – Quincarcvoeiro para os inimigos.

Não me faço mais rogado.

DE COMO JOAQUIM SERRANO DEUSDADO, ALIÁS, QUINCARVOEIRO, ALIÁS PIPOTE, DEIXOU APODRECER OS DENTES TODOS MENOS UM.

Às 6 horas da manhã, chutaram Quincarcvoeiro para a consulta externa de Todos-os-Martírios. Questão dum obcesso bochechado a aguardente e a raiz de alteia com desinflamação subsequente e recidivas de ganir. Bochecha infla, bochecha desinfla, a cara do pobre já era como um cartucho e o misérias estava por tudo.

A quatro de frente, de cara amarrada, a bicha para os serviços de Odontologia consumia-se e refazia-se ao longo das horas e dum corredor conventual. Quando chegou à porta da sala dos alicates, Quincarcvoeiro compreendeu, num ápice, a utilidade das bichas: terem cauda. Um menino que saía da sala segurava os queixos com a manita, vexado de todo, e dava pontapés de desespero na estúpida mãe carinhosa.

Uma cigana (sedentária) apiedou-se do chavalito probecito e começou a desenrolar uma lamúria meio rezada entrecortada de cuspinhadelas raivosas para o lado. Um digno velho remendado e limpo reprovava mudamente tudo, não escondendo, na sua sobrançaria, que só o mau destino fora responsável por ele se encontrar ali, misturado com a gentilha.

“Trezentos e quinze!”, disse uma voz entreportas que parecia mesmo a voz do creosote. Era a senha do Quincarcoveiro. Este deu um passo ao lado e uma grande coragem de fugir pôs-lhe as pernas em movimento. Pisgou-se para a cauda da bicha, a tomar tempo e balanço.

Ainda hoje o cidadão Pipote fala com um dentinho de orgulho desse caso da sua vida de rapazelho. Aliás, é sempre com orgulho que Pipote se revê em Quincarcoveiro, seu querido filho na perspectiva do tempo. Espero que a vossa credulidade chegue onde chegou a minha, quando ouvi esta história da infeliz boca do Pipote: três ou quatro vezes Quincarcoveiro foi atacado pela coragem de fugir, três ou quatro vezes se atrasou para a cauda da bicha, a tomar tempo e balanço. Ao meio-dia, na derradeira repescagem de senhas não respondidas, a bicha era Quincarcoveiro. Até que um dentista, alicate em punho, se avantajou nos umbrais.

Foi apanhado.

Já na cadeira, já de boca ocupada por ferros, dedos, espelinhos, o cédula Joaquim Serrano Deusdado tentou articular uma queixa, soprar uma indicação, subtrair-se o mais que podia à mordedura metálica dos alicates, que andavam, por ali, a planar de mão em mão. Os odontologistas trabalhavam rápida, firme, irrevogavelmente. Se os deixassem entregues à sua própria inércia, desdentariam o mundo mal o apanhassem a bocejar de tédio. Três dores agudas, fininhas. Uma patada no estribo da cadeira. Um compasso de espera com ferros a retinir, torneiras a trepidar, desconhecidos cheiros violentos a subirem-lhe ao nariz. Depois, um ríspido «abre mais a boca!». Abriu mais a boca. Não abriu os

olhos. O alicate veio, entrou. Sentiu o choque no alto da cabeça, por dentro. O alicate mordeu. Queriam virar-lhe a caixa dos pirolitos do avesso?

Descomandou-se. Gritou... Mas já, triunfante, o diabo-dentista lhe mostrava o dente, que o alicate continuava a morder.

E Pipote, hoje, comenta, num sorriso de aqueduto em ruínas:

— Sôr Aníbal (eu já lhe disse que não era Aníbal, que era O'Neill...), Sôr Aníbal, a vida é assim: o dente que me tiraram estava bom; o estragado cá ficou. Já passaram para cima de trinta anos e nunca mais voltei a esses diabos! Cá me vou governando com os dentes que tenho. Mas diga-se a verdade: o dente que me tiraram foi o único dente bom que eu tive.

E o aqueduto sorri, enquanto Pipote o vai chupando paulatinamente.

© Todos os contos publicados na revista *Ficções* têm direitos de autor, da revista ou dos próprios autores. Estes contos apenas podem ser usados com autorização expressa da revista ou dos autores, e de acordo com a legislação geral sobre direitos de autor.

© dos contos incluídos neste número:

Saki, © Doubleday & Company Inc., 1976; Dezső Kosztolányi, © Helikon, Budapeste, 1994; Boris Vian, © Christian Bourgois, 1970; Mario Benedetti, © Alianza Editorial, S.A. Madrid, 1997; Woody Allen, © Random House; Raymond Queneau, © Éditions Gallimard, 1981; Ring Lardner, © Orion Books, co. UK; o conto de Alexandre O'Neill é publicado com a amável autorização dos herdeiros do autor.

Foram feitos todos os esforços para localizar todos os titulares de direitos ainda em vigor. *Ficções* agradece todas as informações que lhe sejam enviadas sobre eventuais omissões ou erros, que serão corrigidos num próximo número da revista.

FICÇÕES n.º 1 (1.º semestre de 2000)

Edgar Allan Poe | Machado de Assis | Anton Tchekov | Italo Svevo |
Paul Auster | Agustina Bessa-Luís | Jaime Rocha | Fernanda Cachão |
Pedro Mexia

FICÇÕES n.º 2 (2.º semestre de 2000)

Denis Diderot | Horace Walpole | Franz Kafka | Vladimír Nabókov | Maria
Velho da Costa | Teresa Veiga | Isabel Boavida | Cláudia Clemente

FICÇÕES n.º 3 (1.º semestre de 2001)

Guy de Maupassant | Herman Melville | S. Y. Agnon | Dino Buzzati | Mário
de Carvalho | José Eduardo Agualusa | Mendes A. | José Luís Peixoto

FICÇÕES de férias (Julho de 2001)

Anton Tchekov | M. Teixeira Gomes | Ernest Hemingway | Vladimír
Nabókov | Flannery O'Connor | John Cheever | Julio Cortázar | Clarice
Lispector | John Updike | David Lodge

FICÇÕES n.º 4 (2.º semestre de 2001)

Ambrose Bierce | Henry James | Gertrude Stein | Marcel Aymé | Margaret
Atwood | Armando Silva Carvalho | Hélia Correia | Tiago Salazar

FICÇÕES n.º 5 (1.º semestre de 2002)

Heinrich von Kleist | Tommaso Landolfi | Jorge de Sena | Susan Sontag | Hans
Dekkers | José Mourão | Brigitte Martinez

FICÇÕES de comer (Julho de 2002)

Marcel Schwob | O. Henry | M. Teixeira Gomes | Robert Walser | Heinrich
Böll | William Maxwell | José Cardoso Pires | Dino Buzzati | Woody
Allen | Graham Greene | István Örkény | Patricia Highsmith | Andre
Dubus | Kazuo Ishiguro

FICÇÕES n.º 6 (2.º semestre de 2002)

Voltaire | Conde de Ficalho | Edith Wharton | Franz Kafka | Vladimír
Nabókov | Natalia Ginzburg | Kóstas Takhrzís | Giuseppe Pontiggia | Mary Lydon

Este número fora de série da revista *Ficções* é dedicado ao conto humorístico. Nele se apresentam contos representativos de vários géneros de humor — de Boccaccio a Alexandre O'Neill — e alguns contos humorísticos de autores como o Marquês de Sade ou Dostoievski, que não são conhecidos propriamente como humoristas. Temos, então, os grandes clássicos do humor inglês, Jerome K. Jerome, Saki e P. G. Wodehouse; temos o pai dos contistas americanos, O. Henry, inventor do conto curto contemporâneo com as suas histórias sempre com final inesperado; o também americano e popularíssimo James Thurber, criador da personagem Walter Mitty; Ring Lardner, jornalista desportivo e crónico do *baseball*; e o fresco Woody Allen dos anos setenta. Curiosamente, o *nonsense* aparece representado não por ingleses mas pelos autores franceses Raymond Queneau e Boris Vian, este último com o conto inédito em português *A Festa-Surpresa de Léobille*, uma orgia muito pouco ortodoxa. Inclui-se ainda um dos maiores humoristas de Espanha, hoje praticamente desconhecido em Portugal, Enrique Jardiel Poncela, o aclamado autor de *Mas... Terá Alguma Vez Havido Onze Mil Virgens?*; um conto bastante desconcertante do clássico húngaro Kosztolányi e um pequeno conto precioso do autor uruguaio Benedetti. A antologia fecha, e patrioticamente, com uma crónica-conto do nosso próprio Alexandre O'Neill, *O Cidadino Pipote*.

ISBN 972862509-X



9 789728 625092